Michel Sage

Madame Piper
e
A Sociedade Anglo - Americana de Pesquisas Psíquicas (Ed. 1902)

hachette LIVRE
BnF

MICHEL SAGE
MADAME PIPER E A SOCIEDADE ANGLO- AMERICANA
DE PESQUISAS PSÍQUICAS

Lançamento original:
Michel Sage - Madame Piper et la Société Anglo-Américaine pour les Recherches Psychiques
P.-G. Leymarie Éditeur.
42, Rue Saint Jacques, 42
Paris – 1902

Tradução: Octavio Cruz (1944)
Formatação: Irmãos W., Ery Lopes e Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada
© 2022

Distribuição gratuita:
Portal Luz Espírita
Autores Espíritas Clássicos

Michel Sage

Madame Piper e a Sociedade Anglo-Americana De Pesquisas Psíquicas

Prefácio
Camille Flammarion

Paris
1902

Sumário

Prefácio — pág. 11

Capítulo I - A mediunidade de Madame Piper. – Alguns dados sobre sua saúde e sobre a de seus ascendentes. – A mediunidade é uma nevrose? — pág. 16

Capítulo II - O Doutor Richard Hodgson. – Descrição do transe e do que se entende por um controle. – Madame Piper é uma medíocre criatura hipnótica. — pág. 22

Capítulo III - Primeiros transes. – Primeiras observações cuidadosas pelo professor William James, da Universidade de Harvard (Estado de Massachussets, Estados Unidos) — pág. 31

Capítulo IV - Hipótese de fraude. – Hipótese do estudo dos movimentos inconscientes dos músculos. – "Influência" deixada nos objetos. — pág. 38

Capítulo V - Uma sessão com Madame Piper. – Hipótese da transmissão de pensamento. – Alguns casos. — pág. 45

Capítulo VI - Phinuit. – Suas origens prováveis. – Seu caráter. – O que ele diz de si próprio. – Seu francês. – Seus diagnósticos médicos. – Não será ele mais que uma segunda personalidade de Madame Piper? — pág. 58

Capítulo VII - A carta de Hannah Wilde. – Primeiro texto dado por Phinuit. – Uma sessão com Madame Blodgett. – Só encontramos nesse caso leitura de pensamento. — pág. 71

Capítulo VIII - Comunicações de pessoas que sofreram das faculdades mentais. – Comunicações inesperadas por parte de desconhecidos. – Respeito devido aos comunicantes. – Predições. – Comunicações de crianças. — pág. 85

Capítulo IX - Novas considerações sobre as dificuldades do problema. – Quem foi George Pelham. – Desenvolvimento da escrita automática. — pág. 98

Capítulo X - Como George Pelham estabeleceu sua identidade. – Ele reconhece seus amigos, faz alusão a suas opiniões. – Reconhece os objetos que lhe pertenceram. – Pede serviços. – Suas afirmações errôneas são extremamente raras. — pág. 109

Capítulo XI - Filosofia de George Pelham. – Natureza da alma. – Os momentos que procedem à morte. – Estadia ou "outro mundo". – Ação no "outro mundo". – George Pelham contradiz Staiton Moses. – O espaço e o tempo no "outro mundo". – Como os espíritos nos vêm. – As comunicações. — pág. 122

Capítulo XII - William Stainton Moses. – O que George Pelham pensa sobre ele. – Como Imperator e seus guias substituíram Phinuit. — pág. 138

Capítulo XIII - O professor Hyslop e os jornalistas. – As supostas "declarações" de Madame Piper. – Precauções tomadas pelo professor Hyslop durante suas experiências. – Aspecto Atual das sessões. — pág. 149

Capítulo XIV - Comunicações de Robert Hyslop. – Particularidades de expressão. – Casos diversos. — pág. 159

Capítulo XV - Ainda a "influência". – Outros casos. – Estatística dos casos. — pág. 172

Capítulo XVI - Exame da hipótese da telepatia. – Alguns argumentos que tornam difícil sua admissão. Eu já disse, de

passagem, tudo o que se deve entender pela palavra telepatia. — pág. 180

Capítulo XVII - Considerações que apóiam fortemente a hipótese espírita. – A consciência e o caráter tornam-se idênticos. – A ação dramática. – Os erros e as confusões. — pág. 187

Capítulo XVIII - Dificuldades e objeções. – Identidade de Imperator. – Visão à distância. – Trivialidade das mensagens. – Filosofia espírita. – A vida no "outro mundo." — pág. 195

Capítulo XIX - Volta do médium à vida normal. – Conversas mantidas enquanto o médium parece suspenso entre dois mundos. — pág. 204

Capítulo XX - Os resultados obtidos são animadores. – É necessário resolver o problema. — pág. 210

Post Scriptum — pág. 216

Madame Piper (Leonora Evelina Simonds Piper)
(1859 – 1950)

Leonora E. de Piper, mais conhecida por Madame Piper, foi uma das mais célebres médiuns dos nossos tempos. Sua encarnação ocorreu no ano de 1859, nos Estados Unidos da América do Norte, e sua desencarnação no dia 3 de julho de 1950.

Foi médium por mais de 40 anos; as atas das suas sessões atingiram mais de 3.000 páginas. Nas investigações que tiveram lugar — as mais prolongadas da história do Espiritismo — foram dispendidos mais de 150.000 dólares.

Comentando a mediunidade de Leonora E. Piper, escrevia Charles Richet, em seu Tratado de Metapsíquica, página 36: "Madame Piper e Eusápia Paladino demonstraram sempre

perfeita complacência com todas as investigações científicas. Aceitaram todo o gênero de vigilância, apesar dos receios e das afrontas.

Graças a elas, em grande parte, a Metapsíquica conseguiu durante estes últimos anos, o progresso que alcançou. É preciso, pois, que os sábios do futuro guardem para uma e outra, igualmente para Daniel Douglas Home e Florence Cook, que as precederam, imorredouro reconhecimento".

William James, no ano de 1885, foi o primeiro homem de ciência que se ocupou da mediunidade da Madame Piper. O sucesso das investigações levadas a efeito teve o mérito de atrair a atenção de outros renomados pesquisadores, dentre eles o advogado, Richard Hodgson, antigo membro da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres e um dos mais criteriosos investigadores dos fenômenos espíritas, dada a sua fama de incrédulo e tenaz descobridor de fraude.

Após 15 anos de incessantes pesquisas, o Dr. Hodgson chegou à conclusão de que os fenômenos eram verídicos e que Madame Piper era médium de invulgar faculdade.

Hodgson submeteu Madame Piper a toda sorte de controle, contratou detetives que seguiam todos os passos da médium e de seu esposo com o objetivo de averiguar se um ou outro procurava se inteirar de fatos que diziam respeito à vida íntima das pessoas que freqüentavam as sessões.

Apesar de nada comprovar, fazia com que pessoas vindas de outras cidades, sem qualquer contacto com a médium assistissem as reuniões. Esses visitantes, sem qualquer círculo de amizade na cidade de Boston, eram admitidos no recinto das sessões quando a médium já estava em transe sonambúlico e saiam do local antes que o transe tivesse fim.

Nada conseguindo descobrir que pudesse constituir motivo de suspeita, o Dr. Hodgson planejou uma viagem à Inglaterra, onde Madame Piper não tinha qualquer conhecido, amigos ou parentes. Essa viagem teve início em 9 de novembro de 1889.

Desembarcando em Liverpool, foi cercada por membros da Sociedade de Investigações Psíquicas de Londres, os quais vigiavam para que não houvesse qualquer contacto da médium com eventuais auxiliares.

Hospedando-se, por alguns dias na residência de Sir Oliver Lodge, foram contratados novos serventes para a casa, nenhum dos quais sabia qualquer coisa das amizades ou vida de Lodge. Os registros familiares e álbuns de retratos da família foram guardados sob chave.

A bagagem da médium foi cuidadosamente revistada com o fito de constatar se não havia nela qualquer biografia de personagens ingleses contemporâneos, nada sendo encontrado.

No decurso de 88 sessões, Madame Piper revelou a todos os que tiveram a ventura de presenciar os fenômenos produzidos por seu intermédio, centenas de fatos que puderam ser comprovados em seus mínimos detalhes.

Lodge conseguiu registrar 41 casos de revelação de ocorrências com membros das famílias das pessoas presentes, todos eles verificados com minúcia.

Regressando aos Estados Unidos em 1890, Madame Piper desfrutava de extraordinária fama pelos feitos produzidos na Inglaterra.

Prosseguindo em sua missão, vários fenômenos tiveram lugar, graças ao espírito de George Pellew, jovem escritor e advogado que, em vida havia presenciado alguns fatos e que desencarnara em 1882, devido a violenta queda.

Em 1898, ao regressar de sua segunda viagem à Inglaterra, apareceu em cena nos Estados Unidos um novo céptico. Com a ajuda secreta do Dr. Hodgson assistiu incógnito a 17 sessões. Procedia com mais incrível cautela a fim de que a médium não se certificasse da sua presença, a carruagem usada para o seu transporte era completamente fechada, descia da mesma coberto com uma capa, entrava sorrateiramente na sala e tomava assento próximo à Madame Piper, permanecendo ali sem dizer palavra.

Sem muita delonga, a médium disse ao misterioso visitante como se chamava, o nome do seu progenitor, fornecendo uma série de pormenores sobre a sua vida e de membros de sua família. Pela primeira vez em sua vida, o visitante, James H. Hyslop, catedrático da Universidade de Columbia, ficou assombrado e confuso. Ante a evidência Hyslop, se convenceu da realidade, principalmente após ter confabulado com o espírito de seu próprio pai.

Madame Piper continuou suas sessões até 31 de julho de 1911, quando os espíritos recomendaram que deveria suspendê-las devido ao seu estado de saúde. Em 1924, entretanto, realizou algumas sessões especiais que foram as derradeiras.

Anuário espírita de 1967

Prefácio

Os Proceedings of the *Society for Psychical Research* ficarão na ciência do futuro como uma biblioteca de documentos do mais alto valor para o conhecimento da alma humana, entidade ainda tão misteriosa, assim hoje como na época em que Sócrates recomendava estudar a nós mesmos: Determinamos a posição do nosso planeta no Universo, medimos o sistema do mundo, pesamos os astros, analisamos sua constituição química, calculamos mesmo as distâncias das estrelas – e não conhecemos a nós mesmos!

Todavia, – lá está – parece, o estudo mais importante que podemos fazer. Mas depois de dois mil anos ensinaram-nos que era uma pesquisa inútil, perigosa e vedada. "Isto não vos compete, profanos; estamos aqui para vos ensinar a verdade que possuímos, que recebemos de Deus em pessoa; a alma nasce com o corpo, mas não morre com ele; ela é enviada ao inferno, ao purgatório ou ao céu. É muito simples, não vos deis ao trabalho de procurar outra coisa."

Houve pesquisadores, curiosos, alquimistas, feiticeiros, abstratos de quinta- essência, que tentaram evocar os mortos e que tiveram, na maior parte, decepções das mais estranhas ilusões. Esses pesquisadores não tinham razão, e, para prová-lo, a Inquisição os fez queimar aos milhares em todos os países, em Paris como em Roma, em Colônia como em Cádiz.

Chegaram os tempos, mas muito lentamente. Queimaram Giordano Bruno em Roma, porque ele ensinava a doutrina da pluralidade dos mundos; não fizeram o mesmo a Galileu porque ele deu a seus julgadores a honra de lhes declarar que o nosso planeta não girava; hoje não mais se queima ninguém, mas os jornais livres pensadores declaram que não há verdadeiros sábios senão aqueles que vão á missa. Sim, o progresso caminha... com sábia lentidão.

A liberdade de consciência é uma conquista da filosofia do século XVIII. Se não estamos muito distanciados dos tempos de Voltaire, o estamos mais dos de Carlos magno ou do imperador Valens. Lê-se em Amien Marcellin que, sob o reinado desse último príncipe, dois "astrólogos", Hilarius e Patricius ousaram consultar um guéridon (1) para perguntar a um espírito batedor o nome da personagem chamada pelo Destino para suceder ao trono do Império. Nesse tempo servia-se de uma bandeja metálica, circular, em torno da qual estavam gravadas as vinte e quatro letras do alfabeto. Um experimentador tomava um fio de seda, na ponta do qual uma argola era suspensa. Essa argola oscilante ia tocar uma letra, depois outra e formava assim, certo, o historiógrafo de respostas em versos de uma prosódia perfeita.

(1) Mesa de um pé só, usada nas sessões espíritas. (Nota do tradutor).

O espírito ditou as letras T – H – E – O – D. Como os assistentes pensavam em Theodoro, eles mesmos completavam a palavra. Citados diante de um tribunal que os condenava, eram depois, simplesmente *golpeados aos pouquinhos*, para que aprendessem a se conduzir mais convenientemente.

Assim era pelo ano de 370. Durou longo tempo a perseguição, porquanto a última vítima de processos de feitiçaria foi Anna Goeldi, supliciada em Glaris (Suíça), em 17 de junho de 1782.

Durante esses quatorze séculos, foram executadas mais de um milhão de homens e mulheres sob o pretexto da bruxaria.

A segunda metade do século XIX foi assinalada por uma espécie de renovação dessas curiosidades místicas, inaugurada pela eclosão de experiências espíritas, em 1853, nos Estados Unidos, na Alemanha e na França. Essas experiências sobre as mesas giratórias e sobre o batimento de pancadas eram, aliás, mais depressa encaradas no sociedade como passatempo, mais ou menos anódino. À parte algumas exceções, não se descobriam nelas qualquer novidade que nos pudesse instruir sobre a existência da alma, antes, durante e após a vida terrestre. Demais as tentativas feitas por alguns experimentadores criteriosos para obterem alguma claridade sobre os problemas do Além-túmulo tornaram-se infrutíferas e desanimadoras.

A Sociedade de Pesquisas Psíquicas, fundada em 1882, colocou a experimentação espírita sobre o seu verdadeiro terreno – o terreno científico. Há tantas ilusões, tantos erros e, ainda mais, tantas fraudes nessa espécie de experiência, que não se saberia opor muito espírito crítico à discussão dos fenômenos observados. Aqui mais que em outro lugar, talvez o método experimental se impõe. Ora, é precisamente este método que foi seguido a rigor pelos observadores da mediunidade de Madame Piper – os professores Hodgson e Hyslop.

O Senhor Hyslop, professor de lógica na Universidade de Nova York, reuniu em um grosso volume de 649 páginas as comunicações verbais detalhadas de dezesseis sessões de Madame Piper, recebidas entre 23 de dezembro de 1898 e 8 de junho de 1899, volume esse que forma o tomo XVI dos Proceedings da Sociedade Psíquica, dos quais os quatro primeiros tomos já tinham sido consagrados, em parte, ao mesmo estudo, e

continham um número considerável de sessões anteriores. É um trabalho imenso que não tem semelhante na França, a não serem as pesquisas tão conscienciosamente feitas por meu amigo, o sábio Albert de Rochas, sobre as forças não definidas – a exteriorização da motricidade e os diversos estados da hipnose. Essas publicações técnicas inglesas são pouco conhecidas na França e, aliás, de leitura bastante difícil.

Devemos felicitar o Senhor Sage, por ter extraído desses longos e perseverantes estudos psíquicos em torno de Madame Piper os relatórios tão curiosos que compõem esse volume de leitura fácil e apropriada aos hábitos franceses. Devemos felicitá-lo também por ter conservado na sua obra o método científico sem o qual aqueles relatórios perderiam grande parte do seu valor. Não devemos ser incrédulos nem crédulos.

A fraude parece eliminada das hipóteses explicativas, no que concerne a Madame Piper. As precauções foram tomadas. Os fatos citados podem ser considerados como reais.

Quanto a explicá-los, não estamos ainda em condições de fazê-lo. Todas as faculdades novas atribuídas à subconsciência e todas as visões à distância da telepatia tornam-se insuficientes.

A hipótese espírita de uma comunicação com as almas desencarnadas é a que mais se aproxima das teorias explicativas reclamadas por nossos espíritos, talvez um pouco impacientes. Mas é uma hipótese não demonstrada ainda e cheia de dificuldades em grande número de casos.

A voz e a mão do médium não são, certamente, aqui senão meios intermediários.

Intermediários de quê, de quem?

Dos mortos? Não vamos tão depressa. Esse bravo Phinut, que encontrareis muitas vezes nas páginas seguintes não pode por si

só nos dizer exatamente o que ele era na terra, como se chamava, onde e quando viveu. Não seria, portanto, difícil para a subconsciência de Madame Piper ou para um espírito qualquer inventar uma história plausível – o que em geral disso não se abstém.

Acaso não fez ainda Phinuit parte de nossa espécie humana terrestre?

Detenho-me, porém. Não é aqui o lugar de abrir uma longa discussão. Quis somente apresentar esta obra do senhor Sage aos leitores que se interessam por essas questões, e desejo que esses estudos experimentais positivos sejam continuados em toda a parte onde tais misteriosos fenômenos poderão ser observados. O conhecimento da alma humana, como entidade psíquica e física, será a ciência de amanhã.

Camille Flammarion

Capítulo I

A mediunidade de Madame Piper. – Alguns dados sobre sua saúde e sobre a de seus ascendentes. – A mediunidade é uma nevrose?

Madame Piper é o que os espíritas chamam um *médium* e o que os psicólogos ingleses denominam um *automatista*, quer dizer, uma pessoa que parece, por momentos, emprestar seu organismo a seres imperceptíveis aos nossos sentidos, para lhes permitir manifestarem-se em nós. Eu disse que parece, não disse que seja. A existência desses seres problemáticos é difícil de admitir-se por grande número de razões. Nós a negaremos ou ficaremos céticos, até o dia em que a evidência seja a mais forte.

A mediunidade de Madame Piper é uma das mais perfeitas jamais apresentadas. Em todo o caso, essa mediunidade é, por certo, a que foi estudada mais demorada e cuidadosamente por homens de grande competência. Membros da Sociedade Anglo - Americana de Pesquisas Psíquicas estudaram os fenômenos apresentados por Madame Piper, durante quinze anos consecutivos. Tomaram todas as precauções que exigiam a estranheza do caso, as circunstâncias e o ceticismo ambiente; consideraram e pesaram minuciosamente todas as hipóteses. Doravante os psicólogos mais oficiais não poderão ignorar esses fenômenos, quando edificarem seus belos sistemas. De boa ou má vontade eles deverão examiná-los e lhes dar uma explicação qualquer, explicação que suas idéias preconcebidas tornarão talvez difícil.

Devemos louvores e vivo reconhecimento aos homens que têm estudado o caso de Madame Piper. Mas não devemos menos à própria Madame Piper, que se prestou a todas as investigações e a todas as experiências, com boa disposição e boa fé. Sua sinceridade não causou sombra de dúvida a todos aqueles que tiveram com ela relações nem sempre constantes. Ela não pensou exercer sacerdócio de um novo gênero; compreendeu que apresentava uma anomalia interessante para a ciência e permitiu à ciência estudá-la. Não está aí, é certo, o caso de uma alma vulgar. Seu exemplo, assim, de resto como o da senhorita Smith, da qual falava recentemente o professor Flournoy, (2) merece ser elogiado.

(2) Des Indes à la Planète Mars; étude sur un cas de somnambulisme, por Th. Flournoy. Pub. Alcan, Paris.

Se os fenômenos estranhos da mediunidade não são ainda estudados tão cuidadosamente e por homens como se desejava, a culpa principal é dos sábios, está entendido. Muitos dentre eles não vêem com bons olhos casos mesmo irrecusáveis que destroem brutalmente sistemas penosamente edificados e sobre os quais se achavam apoiados durante toda a vida. Mas a culpa é muitas vezes também dos médiuns cuja vaidade é ás vezes grande e cuja sinceridade não está sempre fora de discussão.

Madame Piper é uma americana. Não encontro em nenhuma parte indicando o lugar do seu nascimento; mas deve ser em Boston, onde ela mora há muito tempo. Seu marido é empregado em um grande armazém dessa cidade. Madame Piper é de temperamento mais caseiro que de outra natureza. Certo, ela viajou. Mais de uma vez consentiu em abandonar seu ambiente costumeiro para afastar dela toda suspeição de fraude; realizou sessões em Nova York e em outros lugares; veio à Inglaterra onde ficou cerca de três meses. Mas o enfado e a nostalgia não tardam a

tomá-la, se fica muito tempo fora de casa e, sobretudo, se não tem perto dela os filhos.

Sua educação não parece ter sido muito esmerada. Sem dúvida leu muito, como todas as americanas, mas, ao acaso, e, provavelmente, de modo muito superficial. Sua linguagem é vulgar e muitas vezes até trivial; mas não descubro na documentação a seu respeito que haja trivialidade na sua alma; a linguagem pode ser trivial sem que as idéias o sejam. Em suma, Madame Piper é uma criatura muito simpática.

O ponto tocado para interessar especialmente os sábios e, sobretudo, o médico, é o estado de saúde e a hereditariedade mórbida de Madame Piper. Estamos pouco informados a respeito. Não encontramos nenhuma informação circunstanciada sobre este ponto importante. Madame Piper esteve seriamente enferma em 1890; houve um médico que a tratou durante vários meses seguidos. Demais esse homem assistiu a uma sessão mediúnica que ela realizou em 4 de dezembro desse mesmo ano de 1890. Vê-se que ele estivera em boas condições para estudar de perto o nosso assunto. O Dr. Hodgson pediu-lhe um relatório, que seria anexado aos outros documentos. Mas aquele médico tinha a prudência da serpente. Prometeu tudo a princípio, mas depois de desdisse e recusou absolutamente fornecer a menor informação.

O Dr. Hodgson estabeleceu em torno do assunto uma série de perguntas, com o fim de saber qual era, principalmente, no ponto de vista neuropático, o estado de saúde de seus antecedentes. Ela pertencia a uma família que parece ter sido bastante saudável e que também não parece ter sido de modo algum sujeita a doenças nervosas. Se avô paterno morreu de velhice com a idade de noventa anos; sua avó do mesmo lado vivia ainda em 1890. Seus pais tiveram doze filhos, dos quais oito eram ainda vivos em 1892;

os outros morreram em pequena idade. Seu avô do lado materno morreu com oitenta anos de uma doença do coração; sua avó por parte de mãe morreu subitamente, mas também já tinha mais de oitenta anos; até o dia de sua morte guardava a plenitude de suas faculdades mentais. Seus avós maternos também tiveram doze filhos; seis meninos e seis meninas. Entre os seis meninos, um morreu em pequena idade, dois viviam ainda em 1892; três outros sucumbiram de doenças do coração, com idades bastante avançadas. Das seis meninas, duas morreram pequenas, uma de hemorragia e a outra de um câncer; uma terceira morreu de diabete, muito tempo antes de atingir a velhice e das três restantes uma era a mãe de Madame Piper; viviam também em 1890.

São estas as informações de todo insuficientes – convir-se-á. Pode-se viver muito tempo arrastando durante toda a vida taras nervosas, mesmo graves. Além disso encontramos um caso de diabete e de doenças do coração, mas somos bem constrangidos a nos contentar com algumas informações sobre este ponto importante. Os irmãos de Madame Piper gozam de excelente saúde, salvo um deles, mais jovem que ela e que tem sido um valetudinário. Ele é de temperamento nervoso, se bem que os médicos não tenham atinado com o diagnóstico de uma doença nervosa determinada; mais de uma vez chegou a cair em síncope. Esses fatos, porém, não são conhecidos fora da família; quanto a ele, não se prestaria a investigações por parte de um estranho.

O que há de mais interessante ainda que o estado de saúde dos ascendentes de Madame Piper é o seu estado de saúde geral, porque a maior parte dos médicos não querem ver na mediunidade senão uma nevrose, irmã ou prima da histeria ou da epilepsia. É inegável que muitos médiuns apresentam taras

psicológicas. Eusápia Palladino tem uma depressão no pariental esquerdo e o famoso Slade era hermafrodita. Mas por outro lado, a senhorita Smith, de Genebra, estudada pelo professor Flournoy, parece gozar de saúde tão perfeita como ninguém, de uma saúde mesmo próspera. Talvez se se quisesse investigar bem, encontrar-se-ia nela alguma coisa que faz contínuo o seu vigor; mas não existe, provavelmente, homem ou mulher, que tendo deixado um traço mórbido, não tenha na sua ascendência qualquer hereditariedade.

No que concerne a Madame Piper, ela parece ter gozado de saúde irrepreensível até 1882 ou 1883. Não encontro indicada a data certa. Por essa época veio-lhe um tumor em seguida a uma pancada. Madame Piper tinha sido violentamente atropelada por um trenó. Acreditava-se ser um câncer; isto mesmo é que determinou a sua mediunidade; até essa época nada de anormal, em absoluto, se tinha passado com ela. Em 1884 os pais de seu marido tinham realizado com um médium uma sessão espírita, que lhes tinham impressionado vivamente. Eles não cessavam de aconselhar a sua nora que fosse tomar a opinião de um médium que dava consultas médicas. Foi para lhes satisfazer que ela foi à casa de um médium cego de nome J. R. Cocke, e foi lá que teve o seu primeiro desfalecimento, isto é, o seu primeiro transe. Mais adiante voltaremos a este ponto.

É preciso crer que a receita do médium não teve mais influência sobre a doença que as receitas dos médicos comuns, porque durante muito tempo esse tumor continuou a fazer bastante precária a saúde de madame Piper. Somente em 1893 foi que ela se decidiu a sofrer uma operação cirúrgica – a laparatomia. A operação foi procedida sem complicações de qualquer espécie e a convalescença foi rápida. Entretanto, em 1895, as conseqüências

dessa operação lhe valeram uma hérnia séria, que necessitou uma segunda operação, em fevereiro de 1896. O restabelecimento só se completou em outubro desse mesmo ano.

Muitas pessoas estarão dispostas a acreditar que o tumor de Madame Piper é a explicação de toda a sua mediunidade, tanto mais que essa mediunidade só apareceu após o tumor. Todavia, é um fato que parece indicar não estarem eles com a verdade. Quando Madame Piper está enferma, sua mediunidade se atenua ou vem a ser muito pouco lúcida; ela só transmite então comunicações falsas. A síncope ou o "transe" que é fácil quando Madame Piper está com saúde, passa a ser difícil ou mesmo impossível quando ela está doente. Depois da última operação sua saúde tem sido boa. As síncopes são brandas e as comunicações obtidas nesse estado têm adquirido um grau de coerência e de plausibilidade que antes lhe faltavam. Se então a doença determinou a aparição da mediunidade de Madame Piper, o retorno à saúde estranhamente favorecido tem estranhamente favorecido o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dessa faculdade.

Parece haver nisso uma contradição. Não sou competente na matéria mas tenho pesar de crer, não obstante, examinando os fatos, que a mediunidade não seja senão uma nevrose.

Contudo, não há sábios famosíssimos que pretendem que o gênio não é mais que uma nevrose? Para eles o bandido não é senão um doente; mas o homem de gênio não é mais que um doente também.

Decididamente nossa humanidade é mais piedosa agora do que seríamos levados a crer, se é verdade que para ela o melhor e o pior são faces opostas da mesma medalha.

Capítulo II

O Doutor Richard Hodgson. – Descrição do transe e do que se entende por um controle. – Madame Piper é uma medíocre criatura hipnótica.

Antes de continuar, peço permissão aos meus leitores para apresentar o homem que estudou com o máximo cuidado e constância o caso de Madame Piper. O Dr. Richard Hodgson foi ter à América, expressamente para observar o nosso médium e, depois de quase quinze anos, ele, por assim dizer, não a perdeu de vista um só instante. Passado já muito tempo todos os que querem conseguir uma sessão devem penetrar nesse recinto por intermédio do Dr. Hodgson, que os introduz sob nomes supostos, tomando todas as precauções possíveis para que Madame Piper no seu estado normal não possa obter deles a menor informação. Essas precauções são hoje supérfluas. Madame Piper jamais teve recursos na fraude e disso se está sobejamente convencido. Mas bastaria que a vigilância se afrouxasse para que a maledicência apresentasse como suspeitas as experiências mais honestas.

Richard Hodgson é doutor em direito. Alguns pretenderão, talvez, que o seu título não o recomenda muito para semelhante estudo. Não penso assim. Demais, os diplomas jamais fizeram sábios. Pasteur não era médico. Depois nós temos aqui um assunto para um gênero de estudos um tanto particular, e é um erro crer que afora os médicos faltem homens habituados às experiências de laboratório.

Não temos aqui causa com a matéria propriamente dita, sempre obediente às mesmas leis; temo-la sim, com espíritos humanos variáveis e multiformes, dispondo de uma vontade própria que está muitas vezes em contradição com a nossa. Os fenômenos que nos ocupam são freqüentes, mas não são reproduzíveis à vontade, como uma experiência de física ou de química. Trata-se, então, não de reproduzi-los diante de um auditório, por exemplo, mas de observá-los com todo cuidado necessário, quando eles se apresentam. Ora, um homem de lei, digno desse nome, deve ser um profundo psicólogo, e ele é igualmente bem qualificado para observar fenômenos mediúnicos, como um doutor em medicina.

O Dr. Hodgson é um dos primeiros obreiros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Foi durante toda a sua vida um terrível inimigo da fraude. Quando a Sociedade foi instituída, a fundadora da Sociedade Teosófica, Madame Blavatsky, costumava falar muito dele. Fenômenos dos mais extraordinários se reproduziam na sede central da Sociedade Teosófica, nas Índias. O Dr. Hodgson para lá foi enviado, com o fim de os estudar com imparcialidade.

Depressa percebeu que tudo aquilo era charlatanismo indigno e prestidigitação. De volta à Inglaterra escreveu um relatório que só não matou a teosofia porque as religiões, mesmo nascentes, têm vida forte, mas que desacreditou essa doutrina para sempre aos olhos das pessoas mais criteriosas. Depois então os teósofos mudaram suas baterias, não provocam mais fenômenos, têm mesmo por todos os fenômenos físicos um desprezo profundo. Possuem um método transcendente de pesquisas deles mesmos, mas que não está ao alcance da inteligência comum dos mortais, e a humanidade não está perto de julgar o seu valor.

Depois desse golpe de mestre, o Dr. Hodgson não cessou de dar caça aos médiuns fraudulentos. Iniciou-se em todos os seus

truques e adquiriu habilidade de prestidigitador. Foi ele ainda quem descobriu as fraudes inconscientes (3) de Eusápia Palladino durante as sessões que este médium italiano realizou em Cambridge.

(3) Na opinião das principais testemunhas das sessões de Cambridge as fraudes de Eusápia Paladino não eram inconscientes. O Sr. Myers disse, no relatório da Sociedade imediatamente após as sessões: – "Eu não tenho dúvidas de que observamos fraude bastante consciente e deliberada, de uma espécie que deve ter sido preciso longa prática para realizá-la ao seu nível atual de habilidade." – Journal of Society for Psychical Research de 1895, p. 133, Trans.

Quando semelhante homem, após ter estudado tanto tempo os fenômenos de Madame Piper, nos vem afirmar a sinceridade dela, nós o podemos acreditar. Ele não é um ingênuo, não é um enfatuado nem um místico. Falei dele um pouco longamente porque pela força das circunstâncias o seu nome aparecerá muitas vezes neste estudo. Voltamos agora a Madame Piper e falemos dos fenômenos que nos interessam especialmente.

Madame Piper cai em transe espontâneo, sem a intervenção de qualquer magnetizador. Vou dizer por alto o que é preciso entender por essa palavra "transe".

Tomaram-na de empréstimo aos autores ingleses e, visto que enfim nos falta uma palavra nova para uma coisa nova, não vejo porque se iria buscar uma outra... se se tomasse um termo ao vocabulário do hipnotismo, lançar-se-ia confusão no espírito do leitor.

O professor Charles Richet foi um dos que realizaram com o nosso médium uma sessão durante a sua estadia em Cambridge. Eis em que termos ele descreveu o transe:

"... Ela tem necessidade para o seu transe de agarrar a mão de alguém. Segura então a mão de qualquer pessoa durante alguns minutos, ficando em silêncio e em semi-obscuridade.

No fim de algum tempo – de cinco a quinze minutos – ela é tomada de pequenas convulsões espasmódicas que se vão exagerando, terminando por uma pequena crise epileptiforme bem moderada. Ao sair dessa crise cai em estado estupor, com respiração um tanto estertorosa, que dura cerca de um ou dois minutos; depois, de repente, irrompendo a voz, sai desse estupor. Sua voz transformou-se; não é mais Madame Piper que está ali, mas outra personagem – o Dr. Phinuit – que fala com voz grossa, com ares viris e com acento misturado de uma algaravia de negro, com francês e dialeto americano."

O professor Oliver Lodge, um homem respeitado nos meios científicos da Inglaterra, membro da Sociedade Real, como William Crookes, descreveu o começo do transe, pouco mais ou menos nos mesmos termos, no notável relatório que publicou em 1890, sobre as sessões que realizou com Madame Piper. Lodge notou também a pequena crise epileptiforme, se bem que, ajunta ele, não sendo médico, seja apenas semi-competente. (4)

(4) Proc. of the S.P.R., vol. vi. p. 444.

A personalidade de Phinuit, da qual o professor Richet fala na passagem citada, é o que os ingleses chamam um "controle". Controle é ainda um termo que me proponho a lhes tomar emprestado. E por que não, suposto que estejamos bem certos do sentido que convém atribuir-lhe? "Controler" tem, em inglês, o sentido de ser diretor, condutor, senhor de alguma coisa. O "controle"5 é então aqui o ser misterioso que é, temporariamente, diretor do organismo6 de um médium. Esses controles não são mais que segundas personalidades, ou melhor, como pretendem, são espíritos humanos desencarnados, espíritos de homens

mortos que voltam a se comunicar conosco, servindo-se de um aparelho em transe como de uma máquina? Pouco importa; convém nomeá-los. Phinuit foi um dos principais guias de Madame Piper, mas está longe de ser o único. Foram, ao contrário, legiões, e – coisa estranha! – esses guias têm a aparência de personalidades tão distintas quanto possível, cada qual com a sua linguagem, sua crença, suas opiniões, seus tiques particulares. Se não são segundas personalidades de Madame Piper, o cérebro desta é um mundo só para ela. Perto desse cérebro o Proteu da fábula não deve ficar muito orgulhoso de suas proezas.

(5) Controle é o termo que em espiritismo, no Brasil, se denomina guia, protetor. Daqui por diante traduziremos a palavra controle por guia. (Nota do tradutor)

(6) Organismo é o que nós chamamos aparelho, aparecerá também sempre traduzido por este último termo. (Nota do tradutor)

Com o aperfeiçoamento e o desenvolvimento de sua mediunidade, o transe de Madame Piper mudou um pouco de aspecto. Outrora os guias comunicavam-se exclusivamente pela voz; agora alguns se comprazem em escrever. Realizaram-se então sessões onde uma personalidade se comunicava pela voz, enquanto que outra inteiramente diferente, tratando de assuntos diversos, se comunicava simultaneamente pela escrita e pela voz. Depois de alguns anos os guias passaram a servir-se exclusivamente da mão direita da escrita. O braço direito do médium é exuberante de vida, enquanto que o resto do corpo fica inerte, inclinado para a frente, sobre duas almofadas.

Em um longo relatório que acaba de aparecer, (7) James Hyslop, professor de lógica e de ética na Universidade de Colúmbia, Estado de Nova York, descreveu detalhadamente a entrada em transe, tal qual agora se verifica. Na primeira sessão que este professor realizou com Madame Piper, ele sentou-se mais de um

metro de distância do médium, em pose que lhe permitia observar atentamente o que se ia passar. Depois de largo tempo, Madame Piper caiu em transe, sem que lhe segurem as mãos; os assistentes, aliás, evitam tocá-la, para não mais dar lugar a essa explicação, tão freqüentemente proposta outrora – "que ela lia os pensamentos íntimos dos assistentes, interpretando-lhes os movimentos inconscientes de seus músculos."

(7) Proc. of S.P.R., vol. xvi.

O médium ficou tranqüilamente sentado em uma poltrona, durante três ou quatro minutos. Sua cabeça deu algumas sacudidelas e o supercílio direito tremecimentos; durante todo esse tempo não cessava de observar as unhas. Depois, inclinando-se para a frente, apoiou-se sobre as almofadas dispostas sobre uma mesa, para receber sua cabeça; fecha os olhos e os esfrega; a face se congestiona durante alguns instantes. Abre de novo os olhos e os globos oculares aparecem ligeiramente voltados para o alto. Assoa- se e torna a observar as unhas. O olhar volta a ser quase fixo; a face muda novamente de aspecto, o rubor de momentos antes é substituído por uma ligeira palidez. Os músculos voltam a ser menos retesados, a boca retorcida para o lado, e o olhar mais fixo. Por fim abre-se a boca e o transe chega, suavemente, sem que o médium se debata, com a aparência de um desmaio. Então o Dr. Hodgson ajeita-lhe a cabeça sobre as almofadas, a bochecha direita colocada sobre a mão esquerda e a face, por conseqüência, virada para a esquerda, de modo que Madame Piper não possa ver a mão direita que daí a pouco escreverá automaticamente.

Aquele que leu atento a descrição acima e já assistiu aos últimos momentos de um moribundo, não poderá deixar de achar que os fenômenos que se observam à entrada do transe lembram bem os que precedem à agonia, tudo naturalmente atenuado. O professor

Hyslop tem notado mesmo, ocasionalmente, um ligeiro estertor. De resto, a entrada em transe era antigamente sempre acompanhada de respiração estertorosa, para me servir da expressão do professor Richet. Os globos oculares de madame Piper em transe ficam revirados como os de um moribundo. Um dia, o Dr. Hodgson persuadiu a Phinuit que ele devia fazer voltar os olhos à posição normal. O guia aquiesceu mas com dificuldade, e os olhos permaneceram fixos e espantados.

No fim da sessão o retorno do médium à vida normal, ou melhor, a saída do transe, foi penosa. Phinuit pretendeu que estivesse enleado de algum modo ao aparelho do médium e que dele não mais podia separar-se. Se por um instante admitimos os fundamentos da hipótese espírita, se quiséssemos crer que os guias são mesmo espíritos humanos desencarnados, comunicando-se conosco por intermédio do aparelho de Madame Piper em transe, só poderíamos achar muito lógicas as explicações que eles mesmos fornecem sobre os fenômenos da entrada em transe. As analogias entre esses fenômenos e os da agonia explicar-se-iam por si mesmos. Morrer não seria mais que o abandono do corpo pelo espírito.

Ora, os guias asseguram que, durante o transe, o espírito de Madame Piper abandona quase totalmente o seu corpo, o que também acontece sempre, segundo eles, durante o sono normal. Esse corpo apresenta-se então como uma casca, como um invólucro vazio, emitido uma certa força que produz nele o efeito de um clarão. Eles mergulham-se nesse clarão e aí criam seus pensamentos, e o aparelho de Madame Piper no-los transmite pela voz e pela escrita. Mas os desencarnados não fazem conta do modo pelo qual isto se produz; eles não têm consciência de escrever, e provavelmente não a têm mais do que dizem.

Dir-me-ão que isto é alta fantasia. Não, são as explicações fornecidas pelos próprios guias de Madame Piper, e como tais merecem ser registradas, para que fiquemos dispostos ou não a dar-lhes fé.

Durante o transe, o aparelho de madame Piper apenas conserva uma sensibilidade muito embotada para as excitações exteriores. Se lhe picam fortemente o braço com uma agulha, o braço se recolhe, porém lentamente; se lhes põem sob as narinas um frasco de amoníaco, tendo bastante cuidado para que o líquido seja aspirado, sua cabeça não manifesta, pelo menor movimento, o que tenha sentido. Um dia o Dr. Hodgson, se não me engano, aproximou do braço de Madame Piper um fósforo aceso e perguntou a Phinuit se ele o sentia. (8)

(8) Proc. of S.P.R., vol. viii. p. 5.

"Sim", respondeu Phinuit, "porém muito mal, vós o sabeis. Que foi mesmo?

Alguma coisa fria, não?"

Essas experiências e numerosas outras demonstram que se a sensibilidade não é abolida é, pelo menos, fortemente atenuada.

Depois do que ficou dito, alguns poderiam persuadir-se de que Madame Piper deve ser uma pessoa hipnótica escolhida. Pois não é em absoluto. Sem ser precisamente refratária à hipnose, Madame Piper não é mais que uma medíocre criatura hipnótica. O professor William James, da Universidade de Harvard, fez experiências para elucidar esse ponto. Suas duas primeiras tentativas foram de todo infrutíferas. Entre a segunda e a terceira, o professor William James pediu ao guia Phinuit, durante um transe mediúnico, para que o ajudasse a tornar a pessoa hipnotizável; Phinuit prometeu; de resto ele promete sempre tudo o que se quer. Na terceira tentativa Madame Piper adormeceu levemente, porém só na quinta sessão foi que houve um

verdadeiro sono hipnótico, acompanhado de fenômenos musculares e automáticos comuns. Nada mais foi possível obter. A hipnose não tem qualquer ponto de semelhança com o transe de Madame Piper. No transe, a mobilidade muscular é extrema; na hipnose dá-se justamente o contrário. Se lhe derem ordem, durante a hipnose, de lembrar-se do que fez ou disse, ela se lembrará. Durante o transe mediúnico, têm-se mais de uma vez convidado o guia a agir de modo que Madame Piper, ao despertar, lembre-se do que ela dissera. Mas nunca se teve bom êxito. Durante o transe mediúnico, Madame Piper parece ler como em um livro os mais íntimos refolhos da alma dos assistentes. Durante a hipnose, não há traço dessa transmissão de pensamento. Breve o transe mediúnico e o sono hipnótico não mais serão uma só e a mesma coisa. Qualquer que seja a natureza íntima da diferença, essa diferença será tão grande, que surpreenderá o observador menos atento.

Capítulo III

Primeiros transes. – Primeiras observações cuidadosas pelo professor William James, da Universidade de Harvard (Estado de Massachussets, Estados Unidos).

Já disse em que lugar Madame Piper tinha tido o seu primeiro transe. Sofrendo de um tumor traumático tinha ido pedir um conselho a um médium cego de nome Cocke. Esse médium dava consultas médicas, mas, além disso, pretendia ter o dom de desenvolver as mediunidades latentes. Nessa primeira sessão, Madame Piper experimentou curiosíssimas ânsias e pareceu-lhe que ia desmaiar. Na sessão seguinte, Cocke pôs-lhe as mãos sobre a cabeça e ela sentiu logo que ia perder os sentidos. Percebeu uma onda de luz, assim como rostos humanos desconhecidos e uma mão que se agitava diante de sua face. Não se lembra do que se passou em seguida, mas ao despertar contaram-lhe que uma moça indiana de nome Chlorina se tinha manifestado por intermédio do seu aparelho e tinha dado a um consultante que lá se encontrava por acaso uma prova extraordinária da sobrevivência.

Madame Piper era, portanto, um médium perfeito. As pessoas de sua intimidade puseram-se logo a organizar sessões com ela. Pouco a pouco foram admitindo estranhos no seu meio íntimo. Os espíritos ou como tais pretendidos que se manifestavam por seu intermédio foram bastante variados nos primeiros tempos. Phinuit, que pouco depois devia monopolizar quase o aparelho de Madame Piper, esteve longe de ser o único no começo; disputaram-lhe a colocação. Os primeiros guias foram, a se

acreditar neles mesmos, a atriz Siddons, o musicista Jean Sebastian Bach, o poeta Longfellow, o comandante Wanderbilt, o bilionário e uma moça italiana chamada Loretta Ponchini.

A se dar crédito aos assistentes dessas primeiras sessões, que infelizmente não eram sábios e que se descuidaram de anotar particularidades, esses visitantes extra- terrestres tornavam as reuniões bastante agradáveis. Não nos disseram se Wanderbilt manifestou algum pesar por não ter mais os seus bilhões, mas a atriz Siddons declamou uma cena de Macbeth; Longfellow escreveu versos e Loretta Ponchini fez desenhos. Nem os versos nem os desenhos foram conservados. Decididamente esses primeiros privilegiados eram um pouco do excesso do erro dos espíritas, para os quais o documento tem apenas uma importância muito relativa.

A princípio o Dr. Phinuit, quando aparecia, limitava-se a dar conselhos médicos ou a formular diagnósticos. O resto achava indigno dele.

Por fim, uma noite Jean Sebastian Bach anunciou que ele e todos os seus companheiros iam concentrar todo o seu poder no Dr. Phinuit para fazê-lo o principal guia. Naturalmente não sabemos o que fizeram, mas o certo é que, a partir dessa ocasião, o Dr. Phinuit passou a ser muito comodamente o principal guia que monopolizou o aparelho de Madame Piper, durante longos anos.

Como se verá adiante, ele não mais se limitou a dar conselhos médicos. Passou a responder, de muito boa vontade, a todas as perguntas (não importa de que natureza) que lhe faziam, e falou mesmo com todo o gosto sobre toda sorte de coisas, sem que lhe fizessem a menor pergunta.

O primeiro homem de grande capacidade que teve a oportunidade de notar e de estudar, se bem que um pouco

sumariamente, os fenômenos de Madame Piper em transe, foi o professor William James, da Universidade de Harvard. Ele fez, em 1886, um relatório sucinto, que publicou nos *Proceedings of the American Society for Psychical Research.* A princípio o professor William James não se apercebeu de toda a importância do caso Piper. Não fez estenografar as sessões nem fez anotações completas das suas observações. Certo, assegurou que nada existia de fraude nos fenômenos, sem entretanto tomar as minuciosas precauções que outros tomaram depois dele. Verificou e assegurou no seu relatório que havia nisso um mistério interessante, mas deixou a outros o cuidado de encontrar a chave.

Entretanto, falarei das sessões do professor William James, primeiro porque não seria conveniente desprezar os estudos ainda que superficiais de um homem do seu valor; segundo porque elas darão aos meus leitores uma idéia nítida dos fenômenos. (9)

(9) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 651.

Foi durante o outono de 1885 que o professor James fez conhecimento com Madame Piper. Eis como: sua sogra, Madame Gibbens, tinha ouvido falar de Madame Piper e, como nunca tinha visto o médium, ia pedir-lhe, por curiosidade, que realizasse uma sessão. Madame Gibbens, que era meio cética, voltou bastante impressionada. Tinham lhe dado um sem número de particularidades íntimas que ela não pensava fossem conhecidas fora do círculo de sua família. No dia seguinte a cunhada do professor James, por sua vez, foi ver Madame Piper e obteve resultados ainda melhores que sua mãe. Por exemplo, a consultante tinha posto defronte do rosto do médium uma carta escrita em italiano. Mas notemos que Madame Piper ignora totalmente esse idioma. Todavia Phinuit deu sobre o autor da carta muitas minúcias perfeitamente exatas. O mistério tornou-se

interessante, dado que o jovem italiano, autor da carta, não era conhecido senão de duas pessoas em todos os Estados Unidos. Mais tarde, em outras sessões, Phinuit deu o nome exato desse jovem, o que não tinha sido possível fazer antes.

Quando contaram esses fatos ao professor James, imagina-se qual foi a sua atitude. Ele fez o que quase todos nós fazemos ou temos feito. Mostrou-se grave, zombou de seus parentes pela sua credulidade, e compenetrou-se de que decididamente as mulheres carecem de espírito crítico. Contudo, sua curiosidade fora despertada. Alguns dias depois em companhia de sua mulher, tomando todas as precauções possíveis para que Madame Piper não conhecesse nem seu nome, nem as suas intenções, antecipadamente, foi solicitar uma sessão ao nosso médium. As particularidades íntimas, principalmente sobre a família de Madame James, foram repetidas e outras foram dadas ainda mais circunstanciadas. O que se obtinha com menos facilidade era justamente o que se deveria obter mais facilmente – os nomes das pessoas – se aquelas minúcias tivessem sido adquiridas por Madame Piper, fraudulentamente, e por vias normais.

O professor William James primeiro constatou um fato que grande número de outros observadores deviam verificar depois dele. Não se pode deixar de ter a impressão que os nomes são soprados a Phinuit por um espírito. Phinuit que os deve transmitir a nós os ouve mal, sem dúvida devido à situação que todos os guias demonstram como muito incômoda e penosíssima: o aparelho do médium parece mergulhá-los em uma semi-sonolência. Então Phinuit repete os nomes estropiando-os. Parece que o espírito comunicante tem disso consciência e retifica-os. Phinuit repete, portanto, o nome várias vezes e frequentemente; somente depois de várias tentativas é que acerta em dá-lo

exatamente. Sucede também, às vezes, que o nome não pode ser dado na mesma sessão, mas nesse caso, de ordinário, ele é revelado na sessão subsequente.

Assim na primeira sessão com o professor James, o nome de seu sogro Gibbens foi primeiramente dado sob a forma de Kiblin, depois Giblin. (10) Para melhor compreensão dos leitores franceses, direi que o nome Gibbens se pronuncia Guibinn's. O professor James tinha perdido um filho um ano antes. Falaram nele, e seu nome, que era Herman, foi dado como Herrin. Ainda uma vez, a eufonia desses dois nomes Herman e Herrin se aproximam mais que a sua ortografia. Mas as particularidades que acompanhavam a enunciação do nome não permitiam ao consultante enganar-se sobre a pessoa que se queria designar.

(10) Pronuncia-se Guiblin.

O professor James saiu da primeira sessão levando a conclusão de que, se Madame Piper, por um acaso inexplicável para ele, não conhecesse muito intimamente sua família e a de sua mulher, preciso fora que ela tivesse poderes sobrenaturais.

Em pouco seu ceticismo da primeira hora estava destruído, e ele realizou pessoalmente com madame Piper doze outras sessões durante o inverno.

Eis aqui alguns exemplos da clarividência de Phinuit: (11)

(11) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 657.

A sogra do professor James tinha, de regresso da Europa, perdido sua caderneta de cheques. Em uma sessão em que esteve pouco depois, ela perguntou a Phinuit se ele podia ajudá-la a encontrar os cheques. Phinuit indicou exatamente o lugar onde eles estavam. Em outra sessão Phinuit disse ao professor James, que dessa vez não estava acompanhado da esposa: "Vosso filho tem por companheiro aqui em nosso mundo um rapaz de nome Robert F." Os F eram primos da esposa do professor James, e

moravam em uma cidade distante. Ao chegar a casa, o professor, que supunha que aqueles contraparentes tivessem perdido uma menina, perguntou a sua mulher: “Seus primos F perderam um filho, não?” mas Phinuit enganou-se sobre o seu sexo; ele me disse que era um rapaz.” Madame James confirmou a exatidão das informações de Phinuit, pois que seu marido acreditava ser um erro daquele guia.

Na décima segunda sessão assistida pela sogra do professor James, disseram-lhe, entre outras coisas, que uma de suas filhas que designaram sentia naquele momento forte dor nas costas. O fato era perfeitamente certo.

Em outra ocasião Phinuit anunciou a Madame James e a seu irmão, e antes da chegada de qualquer telegrama, a morte de sua tia, morte que acabava de dar-se em Nova York. É verdade que se esperava esse acontecimento, de uma hora para outra.

Ainda em uma outra sessão, Phinuit disse ao professor James: “Acabas de matar com éter um gato, cujos pelos eram cinzentos e brancos. O infeliz animal girou em torno de si mesmo, muito tempo, antes de morrer.” Era também perfeitamente exato.

Outra vez Phinuit disse a Madame James que sua tia de Nova York, aquela justamente de quem anunciara a morte, lhe havia escrito uma carta para pô-la de sobreaviso contra toda espécie de médiuns. E pouco respeitosamente esboçou o caráter da velha dama, de modo inteiramente divertido.

Cito esses exemplos para dar uma idéia das informações transmitidas pelos guias de Madame Piper. Não se vá acreditar que eles são os únicos. Esses guias não se fazem de rogados para falar. Phinuit é particularmente falador, e fala facilmente durante uma hora. Seus propósitos são muitas vezes incoerentes, muitas vezes também evidentemente falsos. Mas, ao menos nas boas

sessões, a verdade e a exatidão dominam de muito, seja qual for a fonte em que Phinuit colha suas informações, quer as receba de espíritos desencarnados, como o pretende, quer as perceba na consciência ou na subconsciência do consultante, quer lhes sejam fornecidas pelo que ele chama a "influência" que deixaram sobre os objetos que lhe apresentam, as pessoas a quem esses objetos pertenceram.

Esqueci, com efeito, de dizer que Phinuit pede que lhe tragam objetos de qualquer natureza que tenham pertencido a pessoas a respeito das quais querem consultá-lo. Ele apalpa esses objetos, e imediatamente diz: "Sinto aqui a influência de fulano; ele está morto ou está vivo; tem-lhe acontecido tal aventura..." Seguem-se as minúcias uma após outras, e na maioria são exatas.

Como já disse, no que concorre ao professor James, Phinuit conheci particularmente, de um modo íntimo, a família de Madame James. Ora, nenhum dos membros dessa família estava na vizinhança: uns eram mortos, outros estavam na Califórnia e outros ainda no Estado do Maine.

O que antecede basta para dar ao leitor a primeira idéia da fisionomia dos fenômenos. Poderei, doravante, continuando a narrar os fatos, examinar pouco a pouco as hipóteses que sugerem.

Capítulo IV

Hipótese de fraude. – Hipótese do estudo dos movimentos inconscientes dos músculos. – "Influência" deixada nos objetos.

Quando se expõem fenômenos dessa natureza, a primeira hipótese que se apresenta no espírito do leitor é a da fraude. O médium é um impostor. Seu truque pode ser engenhoso e bem dissimulado, mas trata-se seguramente de um truque. A fim, pois, de prosseguir esses estudos com proveito, importa afastar boa fé em todas essas hipóteses. Ora, não é fácil. A maioria dos homens são assim dispostos, porque eles têm uma elevada opinião da sua própria perspicácia, porém uma opinião geralmente muito desfavorável da perspicácia dos outros. Acreditam sempre que, se tivessem estado lá, teriam depressa descoberto a lebre. Então para firmar a convicção, não convém omitir qualquer precaução; é preciso tentar todos os meios, e é o que os observadores de Madame Piper não têm descuidado de fazer, como se vai ver.

O professor William James tinha levado à casa de Madame Piper tantos quantos consultantes tinha podido, dissimulando-lhes a identidade. Pessoalmente depressa se convenceu de que absolutamente não existia fraude nos fenômenos. Mas tratava-se de convencer os outros. Um membro da Sociedade de Pesquisas Psíquicas considerou que seria bom fazer seguir por detetives, não somente Madame Piper quando ele saía, como ainda todas as outras pessoas de sua família. A meu ver era uma idéia bastante singular. Os policiais de todos os países, mesmo secretos, passam por ter mais imaginação que faro e inteligência. A justiça humana,

zarolha e manca, pode contar com suas testemunhas; a ciência não. Todavia, se não tivessem empregado detetives, muita gente ainda hoje não acreditaria que em tão pouco tempo se tivesse podido esclarecer o mistério Piper, da forma mais natural do mundo. É que o Dr. Hodgson desde sua chegada à América pôs hábeis sabujos no encalce de todas as pessoas da família Piper. Nada absolutamente foi descoberto; os membros da família Piper não faziam perguntas indiscretas a ninguém, não faziam qualquer viagem suspeita, não visitavam os cemitérios para ler nomes gravados nos túmulos. Enfim, Madame Piper cuja correspondência é aliás sempre restrita, não recebia cartas das agências de informações.

Mais tarde, revelaram a Madame Piper os meios de que dispunham para assegurar a sua sinceridade. Ela não se ofendeu com isto, de nenhum modo, ao contrário, reconheceu a absoluta legitimidade das sindicâncias. Isto prova mais uma vez sua retidão e sua inteligência.

A idéia de que Madame Piper pudesse obter as informações que fornece, por meio de notícias preliminarmente tomadas de fora, é absurda para aquele que estudou os fenômenos de perto. Os consultantes que ela recebeu sob falsos nomes, vindos de todos os pontos dos Estados Unidos, da Inglaterra e mesmo de toda a Europa, são em número de várias centenas. Na maior parte passaram por intermediários do professor James e do Dr. Hodgson, e todas as medidas necessárias foram tomadas para que Madame Piper só os visse pela primeira vez alguns instantes antes do começo do transe. Muitas vezes até os consultantes tinham sido introduzidos na sessão depois do transe já começado. Essas precauções jamais prejudicaram os resultados. As sessões, pelo menos as que não têm sido comprometidas pelo estado de saúde

do médium, têm sido sempre as assinaladas por grande quantidade de particularidades perfeitamente exatas.

Se madame Piper obtinha essas informações por meio de espiões a seu serviço, esses espiões deveriam enviar-lhe minúcias sobre todas as famílias dos estados unidos e da Europa, porque Madame Piper quase nunca sabe a quem ela dedicará uma sessão no dia seguinte. O Dr. Hodgson é quem sabe por ela. Outrora era o professor James, pelo menos em grande número de casos. Logo, a honestidade científica do Dr. Hodgson ou do professor James – digo isto para que os leitores franceses que não conhecem muito bem estes dois homens – não pode mais ser suspeitada como a de um Charcot, de um Berthelot ou de um Pasteur. Depois, que interesse poderiam ter estes sábios em nos enganar? Essas experiências lhes têm custado somas consideráveis, sem falar do tempo e do trabalho; elas nada lhes têm rendido.

Finalmente, Madame Piper não tem haveres. Ela não teria os meios de pagar uma polícia como a precisaria. É verdade que ela cobra suas sessões; ganha cerca de 5.000 francos por ano, mas uma tal polícia lhe custaria milhões.

Porém, para afastar de todo a hipótese de fraude, havia um excelente meio: era arrebatar madame Piper de seu meio habitual; era transportá-la para um país onde ela não conhecesse ninguém. E assim foi feito.

Alguns membros dos mais eminentes da Sociedade de Pesquisas Psíquicas a convidaram a vir à Inglaterra, para realizar sessões entre eles. Ela concordou sem opor qualquer dificuldade. Chegou à Inglaterra em 19 de novembro de 1889, em um vapor da Companhia Cunard – La Scythia. Frederico Myers, cuja perda recente a psicologia lamenta, devia ir recebê-la no porto de desembarque e conduzi-la logo a sua casa em Cambridge. Mas no

último instante ele foi chamado a Edimburg, e pediu a seu amigo, o professor Lodge, de quem já falamos, e pediu, disse eu, para receber Madame Piper em seu lugar. O professor Lodge instalou-a em um hotel, com suas duas filhinhas que a acompanhavam. Nessa noite ainda o senhor Myers chegou e levou-a para sua casa, no dia seguinte.

As experiências começaram imediatamente em Cambridge. Eis como se manifesta o senhor Myers: (12)

(12) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 438.

"Estou convencido que Madame Piper quando chegou à Inglaterra não conhecia nem o nosso país, nem nenhum dos seus habitantes. A criada que devia servi-la em minha casa, a ela e suas duas filhinhas, tinha sido escolhida por mim mesmo. Era uma moça do campo, de toda a minha confiança e que ignorava inteiramente meus negócios, bem como os de meus amigos. Esta moça nada podia informar a Madame Piper. Para maior segurança, reservei-me de estabelecer adiantadamente quais as pessoas que eu devia convidar para assistirem a uma sessão. Os consultantes foram pegados ao acaso. Muitos dentre eles não residiam em Cambridge, e eu os apresentava sempre ao médium sob falsos nomes, salvo em um ou dois casos. Algumas vezes, até eu os fiz entrar quando o transe já estava começado."

Por seu lado, o professor Oliver Lodge convidou Madame Piper para realizar sessões em sua casa, em Liverpool. Ela lá esteve de 18 a 27 de dezembro de 1889. Durante esse período de tempo Madame Piper deu pelo menos duas sessões por dia, o que a fatigou muito. O professor Lodge abandonou todo e qualquer trabalho para estudá-la. Fez-nos uma longa enumeração das precauções que tomou para evitar completamente a fraude. Notou também que Madame Piper, que tinha perfeita consciência da vigilância que sobre ela era exercida, jamais manifestou o mais

leve mau humor, achando até natural aquela rigorosa fiscalização. Sendo perguntado se por acaso ela não teria em suas bagagens livros que contivessem biografias dos homens do momento, ou qualquer outra obra do mesmo gênero, o professor pediu-lhe permissão para examinar suas malas. Ela consentiu com a melhor boa vontade, porém Oliver Lodge nada encontrou de suspeito. Madame Piper forneceu também, para serem lidas, a maioria das cartas que recebia; estas não eram muitas – cerca de três por semana. Os criados da casa eram todos novos, e nada sabiam dos negócios íntimos da família; assim, nada podiam informar ao médium. De resto Madame Piper nunca procurou interrogá-los. A esposa do professor Lodge, que era a princípio muito cética, passou a ter maior atenção no que dizia a fim de não fornecer qualquer elemento de informações. A Bíblia da família (nas primeiras páginas desses livros, segundo o uso, são escritos os acontecimentos memoráveis) e os álbuns de fotografias foram postos sob chave. O professor Oliver Lodge também apresentou a maioria dos consultantes sob falsos nomes. Finalmente ele afirma que a atitude de Madame Piper não despertou a mínima suspeita, ela é digna, reservada e de nenhum modo indiscreta.

Enfim durante esses quinze anos que duraram as experiências, levou-se em apreço, para descobrir fraudes, se fraudes houvesse, todas as sugestões apresentadas pelos contraditores céticos e algumas vezes apaixonados. Tudo foi em vão. Cumpre pois procurar em outra parte a explicação desses fenômenos.

Quanto ao transe propriamente dito, todos os que o assistiram são acordes em dizer que é autêntico e de modo algum fingido.

Afastada a hipótese da fraude, recorreu-se a outra – a dos movimentos musculares estudados – que em pouco tempo foi preciso abandonar também. Parece que os leitores de pensamento

que se exibem nos tablados executam suas proezas interpretando com inteligência notável, aguçada por longa prática, os movimentos inconscientes dos músculos das pessoas cujos pulsos tomam. Ora, Madame Piper caía em transe outrora, segurando justamente as duas mãos, ou pelo menos uma das mãos do consultante. Conservava essas mãos nas suas, durante a maior parte do transe. Mas, diz o professor Lodge, não era sempre esse o caso. Muitas vezes ela deixava escapar as mãos do consultante, e perdia todo o contato com ele quase horas inteiras. Phinuit, ou qualquer outro guia, não deixava, por isso, de fornecer comunicações exatas. Poderão dizer que ele tinha provisão de informes para todo aquele tempo em que as mãos dos consultantes estiveram seguras? Não seria sério.

Entretanto, sendo feitas muitas vezes essa objeção, os consultantes procuraram não ter mais qualquer contato com o médium. Já há muito tempo que Madame Piper cai em transe sem segurar a mão de quem quer que seja. Seu corpo inteiro repousa mergulhado em profundo sono, salvo a mão direita, exuberante de vida, que escreve com rapidez vertiginosa e que não procura, senão em raras ocasiões, tocar nos assistentes. O professor Hyslop, no seu relatório que acaba de aparecer, (13) afirma que evitou sempre, com o maior cuidado, tocar no médium. No entanto, veremos mais adiante como as comunicações que obteve foram precisas, visto que ele acredita ter estabelecido, de modo indubitável, a identidade de seu falecido pai. Então é também necessário deixar de lado a hipótese dos movimentos musculares estudados.

(13) Proc. of S.P.R., vol. xvi.

Agora, que os objetos apresentados a Phinuit e que ele toca lhes forneçam informações sobre os seus antigos possuidores, graças à “influência” que estes tenham deixado neles, Phinuit afirma, e, em

inúmeros casos, ser-se-ia quase forçado a admitir- se. Mas, aqui nós estamos já em pleno mistério. Que pode ser essa “influência”? Nada sabemos sobre isso. Convém acreditar? Convém crer em Phinuit, quando ele diz que obtém suas comunicações graças à “influência” deixada nos objetos e também diretamente da boca dos espíritos desencarnados?

Antes disso há outras hipóteses a examinar. Seria uma conclusão tão transcendente, de uma penetração tão profunda, que não convirá aí chegar-se senão depois de terem-se esgotado todas as suposições possíveis.

Capítulo V

Uma sessão com Madame Piper. – Hipótese da transmissão de pensamento. – Alguns casos.

Não desagradará, talvez, ao leitor, uma amostra dessas conversas estranhas entre humanos, e esses entes invisíveis, que pretendem ser nada menos que os espíritos desencarnados daqueles dentre nós que cada dia abandonam este mundo de misérias. Não será difícil dá-la. Nos quatorze ou quinze centos de páginas em texto cerrado, consagradas ao caso Piper nos *Proceedings of the Society for Psychical Research*, metade delas, pelo menos, são compostas de comunicações das sessões, estenografadas ou muito minuciosas. Em algumas dessas comunicações, anotou-se até as exclamações mais insignificantes dos assistentes.

Procurei a quadragésima sétima das sessões que se realizaram na Inglaterra, não porque esta ofereça um interesse particular, mas porque o relatório que a respeito publicou o professor Lodge não é muito longo e também porque não disponho aqui de lugar para amplo desenvolvimento.

Lendo aquele relatório, certos leitores experimentarão, talvez, uma decepção. Como? Dirão eles – é isto o que têm para nos dizer dos espíritos que voltam do outro mundo? Mas eles falam como nós! Tratam dos mesmos assuntos que nós! Estes não são espíritos! – Esta conclusão seria talvez um pouco prematura. Não digo que sejam espíritos ou que voltem do outro mundo. Disso nada sei. Mas, se por hipótese, esse outro mundo existisse, seria

de esperar que entre esse mundo e o nosso não houvesse um abismo. A natureza não dá saltos. Existe, seguramente, um princípio verdadeiro sobre todos os mundos e para todos os mundos. Os espíritos que partem daqui grosseiros, sem evolução, levianos, não se tornam de um dia para outro de excelência transcendente. Eles progridem, é certo, como tudo progride, mas esse processo é lento, embora contínuo. Estas considerações são a própria lógica.

Do mesmo modo, ainda dentro dessa lógica, se verdadeiramente são espíritos que voltam, nós temos um meio, posto que imperfeito, para disso nos certificarmos. É o de pedir-lhes que estabeleçam a identidade, relatando tantos fatos quanto possíveis, reportando-se às suas vidas na terra. É quase exclusivamente a esse trabalho, fácil na aparência, ingrato e difícil na realidade, que se consagraram, depois de quinze anos, os investigadores do caso Piper. Estando a verdade e o erro tão confundidos nas coisas humanas, eles naufragam, muitas vezes, nas suas tentativas; mas acreditam ter sido bem sucedidos em grande número de casos bem determinados, como veremos mais tarde.

Certos leitores apressados e pouco judiciosos dirão, talvez, que melhor teriam feito pedindo aos espíritos notícias desse mundo de onde eles pretendem vir. Ter-se-ia observado melhor se suas palavras eram verossímeis. Certo, os espíritos sobre o assunto não desejam senão conversar. Por pouco que se lhes peça com relação a esse mundo de onde dizem vir, eles não fornecem minudencias traduzidas constrangidamente por imagens mais ou menos inteligíveis para nós; mas para que poderá isto servir, enquanto a existência desses espíritos, e por conseguinte, do mundo em que eles vivem, não estiver provada de modo indubitável? Mundos! O menos imaginativo dentre nós poderá deles forjar tantas idéias

quanto queira. Dizem mesmo, não o provaram, mas dizem que a nossa subconsciência, quando se confunde com essas coisas, pode muito bem imaginar um mundo.

Logo, para o momento, se espíritos freqüentam o nosso meio, a ciência só tem uma coisa a fazer: é pedir-lhes que provem suas identidades. Ver-se-á que se convém nelas acreditar.

No caso Piper a conversação realiza-se quase sempre entre um ou mais consultantes e o Dr. Phinuit. Este bravo Phinuit não cede voluntariamente seu posto, se bem que isto lhe aconteça às vezes. Quando ele nos transmite comunicações que pretende ter recebido de outros espíritos, ora fala na terceira pessoa, ora, ao contrário, tornou a trazer os assuntos, palavra por palavra, e fala na primeira pessoa. É preciso não esquecer esta particularidade para compreender bem os relatórios. Eis a tradução da quadragésima sétima sessão na Inglaterra:

Os consultantes são o professor Oliver Lodge e seu irmão Albert Lodge. Este último fez as anotações.

As frases entre parênteses são observações feitas pelo professor Lodge após a sessão. (14)

Phinuit: – Sabei, capitão (15), que vindo aqui (16), encontrei o médium que ao sair, chorava. Por quê?

Professor Lodge: – É que ela está separada de suas duas filhinhas por alguns dias, e, por isso, está aflita.

Phinuit: – Como tendes passado, Alfredo? Encontro aqui forte influência de vossa mãe. (Pausa) Essa é boa! O anel de vossa tia Anna (ele toca no anel que eu tinha posto de propósito no meu dedo direito, antes da sessão) é o anel que ela vos remeteu. “Meu Oliverzinho (17) este é um dos últimos objetos que eu te dei. Uma das últimas coisas que te disse quando estava ainda encarnada,

foi-te presenteado com este anel, – dou para tua mãe, por teu intermédio.”

(14) Para um relatório detalhado dessas sessões ver Proc. of S.P.R., vol. vi.

(15) Na primeira sessão que se realizou em Liverpool falou-se de um comandante de navio. Phinuit embaraçou-se e acabou por chamar de Capitão o professor Lodge. Depois, então, ele não deixou de dar- lhe esse título, sem dúvida pondo um pouco de malícia, porque na Inglaterra o povo chama de Capitão ou Governante a todos os superiores.

(16) No aparelho do médium.

(17) Aqui Phinuit reporta-se textualmente às palavras da Tia Anna que é tida como presente.

Estas minúcias são inteiramente exatas.

Professor Lodge: – Sim, lembro-me perfeitamente.

Phinuit: – Jamais me esquecerei. Guarda este anel como recordação minha, porque não estou morta.

Os espíritos não esquecem os objetos que lhes pertenceram quando encarnados, e esses objetos os atraem desde que um pensamento íntimo a eles se prende.

Phinuit: – Asseguro-te, meu filho, vejo este anel tão nitidamente como se eu estivesse encarnada. (outros conselhos me foram dados, e a conversa durou algum tempo nesse tom. A última frase foi:) – Procura convencer-te por ti mesmo (18) e que os outros façam outro tanto. Estamos todos sujeitos ao erro, e é preciso que cada um veja com os seus próprios olhos. Aqui está um senhor que deseja falar-te.”

E: (19) – Não abandoneis vossa empresa (20); afeiçoai-vos a ela. Nada podeis fazer de melhor. Será difícil o começo, mas podeis ser perfeitamente bem sucedido. Pouco a pouco corrigireis os erros. Não podeis chegar a esse ponto senão por intermédio do transe. É preciso pôr o médium em transe.

Professor Lodge: – Não será mau para o médium?

(18) Da sobrevivência.

(19) Phinuit parece ter-se ausentado, e E. toma o seu lugar. Esse E. era um amigo íntimo de professor Lodge. Aparecera em uma sessão precedente, e tinha dado provas de sua identidade, provas que tinham sido examinadas depois. O professor Lodge reconheceu imediatamente a sua maneira de interpelar. Lembremo-nos que Phinuit o chama sempre de Capitão.

(20) A empresa de provar a sobrevivência.

E: – Não há outro meio, Lodge, será mau para ele num sentido, porém bom em outro. É sua missão. Quando ela deixa seu aparelho, e logo que eu dele me apodero, posso vir anunciar ao mundo verdades importantes. Há um poder infinito e maravilhoso sobre nós, Lodge. Acreditai, firmemente, um poder infinito e maravilhoso. Um médium é para nós como uma esfera luminosa. Vós outros sois para nós ainda muito obscuros e materiais. Porém nós encontramos, de quando em quando, algumas dessas luminosidades. O médium é como uma série de quartos escuros no último dos quais houvesse algumas velas a iluminá-lo. Naturalmente são comparações para me fazer compreender. Quando tendes necessidade de uma lâmpada, vos servis dela, mas acabado o vosso trabalho, a apagais. Os médiuns são como janelas de través, das quais observamos. Lodge, isto é um enigma. Para nós este enigma existe também. Nele trabalho duramente. Daria não sei que para esclarecer o mistério das comunicações. Elas não são fáceis. Todavia, creio que ainda há pouco, por intermédio de um médium qualquer, eu anunciaria ao vosso mundo coisas interessantes. (Essas intenções duraram ainda algum tempo depois) – Lodge, não percais a coragem. Ao contrário, tendes tudo a esperar. Persisti mas não sede apressado. Reuni os fatos, não vos inquieteis com que os néscios possam pensar de vós e investigai. Sede rigoroso nas vossas experiências e não deis à publicidade antes de terdes adquirido a certeza. Chegaremos ao fim, não há dúvida. Isto se dará.

Professor Lodge: – Não viste meu tio Jerry?

E: – Sim, encontrei-o não há muito tempo. Ele é um homem muito inteligente; tivemos ambos uma interessante conversa.

Professor Lodge: – Que espécie de indivíduo é esse Dr. Phinuit?

E: – O Dr. Phinuit é um tipo singular. Vai e vem sem cessar e se mete em tudo. É excêntrico e original mas tem bom coração. Eu não queria, por nada deste mundo, fazer o que ele faz. Às vezes torna-se desprezível, e é deplorável. Tem idéias próprias sobre as coisas e sobre as pessoas. Muitas coisas que vos conta, ele aprendeu aqui com os interessados. Conversando por intermédio do médium com pessoas pouco distintas adquiriu quantidade de expressões pouco elevadas. Estas coisas o estimulam e ele as repete em seguida. É obrigado a aceitar inquirições de grande número de pessoas e isto não é agradável. Um temperamento mais altivo não faria o que ele faz. Ele é um pobre diabo, mas não é nocivo. Até outra vez, Lodge. Eu voltarei.

Professor Lodge: – Até a vista. Sinto-me feliz em ter conversado convosco. Phinuit: – (Reconhecido pela voz) (21) – Este anel pertence a vossa tia. Vosso tio Jerry impediu-me de perguntar... A propósito, sabeis que E. estava aqui? (22) Não o ouvistes?

(21) Essas mudanças de voz por parte do médium já são espantosas e, se tivéssemos de falar sobre a simulação, Madame Piper fora a mais completa das atrizes conhecidas até hoje.

(22) Os espíritos admiram-se sempre de que nós não os ouçamos.

Professor Lodge: – Sim, tive com ele uma longa conversa.

Phinuit: – Vosso tio Jerry vos pede interrogar seu irmão Robert a respeito da sua bengala. Ele mesmo a tinha torneado. Essa bengala tem um castão recurvado com uma peça de marfim na extremidade e está em poder de Robert que fez gravar no castão as suas iniciais. (Existe mesmo uma bengala, porém a descrição não está certa). Robert possui ainda a pele e o anel. Vosso Tio

Jerry lembra-se de um gato que Robert matou e que ele prendeu a uma paliçada para vê-lo debater-se antes de morrer. Isto se passou, se bem me lembro, no campo de Smith. Jerry e Robert tinham organizado uma banda de aprendizes. Robert conhecia Smith e Jerry lembra-se também da maneira pela qual, em uma véspera de Todos os Santos, ele e Robert se feriram em uns vidros. (Existe em Barking, onde meus tios passaram a sua infância, um campo chamado Smith, mas meu tio Robert, consultado, não se recorda do caso do gato). Vossa tia Anna quer saber o que foi feito do seu capote de lontra. Quem, pois, esteve na Finlândia ou na Noruega?

Professor Lodge: – Não sei.

Phinuit: – Conheceis o senhor Clark? Um homem alto, muito moreno e que ainda vive?

Professor Lodge: – Creio que sim.

Phinuit: – O irmão dele manda-lhe lembranças. Sabeis que vosso tio Jerry falou com E.? Eles fizeram-se amigos. E. explicou-lhe o que nós fazemos. Jerry disse que vos daria todas as minudências que pudesse citar a respeito de sua família. Não tereis mais que verificar a exatidão dessas minúcias junto ao vosso tio Robert. Se Robert não se lembrar, ele que venha cá que lhe refrescarão a memória. Como vai Maria? (23)

Professor Lodge: – Assim, assim, não muito bem.

Phinuit: – William (24) está contente porque ela parte (Madame Lodge dirigia-se para o continente, porém Madame Piper o sabia). Sua mulher (25) estava muito triste a esse respeito. Estais lembrado da grande poltrona que ele tinha o hábito de sentar-se para entregar-se a intermináveis reflexões?

Professor Lodge: – Sim, perfeitamente.

Phinuit: – Ele frequentemente a usa e se senta lá agora. (26) Ele sente-se satisfeito nela. Costumava sentar-se em frente a uma janela, a cabeça entre as mãos e refletia interminavelmente. (Isto é exato e se passava em seu escritório). Hoje ele é mais feliz e está com a aparência mais jovem. Foi Alec quem caiu em um buraco na barca. (27) Onde está Thompson? Aquele que perdeu seu porte monnaie!

(23) Madame Lodge.

(24) Sogro de Madame Lodge.

(25) Mãe de Madame Lodge.

(26) Singulares essas afirmações porque os espíritos voltam muitas vezes sem o sabermos a visitar os lugares onde viveram para refazerem o que tinham o hábito de praticar. A literatura sobre o assunto nos conta numerosos casos desses.

(27) É exato esse detalhe. Alexandre Marshall (Alec), pai de Madame Lodge. Phinuit tinha feito alusão em uma sessão anterior ao acidente da barca, sem precisar se o fato se tinha passado com o sogro de Madame Lodge.

Professor Lodge: – Sim, sei.

Phinuit: – Encontrei aqui o irmão dele que manda-lhe lembranças e também para a sua irmã Fanny. Que desejaria ele dizer antes de retirar-se daí e que não teve tempo? (28)

Professor Lodge: – Sim, nós percebemos.

Phinuit: – Ah! Perfeitamente. Pois muito bem! Ele disse que Fanny é um anjo e que a viu hoje. Dizei a Ike que ficarei muito reconhecido. Dizei-lhe que as meninas se entenderão perfeitamente. Como vai Suzie? Apresentai meus cumprimentos a ela.

Professor Lodge: – Não pude descobrir quem era o senhor Stevenson, para quem me destes uma mensagem. Qual o seu prenome?

Phinuit: – Ah! Sim! Poderia descobri-lo por parte da menina Minnie Stevenson. Não sabeis que o seu prenome é Henry? Sim, Henry Stevenson. A mãe está no mundo dos espíritos, não muito longe. (29) Dai-me este relógio. (Phinuit tenta abri-lo) Tirai-o do estojo. Abri-o para mim. Vosso tio Jerry disse-me que um dia, com a faca, produziu nele alguns arranhões aqui junto com a argola. Observai na claridade e percebereis. (Há uma pequena paisagem gravada no lugar indicado; algumas linhas figurando o céu foram aprofundadas inutilmente e, segundo toda a aparência, por instinto de fazer mal, ou por ociosidade. Eu ignorava, certamente, a existência dessa particularidade, tanto mais quanto nunca tinha tirado o relógio do seu estojo.)

(28) Alusão à sessão anterior (a 45ª) em que Thompson tinha tomado a palavra.

(29) Nessas comunicações, os supostos espíritos afirmam sempre que os mortos vão sempre se distanciando cada vez mais do nosso universo à medida que progridem e na razão direta do tempo passado depois da morte.

Vê-se como está demonstrada a natureza das informações ministradas. Muitas são verdadeiras, outras são inverossímeis, o que não prova sejam falsas, outras encerram ao mesmo tempo a verdade e o erro, enfim, existem as que são totalmente falsas, é certo. É isto o que ainda mais aproxima as conversações transcendentes das conversações entre humanos encarnados. *Errare humanum est.* Parece que este pesado cadáver que nós arrastamos conosco não é causa única por incriminar, quando nos sacrificamos ao erro. Mas não podendo ser invocadas as hipóteses da fraude e dos movimentos musculares estudados, onde deveremos encontrar a fonte de numerosas informações exatas, que nos dá Madame Piper? A hipótese mais simples, depois das que devemos afastar, é a que consiste em acreditar que o médium toma suas informações com o espírito dos assistentes. Ele deve ler

em suas almas, como em um livro. Deve haver entre ele e aqueles uma transmissão de pensamento. (30) Com esses dados o médium construiria bonecos tão perfeitos, tão vivos, que uma infinidade de consultantes deixariam a sessão persuadidos de que se tinham comunicado com seus parentes falecidos. Se isto fosse verdade, já seria um lindo milagre. Jamais gênio algum, nem o divino Homero, nem o frio Tácito, nem Shakespeare impassível, teria sido criador de homens, comparável a Madame Piper. Ainda assim a ciência nunca teria encontrado, para ocupar-se, um motivo mais digno do que esta mulher.

(30) É a hipótese chamada pelos ingleses – thought transference.

Mais a maior parte daqueles que realizaram sessões com Madame Piper afirmam que as informações dadas não existiam na sua consciência. Se foram eles que as ministraram, o médium deve tê-las recebido, não conscientemente, mas na sua subconsciência, nos mais profundos recônditos da alma, nesse abismo onde se aprofundam, longe de nossas vistas, os fatos que preocuparam, por um momento apenas, o nosso espírito, ainda que muito superficialmente e onde tais fatos deixam, parece, um traço indelével.

Assim o mistério torna-se cada vez mais profundo. Mas não é tudo. A cada instante Madame Piper dá aos assistentes minúcias que estes afirmam jamais terem podido conhecer. Fora preciso, então, que Madame Piper lesse instantaneamente nos espíritos das pessoas, às vezes tão distantes, e que essas pessoas conhecessem aquelas minúcias. É a hipótese da telepatia, na qual não insistiremos agora, porque devemos estudá-la a fundo, mais tarde.

O professor Lodge preparou para as sessões que se realizaram na Inglaterra uma lista, forçosamente incompleta, dos fatos mencionados pelo médium com pessoas que estavam

inteiramente esquecidas desses fatos, ou que tinham motivos para supor que nunca os conheceram, ou ainda que fosse impossível que os conhecessem. Essa lista continha quarenta e dois desses casos, dos quais citarei quatro ou cinco para dar aos meus leitores uma idéia da sua natureza. De preferência tomarei os que se relacionam com a família Lodge, para não incluir aqui, sem necessidade, novas personagens.

Na décima sexta sessão, (31) Phinuit afirma ao Professor Lodge que seu filho primogênito tem uma doença na barriga da perna. Naquele momento o menino só se queixava de uma dor no calcanhar, quando andava. O médico consultado tinha diagnosticado, vagamente, um reumatismo. Porém, alguns dias depois da sessão, a dor localizou-se na barriga da perna. Ora, não podia haver auto-sugestão, porque o professor Lodge nos afirma que nada tinha falado a seu filho.

Na quadragésima quarta sessão (32) o professor Lodge perguntou a seu tio Jerry: "Lembrai-vos de algum caso de nossa infância? – O tio Jerry responde prontamente: "Certo, lembro-me de ter escapado de afogar-me." – Seguiu-se um riso muito característico da personagem. – "Éramos um bando de rapazes que embarcamos em uma canoa. O barco virou e tivemos que atravessar o rio a nado contra a corrente. Perguntai a meu irmão Robert; ele deve lembrar-se."

(31) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 467.

(32) Ibid. p. 503.

Consultado, o tio Robert lembra-se perfeitamente do incidente, dando, porém, particularidades diferentes. Essa confusão de particularidades de um acontecimento distante, essa lembrança parcial, se patenteia a todo o instante em cada um de nós. Segundo essa analogia, os desencarnados se assemelhariam ainda mais aos encarnados. Parece que não foi a canoa que virou, mas os dois

jovens Jerry e Robert Lodge, que ao deixarem a embarcação se puseram a brincar violentamente nas margens do rio e caíram n'água. Deviam ter nadado vestidos para alcançarem a margem oposta, contra a correnteza violenta que os arrastava diretamente para um rodamoinho.

Na quadragésima sexta sessão, (33) o pai do professor Lodge disse-lhe: "A última visita que fiz antes de morrer foi a teu tio Robert. Nessa ocasião eu já sentia sintomas inquietantes." O professor Lodge ignorava esse fato ou se o tinha conhecido, estava de todo esquecido, porquanto foi informar-se com um dos seus primos pra saber se era exata aquela declaração. O primo respondeu-lhe confirmando tudo.

(33) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 514.

Na octogésima segunda sessão (34) o tio Jerry, falando de seu irmão Frank que ainda está vivo, assim se exprime a propósito de um incidente de sua infância: "Ah! Sim, certo! Frank estava cheio de vida; ele trepou, uma vez, no telhado de nossa casa e aí escondeu-se. É incrível as travessuras de que era capaz. Passeava sem camisa, jogava à terra o chapéu dos que passavam. Havia junto a nossa uma família Rodney. Pois bem, de cima do telhado ele proporcionou um vôo magistral a um dos filhos de Rodney, chamado João. O menino salvou-se, porém, seu pai ameaçou Frank que escapou à ameaça. Podia meter-se em um buraco, por pequeno que fosse, melhor que qualquer outro menino. Trepava nas árvores como um macaco. Que menino terrível era ele! Lembro-me bem do seu modo de pescar; entrava n'água até ao peito; todos pensavam que um dia ele encontrasse assim a morte, porém jamais encontrou coisa alguma."

(34) Ibid., p. 549.

Esse tio Frank vivia ainda em 1890 e morava em Cornwalles. O professor Lodge escreveu-lhe perguntando se as particularidades

acima eram exatas. Frank respondeu, precisando as menores minudencias. “Lembro-me perfeitamente de me haver batido com esses moços; tinha eu dez anos e creio que era um grande patife.”

Em 29 de novembro (35) o professor Henry Sidgwick, também um dos homens mais eminentes, realizou uma sessão com Madame Piper. Combinou com a esposa que durante a reunião ela ficasse em casa e assumisse qualquer atitude particular. Pedir-se-ia a Madame Piper que descrevesse aquela atitude, a fim de ficar provado o seu poder de vista a distância. Interrogado, Phinuit respondeu: “Ela está sentada em uma poltrona, fala com outra dama e põe alguma coisa na cabeça.” – Estava tudo perfeitamente certo. A senhora Sidgwick estava efetivamente sentada em uma grande poltrona, conversando com a senhorita Alice Johnson e tinha colocado na cabeça um lenço azul. Entretanto Phinuit se enganou ao indicar a situação e descrever a peça da casa onde a cena se passava.

(35) Proc. of S.P.R., p. 627.

Capítulo VI

Phinuit. – Suas origens prováveis. – Seu caráter. – O que ele diz de si próprio. – Seu francês. – Seus diagnósticos médicos. – Não será ele mais que uma segunda personalidade de Madame Piper?

No ponto em que chegamos uma pergunta interessante se estabelece. Quem é este Phinuit? De onde vem o seu nome? Ele próprio de onde vem? Devemos acreditar que é um espírito humano desencarnado, como ele o afirma obstinadamente, ou devemos tomá-lo por uma segunda personalidade de Madame Piper? Se é um espírito, esse espírito seguramente não tem amor à verdade, como se vai ver, e sobre esse ponto ainda ele parece um tanto exagerado para muitos de nós. Em todos os casos podemos observar o que acabamos de dizer, não se levando em conta essa obstinação dos guias em quererem se fazer passar por espíritos desencarnados; o fato é, pelo menos, digno de atenção. Quero crer que seja uma sugestão imposta pela personalidade normal do médium às suas personalidades secundárias; mas, pergunto a mim mesmo, por que nunca se pode destruir essa sugestão? Numerosas tentativas têm sido feitas, principalmente a propósito de Phinuit. Essas tentativas foram sempre dirigidas para excitar a vaidade desse bravo doutor desencarnado, que absolutamente tem de ser um espírito. Quem quer que seja ele, tentemos por um instante desvendar as origens desse guia.

Não esqueçamos que a mediunidade de Madame Piper nasceu, se assim me posso exprimir, durante as sessões que ela teve com o

médium cego J. R. Cocke. Ora, esse médium era então, e tem sido sempre depois, creio, guiado por certo Dr. chamado Albert G. Finnett, um médico francês da velha escola que produziu Sangrado. Além disso, esse velho cirurgião barbeiro, como o chama o seu médium, é muito modesto. Ele diz que não é "ninguém em particular". Espero que ele não queira dizer que se parece com o capitão Nemo, de Jules Verne. Seu nome Finnett é pronunciado pelos ingleses Finny; há grande semelhança de nome com o nosso Dr. Phinuit. Não se está no direito de perguntar se o médium Cocke, despertando a mediunidade de Madame Piper, não lhe teria feito ao mesmo tempo, presente de seu guia. O Dr. Hodgson interrogou várias vezes Phinuit a esse respeito, mas este afirma que não sabe o que lhe querem dizer, e que o primeiro aparelho humano, por intermédio do qual se tenha manifestado, é o de Madame Piper. Não tentarei desvendar a questão.

A primeira vez que Madame Piper viu escrito o nome do seu guia, ou pelo menos pela metade escrito, foi depois do nascimento do seu segundo filho, em outubro de 1885. O fato é contado por ela própria, em resposta a uma pergunta do Dr. Hodgson, e, aliás, é extraordinário para ser contado.

Madame Piper acabava de deitar-se e estava quase a dormir, quando, de repente, percebeu em sua frente, na parede, uma luz intensa e iluminadas por essa luz as quatro letras Phin... que apareciam em negro. Naturalmente ela pensou logo no seu guia comum. Perguntou a seu marido se ele também via a luz. Não, respondeu este, não vejo nada. Que tens tu? Vais cair em transe?

Tendo desaparecido a luz, o nosso médium levantou-se, acendeu uma vela e foi ver se não restava qualquer traço das letras na parede. Nada havia ficado.

Se Phinuit não variou de nome, seguramente modificou-lhe a ortografia. Até 1887, todas as vezes que ele assinava seu nome, grafava Phinnuit, com dois n. O Dr. Hodgson acusa-se de ser, provavelmente, o autor da variação ortográfica. Ele, sem nenhum propósito, habituou-se a escrever Phinuit com um só n. Madame Piper no seu estado normal teve muitas vezes ocasião de ver esse nome assim escrito. Assim, na primeira metade do ano de 1888, Phinuit começou a escrever seu nome com um único. Somente mais tarde, compulsando suas antigas anotações, o Dr. Hodgson apercebeu- se do erro.

O leitor admirar-se-á, talvez, que eu fale da personalidade Phinuit como se estivesse estabelecido de antemão que esse doutor hipotético fosse realmente um espírito, isto é, uma personalidade tão diferente da do médium quanto vós e eu possamos ser diferentes um do outro. Tenho de fazer minhas reservas sobre esse ponto. Os investigadores do caso Piper, encontrando entre os guias e os indivíduos em estado normal diferenças tão decisivas quanto as que existem entre os homens em carne e osso, adotaram, por comodidade, a linguagem desses guias, mas prevenindo-nos de que para isso eles não pretendiam prejulgar as suas naturezas. Faço e continuarei a fazer como os pesquisadores. Isto não traz o mínimo inconveniente, conquanto, sem dúvida, caminhemos um pouco antecipado.

Voltemos a Phinuit e procuremos esboçar seu caráter. Esse médico do Além não é um homem mau, ao contrário, é muito prestativo e só procura uma coisa – causar prazer a todo o mundo. Repete tudo o que se quer, faz todos os gestos que lhe sugerem os comunicantes para se fazerem reconhecer, até mesmo os de uma criança pequena. Canta como uma mãe chorosa, com sua voz embora grossa, as cantigas que embalam as criancinhas ou a

berceuse que ela cantava para o filhinho enfermo, quando esse canto deva servir de prova de identidade. Encontro nos relatórios do Dr. Hodgson, pelo menos, um caso desse gênero.

Os versos cantados podiam muito bem ser conhecidos de Madame Piper porque são muito vulgares. Mas como esses cânticos tenham sido repetidos muitas vezes durante a enfermidade do filhinho e como aqueles versos foram os últimos que ela cantou na terra, a coincidência é, quando menos, admirável. É possível que Madame Piper tome as atitudes e palavras onde consegue outras particularidades, em qualquer fonte para nós desconhecida.

Entretanto, se o Dr. Phinuit tem bom coração, é muitas vezes deploravelmente trivial. Sua linguagem raramente se eleva, e suas expressões são quase sempre vulgares. Não desista, quando há oportunidade, um dito espirituoso, nem uma ponta de humorismo. Assim, nós o vemos maliciosamente persistir em dar ao professor Lodge o título de Capitão. Outras vezes, procura durante muito tempo, e acaba por encontrar o nome exato de determinada pessoa – Teodora. Em seguida acrescenta com descaramento: "Hum! É um nome sublime quando me vem a imaginação! – Isso não impede que Phinuit confunda o nome Teodora com Teosofia e de chamar Teosofia a pessoa em questão. Ser-me-ia fácil dar outros exemplos do caráter de Phinuit. Mas, a propósito, devo observar que acho admirável essa palavra teosofia na boca de Phinuit, mesmo quando ele a usa por gracejo. É evidente que Madame Piper conhece muito bem o nome e a coisa. Mas no tempo em que o Dr. Phinuit em carne e osso curava seus contemporâneos, não creio que ele já tratasse da Teosofia, nem de Madame Blavatsky, sua fundadora. Existia, é certo, uma seita de teosóficos, no fim do século XVIII, porém muito obscuro ainda.

Com isto o Dr. Phinuit não fica pouco orgulhoso de suas proezas. Ele tem que fazer crer que sabe tudo e que vê tudo. Fora disto é, talvez, para manter sempre a atitude de nada ignorar que avança algumas vezes tantos fatos ignorados. E isto é deplorável, porquanto ele prestaria muito mais serviços se suas palavras jamais estivessem sujeitas à caução. Infelizmente está longe de ser assim. Às vezes Phinuit parece mentir de propósito deliberado. Isto foi observado quando lhe pediram para provar sua identidade, dando minúcias de sua vida terrestre.

Em dezembro de 1889 (36) ele respondeu a Alfredo Lodge, irmão de Oliver Lodge, assim:

"Estou no mundo dos espíritos há vinte ou trinta anos, tanto quanto posso julgar. (37) Desencarnei com setenta anos, vitimado pela lepra. Que doença desagradável! Viajei pela Austrália, estive na Suíça. Minha mulher chamava-se Maria Latimer. Tive uma irmã de nome Josephine. Meu pai chamava-se João. Estudei medicina em Metz, e foi nessa cidade que me diplomei, com a idade de trinta anos. Informai-vos também no Hospital Geral de Paris. Nasci em Marselha, sou, portanto, do sul da França. Procurai encontrar uma mulher de nome Carey, uma irlandesa, cujo pai era também francês. Tive por essa mulher grande piedade, quando recolhida naquele hospital. Meu nome completo é João Phinuit Schlevelle, mas sempre me chamaram o Dr. Phinuit. Conheceis um médico chamado Clinton Perry? Encontrá-lo-eis no Hospital Dupuytren, bem como a mulher de que vos falei. Existe uma rua Dupuytren, uma famosa rua para os médicos... Minha missão, agora, consiste em proporcionar comunicações aos que estão encarnados e em lhes fazer crer na nossa existência."

(36) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 520.

(37) Os espíritos afirmam sempre que eles têm uma noção muito imperfeita do tempo.

Creio que o Dr. Phinuit foi mal escolhido para preencher esse papel. As informações que ele pretendeu dar-nos aqui, sobre a sua pessoa, não trazem o cunho da absoluta sinceridade. Dir-se-ia um inglês ou americano que quer-se fazer passar por francês, junto a seus compatriotas, conhecendo mal a França e as suas coisas. Ainda se ele se mantivesse firme! Mas não! Tem muitas variantes. Ao Dr. Hodgson, (38) afirmou que se chamava João Scliville. Não foi capaz de dizer-lhe a data do seu nascimento, nem a de sua morte, mas, comparando-se as informações que prestou, poder-se-ia supor que nasceu em 1790 e que morreu em 1860. Disse ao Dr. Hodgson que estudou medicina em paris, em uma escola denominada Merciana ou Meerschaum, não sabe ao certo. Também estudou medicina em Metz, Alemanha. (39) Josephine não é mais sua irmã, mas sua mulher. "Josephine, disse ele, era minha companheira, primeiro, mas depois abandonei-a e em seguida desposei sua irmã Maria". Maria Latimer teria trinta anos quando se casou com Phinuit e teria morrido com cinqüenta anos. "Conheceis o Hospital de Dieu (sic)? – Sim, é em Paris. – Lembrai-vos do velho Dyruputia? (Dupuytren?), ele era o chefe do Hospital. Há em Paris uma rua que tem o seu nome."

(38) Ibid., vol. viii. p. 50.

(39) Metz voltou à França pelo tratado de paz de 1918.

Phinuit teria ido a Londres e de Londres à Bélgica.

"Eu viajava muito quando minha saúde começou a ser precária, disse ele."

Na passagem que se acaba de ler, Phinuit pretende que lhe está designado o papel de provar a existência dos espíritos. Se lhe fosse atribuído o papel contrário, ele estaria muito mais seguro de sair-se bem, dando-nos informações semelhantes. Se se atentasse nisto, perguntar-se-ia como homens severos puderam ocupar-se tanto tempo em semelhantes frioleiras. Felizmente outros tiveram

melhor êxito que Phinuit para estabelecerem suas respectivas identidades, como veremos mais adiante. Se Phinuit conta histórias vãs, quando fala de si próprio, revela os segredos mais íntimos e mais dissimulados, quando fala dos outros. Em verdade há razão para dizer-se que esses fenômenos são desconcertantes. Por isso mesmo não são menos interessantes para a ciência quando a sua autenticidade e a sinceridade do médium estão fora de discussão, como no caso que nos ocupa. Continuarei, pois, a ocupar-me da personalidade Phinuit. Ela mostrará o reverso da medalha.

Um médico americano C. W. F. que o Dr. Hodgson indicou para as sessões iniciais com Madame Piper foi a uma dessas sessões, em 17 de maio de 1889. Eis um fragmento do diálogo que se trava entre ele e Phinuit: (40)

C. W. F.: – Quais eram os médicos mais eminentes de Paris no vosso tempo? Phinuit: – Bouvier e Dupuytren. Esse último era médico do Hospital Geral. (41)

C. W. F.: – Dupuytren vivia ainda na época da vossa morte?

Phinuit: – Não, ele morreu antes de mim. Eu desencarnei há uns vinte ou trinta anos.

(40) Proc. of the S.P.R., vol. viii. p. 98.

(41) Bouvier morreu em 1827 e Dupuytrem em 1835.

C. W. F.: – Que influência tem o meu espírito em tudo isso que me disseste? Phinuit: – Nada tomo do vosso espírito. Não posso ler na vossa alma mais que posso ler através de uma parede.

Phinuit acrescentou que via objetivamente as pessoas com as quais falava e que eram estas que lhe davam suas comunicações.

C. W. F. – Tendes parentes em Marselha?

Phinuit: – Eu tinha lá um irmão que morreu há dois ou três anos.

Um pouco mais adiante, na mesma sessão, Phinut disse: “Há pessoas que pensam que o médium e eu somos a mesma personalidade. É uma grande tolice.”

Vamos melhor! Mas, se Phinuit não é Madame Piper, não tem, tampouco, a aparência de ser um francês. O que salienta mais esta evidência, é ser ele incapaz de sustentar uma conversação na nossa língua. Fala o inglês com um acento francês de café-concerto muito pronunciado, é verdade, mas isto não constitui uma prova. De boa vontade conta em francês e algumas vezes diz três ou quatro palavras, mais ou menos corretamente. Mas quem ousaria sustentar que a subconsciência de Madame Piper não guardou essas palavras, de qualquer modo, tanto mais quanto em certa época o nosso médium contratou para seus filhos uma professora que falava corretamente o francês? No entanto o Dr. C. W. F. supõe que Phinuit compreendeu tudo quanto ele lhe disse em francês, o que Madame Piper, em seu estado normal, não teria podido entender. Por outro lado o Dr. William James afirma que Phinuit não compreende o seu francês. Em quem acreditar? O certo é que, francês ou não, Phinuit não fala francês. O Dr. Hodgson perguntou-lhe como isto podia ser. Phinuit, que não se embaraça com coisa alguma explicou-lhe assim: “Há muito tempo que ele exercia a medicina em Metz, e como havia muitos ingleses naquela cidade, tinha acabado por esquecer o francês.” Aí estão infantilidades como as imaginadas, de bom grado, pelas segundas personalidades. (42) O Dr. Hodgson ponderou-lhe o absurdo da explicação e acrescentou: “Como sois obrigado a exprimir vossos pensamentos pelo aparelho do médium, e como o médium não sabe o francês, seria mais lógico que dissésseis ser impossível dar o vosso pensamento em francês por intermédio de Madame Piper.” Phinuit achou a lógica do Dr. Hodgson magnífica, e alguns

dias depois dela se serviu, tal qual, para outro curioso que o interrogava.

(42) Proc. of S.P.R., part xxi. vol. viii. p 51.

Como o Dr. Hodgson continuasse a apurar a grafia do seu nome, ele terminou por confessar ou por acreditar que não se chamava mais Phinuit.

– "Foi o médium Cocke quem, assistindo um dia a uma sessão, pôs-me esse nome. Bem, replicava eu, chamai-me Phinuit se quiserdes, tanto me importa esse nome como outro qualquer. Todavia, Hodgson chama-me Scliville; sou o Dr. João Scliville. Mas, devo dizer que tenho um outro nome entre João e Scliville."

Phinuit pensou muito e em outra sessão, pretendeu ter encontrado o nome que lhe faltava. Seu nome seria agora João Alaen Scliville. Percebe-se que Alaen tem uma vestidura muito francesa.

Enfim aí estão míseras invenções, tão míseras e pouco poéticas como o romance marciano originado na subconsciência da Senhorita Smith.

O título de doutor que dá a si próprio legitimará melhor Phinuit? Sobre esse ponto, as opiniões são menos divididas. Seus diagnósticos são às vezes de uma precisão surpreendente, mesmo nos casos em que os pacientes desconhecem a sua doença. Relativamente ao valor de Phinuit como médico, desde 1890 o professor Oliver Lodge se exprime como veremos em seguida. A opinião de um sábio como esse professor é de grande peso, embora ele seja um físico e não um médico.

Admitindo-se ou não que o Dr. Phinuit não seja outra coisa senão uma personalidade secundária de Madame Piper, não se pode deixar de ficar maravilhado com a estranha exatidão de seus diagnósticos médicos. Esses diagnósticos, se bem que feitos sem exame prévio e muitas vezes mesmo sem ter visto o paciente, são

tão precisos quanto os dos médicos de carne e osso e formam uma presunção a mais em favor da existência de poderes sobrenaturais em Madame Piper. Não obstante não pretendo dizer que os diagnósticos do Dr. Phinuit sejam infalíveis. Conheço mesmo um caso em que, evidentemente, ele cometeu um erro.

O Dr. C. W. F. pediu a Phinuit que lhe descrevesse o seu estado físico e este o descreveu perfeitamente. Mas neste caso, é evidente, podemos supor que houve uma transmissão de pensamento, visto que o Dr. C. W. F., médico que era, devia conhecer o seu próprio organismo. Intrigado, esse médico pergunta a Phinuit quantos anos ainda lhe restavam para viver. Phinuit responde-lhe, contando pelos dedos, em francês, até onze. Isto se passava em 1889. Se a profecia se realizou, o Dr. C. W. F. deve, a esta hora, ter ido juntar-se ao seu colega no outro mundo. Seria interessante saber-se.

Em geral, os outros médicos que realizaram sessões com Madame Piper, não incriminam tanto os diagnósticos do Dr. Phinuit com suas receitas médicas. Eles incriminam essas receitas, por elevarem mais o herborista que o farmacêutico. Isto não seria uma exprobação muito grave nem muito sólida. Se efetivamente existiu um Dr. Phinuit, ele devia ter clinicado há uns cinqüenta ou sessenta anos e teria feito seus estudos no começo do último século. A terapêutica daquela época diferia consideravelmente da de hoje. Eis porque o Dr. C. W. F. pergunta se os conhecimentos médicos do Dr. Phinuit vão, realmente, além do que Madame Piper teria podido ler em qualquer manual de medicina doméstica. No que concerne aos diagnósticos aqueles conhecimentos vão seguramente além.

O Dr. C. W. F. conta um fato que não provaria a ignorância médica de Phinuit, mas que provaria uma vez mais a sua

ignorância do francês e até mesmo do latim dos botânicos. Certa vez o Dr. C. W. F. perguntou a Phinuit: (43) “Nunca prescrevestes chiendent (44) ou triticum repens? – servindo-se do termo latino e do termo francês.

(43) Proc. of S.P.R., vol. viii. p. 51.

(44) Grama (Botânica)

Phinuit mostrou-se muito surpreso e disse: “Que vem a ser isso? Como dizeis em inglês?” Certo um médico francês e principalmente um médico da primeira metade do século passado deve conhecer a grama e também o triticum repens.

Madame Piper afirmou ao Dr. Hodgson que muitas vezes tinha apresentado a Phinuit certas plantas medicinais, perguntando-lhe o nome e que ele nunca se enganava. A um de seus amigos, o Dr. Hodgson pediu amostras de três plantas medicinais, ficando ele inteiramente na ignorância do nome dessas plantas bem como de sua utilidade. Phinuit examinou demoradamente tais plantas e não foi capaz de indicar o seu nome ou o seu emprego. Este fato não provaria grande coisa também. Raros devem ser os práticos vivos que não se deixariam apanhar dessa maneira.

Creio do meu dever dar dois ou três diagnósticos de Phinuit, a título de exemplos. Escolherei ente os que foram dados ao Dr. Hodgson sobre ele mesmo, porque os leitores o conhecem bem agora.

Em uma das primeiras sessões (45) que o Dr. Hodgson realizou com Madame Piper, Phinuit fez de sua constituição física o juízo seguinte: “Sois um solteirão de compleição para viver cem anos.” Acrescentou ainda que o Dr. Hodgson tinha naquele momento uma ligeira inflamação nas membranas nasais, embora não houvesse qualquer sinal aparente que o pudesse guiar.

(45) Ibid.

Em outra ocasião o Dr. Hodgson interrogou-o a respeito de uma dor que não sentia, mas que recentemente o tinha atacado. Phinuit esquivou-se logo dizendo: “Mas se já dissesteis que estais passando bem! ... Depois, passando a mão pelo ombro esquerdo do Dr. Hodgson, colocou o dedo sob a omoplata esquerda, no lugar exato onde a dor se tinha localizado e disse que essa dor fora causada por uma corrente de ar, o que devia estar certo. Uma outra vez o Dr. Hodgson queixava-se de outra dor, sem precisar a localização. Imediatamente Phinuit pôs o dedo sobre o lugar dolorido, abaixo do peito, e disse logo que o mal era causado por uma indigestão, depois corrigindo-se espontaneamente, atribuiu-o a uma distensão muscular causada por um exercício. Hodgson não tinha absolutamente pensado nessa explicação; no entanto era verdade que dois dias antes, ao deitar-se na cama e depois de alguns dias de interrupção dos seus exercícios musculares, ele se pusera a fazer movimentos de flexão do corpo para frente e para trás. A dor tinha aparecido no dia seguinte. Phinuit receitou aplicações de compressas de água fria no lugar doloroso e mandou fazer fricções com a mão. Realmente existem diagnósticos mais complicados e mais extraordinários que estes que acabo de citar.

Terminando este estudo sobre Phinuit, devo voltar à eterna questão: Phinuit constitui uma personalidade diferente de Madame Piper, ou é uma segunda personalidade dela? Nenhum daqueles que estudaram esta questão de perto ousaram pronunciar-se categoricamente. Não há uma diferença tão claramente distanciada entre a personalidade normal e as segundas personalidades estudadas até hoje, como a que existe entre Phinuit e Madame Piper. Com efeito, o médium e seu guia não têm nem o mesmo caráter, nem o mesmo estilo, nem os

mesmos conhecimentos, nem a mesma linguagem. Não existe absolutamente igualdade entre a personalidade normal e as segundas personalidades. Nossa personalidade pode dividir-se em fragmentos que, à primeira vista, podem parecer inteiramente diferentes. Todavia, na realidade, estudando- se esses fragmentos de perto, encontram-se entre eles numerosos pontos de contato. Quando a sugestão vem juntar-se a essa fragmentação, a diferença entre a personalidade normal e as segundas personalidades é ainda mais acentuada. Contudo, observa-se um automatismo que não se verifica em Phinuit. Este parece tão senhor das suas faculdades mentais e de sua vontade, como vós e eu.

Finalmente, se considerarmos que muitos entre outros guias de Madame Piper levam pouco mais longe que Phinuit o amor à verdade; que eles foram bem sucedidos em provar suas identidades aos olhos de seus parentes que, não obstante estavam céticos ao começar; se considerarmos, entre outros, os casos George Pelham e Hyslop, dos quais falaremos amplamente mais adiante, somos quase levados a desculpar Phinuit em face da honestidade de seus colegas, e de lhe admitirmos realmente, uma consciência independente de Madame Piper.

Capítulo VII

A carta de Hannah Wilde. – Primeiro texto dado por Phinuit. – Uma sessão com Madame Blodgett. – Só encontramos nesse caso leitura de pensamento.

Neste capítulo vamos tratar de um caso do qual desejo falar minuciosamente, por três razões: 1º - Se a experiência fosse bem sucedida, estando perfeitamente estabelecida a boa fé dos experimentadores, teríamos aí, certamente, um começo de prova em favor da sobrevivência. Se querem alcançar o fim desejado, precisarão organizar experiências desse gênero. Embora, com bom êxito, apenas houvesse uma em dez experiências, encontrar-se-ia um método, e com o tempo chegar-se-ia seguramente à descoberta da verdade. 2º - Este exemplo mostrará ainda uma vez ao leitor o caráter de Phinuit, que prefere não recuar diante de qualquer invencionice, em risco de ser pegado em flagrante delito, a confessar sua ignorância ou sua incapacidade. 3º - O leitor terá neste caso exemplos das informações falsas, inventadas em todas as más sessões.

Certamente essa desonestidade de Phinui complica, singularmente, o problema. Mas tenho de apresentar este problema, tal qual se encontra no momento, com seus pontos obscuros e com seus pontos luminosos. É preciso que a ciência procure explicar uns e outros. (46)

(46) Proc. of S.P.R., vol. viii. p. 69.

A senhorita Hannah Wild morreu em 28 de julho de 1886. Ela pertencia à seita anabatista (47) à qual se manteve fiel até seus

últimos momentos. Pouco mais ou menos um ano antes de sua morte, um jornal espírita de Boston publicou uma mensagem que se atribuía à finada mãe de Hannah. Esta ficou muito chocada com a comunicação.

(47) Seita política e religiosa do princípio do século XVI. (Nota do tradutor.)

Sua irmã aconselhou-a a tentar a seguinte experiência: Hannah escreveria uma carta cujo texto somente ela deveria conhecer e, uma vez morta, se circunstâncias mais fortes que sua vontade não se opusessem, ela voltaria por intermédio de um médium qualquer para dizer o conteúdo da carta. Essa carta só seria aberta no dia em que chegasse uma mensagem que trouxesse todos os sinais de verossimilhança exigidos.

Assim foi feito. A senhorita Hannah Wild escreveu, selou e fechou a carta em uma lata. Estava convencionado que nenhuma mão mortal nela tocaria. Ao remeter a sua irmã a carta, Hannah disse: "Se eu puder voltar, será como se soassem os grandes sinos do campanário!"

"Minhas mãos nunca tocaram essa carta, afirmou Madame Blodgett, irmã de Hannah Wild. Depois do meu casamento, a carta ficou depositada no cofre de meu marido. Para enviá-la ao professor James, segurei-a com uma tesoura."

Com efeito, Madame Blodgett tendo descoberto, na segunda metade do ano de 1886, o nome do professor William James, em um jornal, ocupando-se de pesquisas psíquicas, escreveu-lhe relatando as circunstâncias acima. Foi assim que o professor James tentou obter a leitura da carta, por intermédio de Madame Piper. Remeteu a esta não a carta, é óbvio, mas uma luva que a senhorita Hannah trazia no dia em que ela escrevera a carta e o forro do seu chapéu.

Foi o sogro de Madame Piper, o senhor J. W. Piper, quem se apresentou na qualidade de consultante. Phinuit levou muito tempo procurando, durante várias sessões, o conteúdo da carta. O resultado de suas reflexões foi uma longa lucubração melodramática, que fez pensar, involuntariamente, em certas produções subliminais da senhorita Smith.

Do resultado dessas reflexões darei aqui três parágrafos. As observações entre parênteses que seguem cada parágrafo são de Madame Blodgett. Diante da sua clareza o leitor apreciará. Entretanto, talvez não seja inútil observar que Phinuit descobriu o nome da senhorita Hannah Wild que lhe havia sido cuidadosamente oculto.

1. "Minha querida irmã. No fundo da minha mala, que está na mansarda, com meus vestidos, eu guardei uma pequena quantia de dinheiro com algumas jóias que me foram dadas, como tu bem sabes, por nossa mãe. Essas jóias foram oferecidas a ela por nosso avô, falecido hoje. Minha Bessie, eu presenteio-te com elas. É tudo quanto possuo. Quisera poder deixar-te mais. Sinto um grande pesar de não poder fazer um donativo à Sociedade. Mas, como tu sabes, eu não podia. Se não houver obstáculo insuperável, após minha morte, meu espírito estará com os meus irmãos em crença. (Minha irmã não deixou nenhuma mala, nem nunca viveu em casa que tivesse uma mansarda. Nossa mãe não lhe deu jóias, Nosso avô morreu em 1835 e nossa mãe morreu em 1880 e deu-me todas as suas jóias. Fui eu mesma quem antes tinha ofertado essas jóias a ela. Minha irmã deixou dinheiro e podia ter feito um donativo à Sociedade, se quisesse.)

2. "Desejo que dês a nossa cunhada Ellen, a mulher de John, o pano de mesa que eu fiz há um ano. O fato de eu dispor desses objetos depois da minha morte é uma prova de que os espíritos

podem voltar. Minha querida irmã, se tu te casares outra vez, (48) como acredito, pega o dinheiro de que já te falei e compra um enxoval. (Minha irmã Hannah nunca fez qualquer pano de mesa. Fui eu quem fez um e lhe dei. Nosso irmão John morreu com a idade de cinqüenta anos. (49) Não há ninguém com o nome de Ellen entre os nossos parentes. Hannah acreditava, com efeito, que eu me casaria outra vez, porém ela sabia que eu não precisava do seu dinheiro para comprar um enxoval.)

(48) Nessa época, Madame Blodgett estava viúva de John Rothmall. Desposou o Dr. Blodgett, em segundas núpcias, depois da morte de Hannah.

(49) Haveria, contudo, da parte de Phinuit, aproximações dignas de serem observadas.

3. Não ponha luto por mim, porque, se é verdade que os espíritos podem voltar, quero ver-te em toilette clara e não preta. Não, nada de luto, por mim, minha querida Bessie! Trata de ser feliz no teu novo lar e, quando pensares em mim, lembra-te de que a tua irmã Hannah não está morta, e que apenas abandonou o seu corpo. Far-te-ei uma bela descrição da nossa vida no Além e dar-te-ei notícias de nossa mãe se eu a encontrar." (Minha irmã Hannah vestia-se sempre de preto e não deixava de me repetir que eu fazia muito mal em tirar o luto, porquanto meu filho me dizia sempre: "Mamãe, se eu morrer, tu te vestirás para sempre de luto." – Vesti-me vinte anos de preto.)

E assim por diante as lucubrações de Phinuit que ocupavam, pelo menos, seis boas páginas manuscritas.

Salvo o nome de Hannha Wild, tudo era inexato. No entanto, J. W. Piper afirma que, durante todas as sessões, teve a sensação de conversar com o espírito da senhorita Hannah. Pediu-se a Phinuit um sinal particular da comunicante: todas as minúcias foram inexatas. É necessário dizer-se também que a carta escrita pela senhorita Hannah antes de morrer e aberta pelo professor

William James, ao receber a comunicação de Phinuit, diferia completamente do original.

Até aqui o caso Brodgett-Hannah Wild é, em suma, banal. Phinuit mentiu quando disse estar em comunicação direta com o espírito de Hannah; com efeito, neste caso como em outros, não se pode dizer que há uma fraude consciente por parte de Madame Piper. Mas, eis onde o caso passa a ser interessante e onde a luz se fizesse, talvez, sobre a maneira pela qual Phinuit consegue as suas comunicações e sobre a sua própria natureza. Para julgar apenas por esse caso, parece quase evidente que Phinuit não é mais que uma segunda personalidade de Madame Piper, tendo o extraordinário poder de ler na consciência das pessoas, sem que a distância seja um obstáculo. Todavia, dizemos imediatamente, que numerosos outros casos dão ao problema toda a complexidade. Será forçoso concluir pelo que se segue que, se por acaso, Phinuit é o que dizem, ele não obtém suas informações unicamente dos espíritos desencarnados que objetivamente percebe; lê também na consciência dos vivos e, com os indícios que nela descobre, cria personagens com aparência de vida e incontestável semelhança com humanos falecidos.

Em 29 de maio de 1888, (50) Madame Blodgett realizou pessoalmente uma sessão com Madame Piper. O encontro foi marcado por intermédio do Dr. Hodgson que teve o cuidado, como sempre, de não nomear a futura consultante e de não proporcionar qualquer particularidade que pudesse facilitar a descoberta da sua identidade. Essa sessão foi notável, ao meu ver. Madame Blodgett, com muito bom senso, resume pouco mais ou menos assim, o resultado dos trabalhos: “Todas as minudencias referentes ao caso estavam ou tinham estado em minha consciência. Estas Phinuit deu exatamente. Sobre todos os pontos

que eu ignorava, ele respondeu de modo inexato ou nada respondeu."

(50) Proc. of S.P.R., vol. viii. p. 75.

Durante todo o desenrolar da sessão, Phinuit pretendeu repetir palavra por palavra as frases da senhorita Hannah, que se achava presente. Citarei os incidentes mais típicos. As observações entre parênteses são de Madame Blodgett.

Hannah Wild: (51) – Bessie, Bessie Blodgett, minha irmã, como sou feliz em te ver! Sou Hannah, tua irmã. Como vai nosso pai e todos os outros? Oh! Sou tão feliz em te ver! (Durante todo o tempo Madame Piper dava-me pancadinhas com a mão, num gesto inteiramente comum a minha irmã. Quando ela morreu eu me chamava Bessie Barr).

(51) É Phinuit quem fala; mas como se julga que é ele que repete palavra por palavra as frases de Hannah, é mais cômodo imaginar que é ela quem fala diretamente.

Hannah Wild: – Acabo de ver-te nesta reunião e transmito-te uma mensagem. (Quatro semanas depois da morte de minha irmã, John Slater, um médium, disse-me apontando no meio de numeroso auditório: "Há aqui uma dama que quer vos dar a conhecer a sua presença. Diz que não tardará a vos revelar o que está escrito no papel.") Hannah Wild: – Como vai a Sociedade, Lucy Stone e como vão todos? (Lucy Stone é a diretora do Woman's Journal; ela escreveu um artigo sobre minha irmã, por ocasião de sua morte.)

Hannah Wild: – Nessa bolsa há uma fotografia minha.

Madame Blodgett tinha levado uma bolsa contendo diversos objetos que tinham pertencido a sua irmã. Madame Piper tentou abri-la, mas não conseguiu. Parece que Hannah, em vida, abria essa bolsa com dificuldade. Madame Blodgett abriu-a. A pretensa Hannah tirou os objetos todos misturados, dizendo: "Há aqui uma

fotografia minha." Com efeito, ela encontrou a fotografia. Ora, entre todos os objetos que estavam na bolsa, essa fotografia era o único que Madame Blodgett ignorava que ali estivesse. Ela introduzira o testamento de sua irmã em um envelope onde já devia estar o retrato em questão, porém que não tinha sido notado conscientemente no mesmo envelope. Provavelmente sua consciência tinha sido mais perspicaz e, sem dúvida, foi do subconsciente de Madame Blodgett que Phinuit arrancou esse fato, a menos que ele tivesse também o poder de distinguir os objetos através dos corpos opacos.

Hannah Wild: (Ela apanha o seu testamento que havia caído do envelope onde estava a fotografia.) – Aqui está, é teu. Eu o escrevi. Contém minha vontade na ocasião. Tu não tinhas as mesmas opiniões que eu e por isso me deixavas bem triste. Contudo, respeitavas as minhas ideias. Senti sempre um não sei quê que nos impedia de separarmo-nos. Faze exatamente o que te disse. Lembras-te do meu vestido? Onde está meu pente? Lembras-te do que eu te disse a respeito do dinheiro? Eu te disse pessoalmente o que queria que se fizesse dele e não declarei no meu testamento, porém revelei-te o meu desejo no meu leito de morte. (Tudo estava certo, exceto quanto ao pente que nada sei a respeito. No testamento ela dispunha dos seus livros, de seus vestidos, de todos os seus haveres pessoais, exceto do seu dinheiro.)

Hannah Wild: – Como vai Alice? Madame Blodgett: – Que Alice?

Hannah Wild: – A neta que se chamava Alice em memória de... (Nossa irmã Alice, viva ainda, tem uma filha com o nome de Alice Olivia e Hannah a chamava sempre pelo primeiro nome que era também o nome de nossa mãe. Os demais chamavam-na de Ollie, abreviação de Olivia. Hannah não gostava disso e tudo fazia para que chamassem a menina Alice.)

Hannah Wild: – Nossa mãe está aqui. Onde está o doutor? Onde está o nosso irmão? (Meu marido é médico; Hannah o conheceu. Temos um irmão vivo de nome Joseph, que viaja sempre.)

Hannah toma em suas mãos um cordão de ouro que estava envolto em um pedaço de seda. Madame Blodgett disse: "Hannah dize-me o que é isto e a quem pertenceu."

Hannah Wild: – (Apalpando) A borla da extremidade do cordão de ouro de nossa mãe. (Era um longo cordão de ouro de nossa mãe, que, com sua morte, tinha sido cortado em dois. Hannah trazia uma metade e a outra parte era justamente a que eu levei à sessão e nunca mais tinha sido usada depois da morte de nossa mãe. Essa segunda metade tinha à extremidade uma borla diferente de que estava na outra parte que fora usada por Hannah.)

Hannah Wild: – Como vai Sarah Grover? Madame Blodgett: – Sarah Grover?

Hannah Wild: – Não, Sarah Obb… Hodg…(52)

A mão do médium aponta o Dr. Hodgson e a voz diz: "isto deve ser convosco." Depois Hannah diz por fim: "Não, Sarah Hodgson." (Minha irmã tinha uma amiga com esse nome em Waterburg, Connecticut. Na véspera eu tinha pensado nela porque eu sabia que ela devia voltar a Londres.)

(52) Phinuit parece não aprender o nome – Hodgson: ele entende Obb, depois Hodg, a primeira sílaba de Hodgson. É o que explica a nota mais adiante.

Hannah Wild: – Onde está o meu lenço grande de seda? Madame Blodgett: – Dei-o a Clara, como tu me tinhas falado. Hannah Wild: – Onde está o meu dedal?

Madame Blodgett: – Não sei.

Hannah Wild: – Eu vi que o meteste em uma bolsa. (O lenço era um desses foulard de seda que vinham da Inglaterra e tinha sido

dado a minha irmã por uma senhora que viveu conosco durante muitos anos. Não me lembro de ter posto o dedal na bolsa mas, ao voltar ao hotel, encontrei-o sobre a minha cama, com outros objetos que eu tinha retirado da bolsa, antes de sair para a sessão.)

Madame Blodgett: – Podes dizer-me quantos irmãos temos no mundo dos espíritos?

Hannah Wild: – Um... dois... três. (Fiz esta pergunta a minha irmã, porque nosso irmão William tinha morrido nesse mesmo ano de 1888, em 27 de março. O número três é exato.)

Madame Blodgett: – Podes dizer-me onde está a carta que escreveste antes de morrer?

Hannah Wild: – Em casa, dentro de uma lata.

Madame Blodgett: – Podes dizer-me alguma coisa a respeito dessa carta?

Hannah Wild: – Já falei a esse respeito; se eu repetir o que disse será como se soassem os sinos da igreja. (A carta estava na bolsa, quando fui à sessão, envolvida em caoutchoue; guardando-a em uma lata, minha irmã me havia dito: "Se eu puder voltar, será como se os sinos do campanário soassem).

Hannah Wild: – Onde estão William e o doutor?

Madame Blodgett: – Hannah, és tu que me falas ou é William? Hannah Wild: – Ele está aqui. Encontrei-o.

Madame Blodgett: – Há quanto tempo está ele aí?

Hannah Wild: – Há algumas semanas. Tu bem o deves saber. Ele não te abandona. Quer saber se tu gostas daquela concessão.

Madame Blodgett: – Que concessão?

Hannah Wild: – Tu bem o sabes; aquela que compraste para enterrá-lo. William está melhor aqui que no vosso mundo. Ele é

uma entidade excêntrica. Não gostou daquela concessão. E tu, gostaste?

Madame Blodgett: – Não. (Eu tinha comprador uma permissão no cemitério de Woodlawn, Nova York. Era desejo de sua mulher que ele fosse sepultado naquela necrópole. Nós queríamos que ele ficasse junto de nós, enterrando-o na sepultura de nossa mãe. Nosso irmão era muito orgulhoso e nós pensávamos que ele não achasse aquela concessão digna dele.).

No fim da sessão a suposta Hannah Wild disse que ela devia partir porque era hora de missão e que não queria faltar. Madame Blodgett, em suas observações acha nisso um traço mais do caráter de sua irmã. Em um dia de festa, quando vivia ainda, a senhorita Hannah Wild não era capaz de faltar a qualquer compromisso. Essa última particularidade é digna de nota, se bem que se encontram muitos casos semelhantes na literatura especial e mesmo nas sessões de Madame Piper. É freqüente não querer o comunicante admitir que esteja morto ou que haja passado para um outro mundo; se lhe perguntam o que faz, parece admirado e pensa que continua a se entregar às suas ocupações habituais; se é um médico, afirma que continua a visitar seus doentes. Muitas vezes pedem a Phinuit os sinais particulares das pessoas com as quais ele fala. Phinuit descreve todas elas tais como eram na terra, com seus costumes habituais e diz que as vê assim. No fim de uma sessão, o pai do professor Hyslop exclamou: “Dai-me meu chapéu!” Ora, essa era uma ordem que o pai daquele professor costumava dar em vida, quando se levantava, com dificuldade, da sua poltrona de inválido, para ir ao encontro de um visitante na sala de espera de sua casa. Esses casos são dignos de nota, repito, e difíceis para a hipótese espírita. Custa-se admitir que o outro mundo, se existe, seja apenas uma cópia servil deste aqui; a rotina

da vida deve ser lá diferente, que diabo! É crível que a perturbação causada pela morte seja tal, entre certas pessoas que, depois de muito tempo ainda não compreendam que mudaram de meio? É difícil admitir. Forçoso é pensar que são automatismos, por parte do comunicante, entregue a semi-inconsciência no fim das sessões, pela atmosfera pesada, para ele, do aparelho do médium. Mas quando a comunicação não é direta, quando é um intermediário que se encontra no aparelho, que se deve pensar? Serão traços deixados intencionalmente pelo comunicante para melhor provar a sua identidade? Sim, esses incidentes são muito difíceis para a hipótese espírita. Ao contrário, se admitirmos que os supostos comunicantes são inteiramente imaginados por Madame Piper em transe, com a ajuda de elementos que possua cá e lá, no pensamento de indivíduos vivos, esses incidentes são inteiramente naturais. O que surpreenderia seria não os encontrar. Assinalo a dificuldade, de passagem; afinal, não seria eu que a resolveria.

De qualquer forma Madame Blodgett saiu dessa sessão convencida de que tinha conversado, não com o espírito de sua irmã, com sua própria consciência exteriorizada. Entretanto, se não houvesse o incidente preliminar da carta, se Madame Blodgett fosse uma mulher de menos capacidade de julgar, provavelmente teria saído da casa de Madame Piper completamente convencida que acabava de conversar com a sua irmã defunta.

Diariamente, muitos espíritas devem cometer erros semelhantes. Vê-se, portanto, quanta circunspecção exige esses estudos. Madame Blodgett convidou o Dr. Hodgson para realizar em sua casa, em seu lugar, outras sessões a fim de tentar obter ainda o texto daquela famosa carta. (53) Na sessão de 1º de agosto de 1888, o Dr. Hodgson apresentou a Phinuit uma mecha de

cabelos de Hannah Wild. Phinuit começou por dizer que aqueles não eram os cabelos de Hannah; depois reconhecendo o seu erro, disse que uma outra pessoa devia tê-los tocado. Em seguida deu uma nova interpretação à carta: "Não há nada para dizer. Esta carta trata de um caso antigo da vida de Hannah, afirmou ele." Depois ditou: "Encontrei outrora uma pessoa a quem amei. Um ponto negro veio perturbar nossa afeição e modificar toda a minha vida. Se não fosse isso eu me teria casado e teria sido feliz. Eis porque entreguei-me a obras religiosas e fiz todo o bem que pude. Todo aquele que ler esta carta depois da minha morte, saberá por que fiquei solteira...

(53) Proc. of S.P.R, vol. viii p. 78.

O comentário desse texto por Madame Blodgett é muito interessante. "Não é isto, disse ela, o que minha irmã escreveu no seu leito de morte; mas o fato narrado é perfeitamente exato. Foi o maior pesar da vida de minha irmã."

Como Phinuit pudera adivinhar esse fato, pegando uma mecha de cabelos? Será que nossos sentimentos, nossas alegrias, nossas dores deixam nos objetos que tocamos uma vibração persistente, que os sensitivos podem ler, mesmo depois de um longo intervalo? Numerosos fatos bem observados, forçar-nos-ia quase acreditá-los. Dir-se-ia que as vibrações da alma se gravam na matéria, como as vibrações sonoras se imprimem nos discos de um fonógrafo. Certos indivíduos, quando estão em estado anormal poderiam recuperá-las. Enfim, não há nada em tudo isso que possa repugnar a ciência.

Esse estado anormal que permite aos sensitivos recuperar as vibrações antigas não é, talvez, senão o abandono incompleto do corpo pelo espírito. Então compreender-se-ia muito bem como aqueles que como Phinuit abandonaram por completo seu corpo, aqueles que estão em outro mundo podem ler essas vibrações tão

facilmente como nós lemos em um livro. Mas, se assim é, por que Phinuit não o confessa? Já seria bastante maravilhoso para o seu orgulho. Isso não o impediria de obter, vencido o caso, informações diretas dos desencarnados. No entanto, ele deveria determinar com precisão a fonte de cada uma dessas informações. Mas não faz nada disso e nos coloca quase na impossibilidade de acreditar na sua individualidade.

Nessa mesma sessão, Phinuit pretende que, se tivesse tido em seu poder uma mecha de cabelos mais longos, teria dado o texto da carta, palavra por palavra. Madame Blodgett mandou então uma longa mecha de cabelos que lhe foi ofertada em 3 de outubro de 1888. O novo texto dado por Phinuit foi tão inexato quanto os precedentes. Uma última tentativa foi feita em 1889, sempre sem resultado. A senhorita Hannah Wild não voltou do outro mundo para nos dizer o que tinha escrito no seu leito de morte.

Ainda um exemplo para terminar, mostrando que Phinuit é muito hábil para ler no pensamento das pessoas, mesmo quando estão muito distante. No dia 3 de junho de 1891, (54) Madame Blodgett endereçou uma carta a Phinuit. O Dr. Hodgson leu-a no fim de uma sessão, em 15 do mesmo mês. Essa leitura ocasionou de parte de Phinuit a afirmação seguinte, que nada tinha a ver com o conteúdo da carta: “Ela leu um livro muito brejeiro sobre a vida de alguém e foi procurar um velho amigo de Hannah, conforme eu lhe havia pedido. Madame Blodgett tem um amigo de nome Severance.”

(54) Proc. of S.P.R, vol. viii p. 83.

Em 17 de junho, Madame Blodgett escreveu ao Dr. Hodgson nos seguintes termos:

“Por certo que Phinuit é um admirável leitor de pensamento. A 13 deste mês tive uma conversa sobre o último livro de Helene Gardener intitulado Aquele é o vosso filho, Senhor?

No dia 14 se não fui procurar Severance, pelo menos pensei nele, porquanto escrevi-lhe uma carta. De fato ele é meu amigo, porém minha irmã Hannah nunca ouviu falar dele.”

Capítulo VIII

Comunicações de pessoas que sofreram das faculdades mentais. – Comunicações inesperadas por parte de desconhecidos. – Respeito devido aos comunicantes. – Predições. – Comunicações de crianças.

O caso Blodgett-Hannah Wild é, repito, com efeito, de natureza a lançar o descrédito sobre a hipótese espírita. Se o considerarmos isoladamente ou se considerarmos apenas casos semelhantes, perguntarão como tantos homens austeros, depois de terem hesitado tanto tempo, acabaram por se aliar a essa hipótese. Mas os fenômenos psíquicos e os fenômenos mediúnicos em particular são infinitamente variados; apresentam uma multidão de aspectos, e não seria prudente considerá-los isoladamente.

Nesse caso Blodgett-Hannah Wild, tudo parece feito para escorar a hipótese da telepatia. Para isto é preciso compreender não só a leitura do pensamento no consciente e mesmo no subconsciente dos assistentes, como ainda a leitura do pensamento na consciência das pessoas ausentes, em qualquer distância que se encontrem. A isto ainda teriam que acrescentar o que Phinuit chama "a influência". Essa influência misteriosa poderia ser o traço vibratório deixado nos objetos por nossos pensamentos e nossos sentimentos. Observa-se que essa hipótese nos mergulha no mistério, pelo menos, tanto quanto a própria hipótese espírita. Contudo, se ela estivesse suficientemente apoiada, conviria dar-lhe a preferência porque é, apesar de tudo, menos distanciada que a sua rival das nossas concepções atuais.

Até o caso do médium que, apontando Madame Blodgett no meio de numerosa assistência, disse “que ali havia uma dama que lhe desejava falar e que essa dama lhe daria imediatamente o conteúdo do papel”, mesmo esse caso, digo eu, explica-se perfeitamente pela telepatia. Madame Blodgett encontrava-se na presença de um médium. Ora, é por intermédio de um médium qualquer que o texto misterioso da carta de sua irmã lhe deve ser revelado. Isto bastaria para fazer voltar aquele fato ao primeiro plano de sua consciência, onde o médium o teria lido telepaticamente.

Todavia, ainda uma vez, há uma infinidade de outros casos que a hipótese da telepatia não explica ou explica insuficientemente. Vou procurar demonstrar reproduzindo alguns argumentos do Dr. Hodgson, constantes do seu memorável relatório de 1898, no capítulo intitulado – *Indícios legítimos do fundamento da hipótese espírita. (55)*

(55) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 370.

O mais importante desses argumentos funda-se nas comunicações de pessoas cuja mentalidade tenha sido perturbada pela enfermidade mais ou menos antes da morte. Esse argumento foi inspirado ao Dr. Hodgson por uma longa série de observações concordantes. Eis em que consiste: Se estivéssemos lidando com a telepatia, as comunicações deveriam ser tanto mais claras e tanto mais abundantes quanto a recordação dos mortos fossem mais nítidas e mais constantes no espírito dos vivos. Ora, a experiência demonstra que não é assim. Quando o suposto comunicante teve antes de sua morte o espírito perturbado por uma doença mental, as comunicações produzidas pouco tempo depois do seu falecimento restabelecem aquela perturbação traço por traço; elas são cheias de confusão e de incoerências. Essa confusão e essas incoerências são tanto maiores no começo quanto mais grave a

perturbação mental que precedeu a morte. Essas anomalias desaparecem lentamente, mas, às vezes, ficam traços ainda por muitos anos. Mais uma vez a telepatia não explica isto. Se havia loucura no espírito do morto, não existia debilidade mental no espírito dos vivos que guardaram sua lembrança. Ao contrário, se adotarem a hipótese espírita, não há nada mais admissível, seja porque a perturbação mental só desapareça depois de muito tempo, isto é, lentamente, seja porque (e isto é o que os guias afirmam), só o fato do espírito desencarnado mergulhar-se na atmosfera de um organismo humano produza momentaneamente essa perturbação.

De resto há sempre, mais ou menos, incoerência nas comunicações feitas pouco tempo após a morte, ainda que o comunicante tenha conservado até seus derradeiros momentos a plenitude de suas faculdades mentais.

Mas, se o comunicante fosse, realmente, o que pretende ser, conviria confiar nele, por três razões: em primeiro lugar, o violento abalo provocado pela desencarnação deve perturbar o espírito; em segundo, porque a chegada em um meio inteiramente novo, onde a princípio ele deve distinguir pouquíssimo, deve perturbá-lo ainda; finalmente porque essas primeiras tentativas de comunicações podem ser constrangidas por sua falta de habilidade em servir-se de um organismo estranho; seria preciso fazer uma espécie de aprendizagem.

No entanto, quando qualquer perturbação mental não precedeu à morte, a incoerência das primeiras comunicações não subsiste muito. Em pouco tempo as mensagens começam a ser tão claras quanto o permitem a imperfeição dos meios pelos quais o morto deve servir-se para manifestar-se. No caso George Pelham, que estudaremos mais adiante, as primeiras comunicações foram,

também, um pouco incoerentes. Entretanto, em pouco tempo, George Pelham vinha a ser um dos mais claros e dos mais lúcidos senão o mais esclarecido de todos os mortos que quiseram manifestar-se por intermédio do aparelho de Madame Piper. Mas George Pelham morreu de um acidente, quase subitamente, e suas faculdades intelectuais que, de resto, eram acima do comum, nunca tinham sido atacadas.

Aí está, repito, o que a experiência parece demonstrar. Sem dúvida serão necessárias muitas observações ainda, para afirmar o que ela demonstra, realmente.

Mas se o Dr. Hodgson e seus colegas bem observaram, esses fatos contradizem o que se estaria no direito de esperar da telepatia. Vou citar alguns exemplos.

O Dr. Hodgson tentou obter comunicações de um de seus amigos íntimos, que ele designa pela inicial A., mais de um ano depois da morte deste. Consagrou-lhe seis sessões inteiras, porém os resultados foram escassos. Obteve alguns nomes e com dificuldade a menção de alguns incidentes da vida de A.

Alguns dos incidentes eram mesmo naquela ocasião desconhecidos do Dr. Hodgson, mas o todo estava cheio de confusão e de incoerências. Por fim este renunciou às suas tentativas, a conselho do intermediário George Pelham, que afirmou que o espírito de A. levaria ainda algum tempo para tornar-se lúcido. Esse A., durante muitos anos, antes de morrer, tinha sofrido de violentas dores de cabeça e de esgotamento nervoso, sem que essas perturbações fossem levadas até a loucura. Ora, precisamente na época em que A. era incapaz de se manifestar claramente, outros comunicantes se manifestaram com toda a lucidez desejável, em idênticas circunstâncias.

Um outro caso citado pelo Dr. Hodgson é o de um senhor B. que se tinha suicidado em um acesso de loucura. Sem ter sido amigo íntimo do consultante, este o conhecia bem. Não obstante, as comunicações de B. foram extremamente confusas, mesmo a respeito de incidentes nitidamente presentes na memória do Dr. Hodgson. Um terceiro comunicante, seu amigo íntimo, suicidou-se também. Quase um ano depois de sua morte, parecia ainda ignorar incidentes de sua vida, incidentes que também estavam bem claros na memória do consultante. Mais de sete anos depois de sua morte, ele escreveu pela mão do médium: "Minha cabeça não estava lúcida e ainda não está quando vos falo".

Em 7 de dezembro de 1893, (56) o senhor Paul Bourget, da Académie Française, e sua esposa realizaram uma sessão com Madame Piper. O senhor Paul Bourget estava muito desejoso de comunicar-se com uma artista que se tinha suicidado em Veneza, precipitando-se de uma gôndola. Nenhuma informação escrita foi conservada dessa primeira sessão; não sabemos ao certo o que se passou. Mas em 11 de dezembro (57) desse mesmo ano, Paul Bourget realizou uma nova sessão e, desta vez, estava acompanhado do Dr. Hodgson, que tomou as necessárias anotações. A artista fez esforços desesperados para se comunicar e escrever; porém apenas conseguiu escrever duas ou três palavras em francês, parecendo que se podia ler a exclamação – "Meu Deus!" Contudo, o primeiro nome da comunicante foi dado, assim como o lugar em que ela matou-se – Veneza – (58) e as sílabas Bou e Bour, primeira sílaba do nome Bourget, que foi repetida várias vezes. Por que tão parcos resultados? O senhor Bourget e sua esposa conheciam muito bem essa pessoa; suas consciências ainda estavam repletas de recordações dessa

criatura, onde o médium não tinha mais que extrair os elementos necessários à comunicação.

(56) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 494.

(57) Ibid., p. 495.

(58) Em um artigo aparecido no último dia em que escrevi estas linhas, no jornal Le Matin, o senhor Paul Bourget, entrevistado por Jules Bois, disse que Madame Piper não deu nem o primeiro nome da artista, nem o nome da cidade. Ele está em contradição com o Dr. Hodgson que tomou notas durante a sessão. O prenome Mathilde foi dado em inglês – Tillie. Quanto à cidade de Veneza, foi dado pelo médium na saída do transe, como se dá comumente nas sessões, quando há grandes esforços para dar um nome, sem poder- se atinar com ele.

Entretanto, certas pessoas poderiam, talvez, raciocinar como se segue:

Apresentam quase sempre a Madame Piper objetos que já serviram a pessoas das quais desejam obter comunicações. Se o médium tira suas informações não somente do espírito dos vivos, mas também da "influência", isto é, das vibrações que nossos pensamentos ou nossos sentimentos deixaram nos objetos, poderiam explicar essa "influência" das comunicações por parte das pessoas cujo espírito foi perturbado, admitindo que a "influência" deixada por um louco não é nem tão clara, nem tão fácil de descobrir quanto a deixada por um homem são. Mas então por que os comunicantes se tornariam lúcidos com o tempo? Por que se tornariam lúcidos no momento em que, se a hipótese da telepatia fosse verdadeira, eles deveriam tornar-se cada vez mais confusos?

Mas, finalmente, essa interpretação cai inteiramente, quando se faz entrar em linha de conta os numerosos comunicantes totalmente desconhecidos dos consultantes que vêm a uma sessão trazer uma mensagem para seus parentes ainda vivos e nos quais absolutamente ninguém pensava. Não foi graças à "influência"

deixada nos objetos que Madame Piper pôde forjar aquelas comunicações, a menos que não suponham necessária a vizinhança desses objetos e que uma "influência" qualquer possa vir incutir no médium, quando menos dele se espere ou não importa de que ponto do horizonte. Isto seria, talvez, estender a hipótese além dos limites permitidos. Esses casos, digo eu, são numerosos e muito interessantes. Citarei três deles para a orientação dos meus leitores.

Durante a 46ª sessão (59) que se realizou na Inglaterra com os professores Oliver Lodge e Alfred Lodge como consultantes. Phinuit exclamou de repente: "Ah! Meu Deus! Aqui está alguma coisa de muito aborrecido! Aí estão duas meninas com o sobrenome de Stevenson: uma chama-se Mannie, (60) e quer enviar a expressão de todo o seu afeto a seu pai e a sua mãe, que estão encarnados. Essa menina teve uma doença de garganta e desencarnou em conseqüência dessa enfermidade. Seu pai ficou completamente aniquilado de tristeza. Ela agarra-se a mim e suplica para vos dizer que é a menina Mannie Stevenson; que seu pai está semi-morto de dor e que chora, chora de fazer piedade. Dizei-lhe que ela não está morta e que lhe envia a expressão de todo seu amor; dizei-lhe também para não chorar assim."

(59) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 514.

(60) Phinuit deve ter-se enganado. Esse nome deve ser Minnie.

Professor Lodge: – Não poderia ela dar-nos melhor o seu nome?

Phinuit: – Chamam-na Mignonne e durante sua enfermidade, chamavam-na Birdie. (61) Ela vos pede para dizerdes que nunca mais esquecerá sua mãe.

(61) Nome de ternura em inglês que significa literalmente passarinho.

Professor Lodge: – Transmitirei a mensagem se puder.

O professor Lodge não conseguiu descobrir essa família Stevenson e isto foi bastante lamentável por duas razões:

primeiro, porque essa mensagem de Além-túmulo teria levado, talvez, um pouco de calma e de esperança aos pais desolados; segundo porque os contraditores não poderiam atribuir ao incidente uma suprema habilidade do médium, o que não deixariam de fazer se outros casos do mesmo gênero não tornassem essa interpretação pouco mais ou menos inadmissível.

Na 45ª sessão que se realizou na Inglaterra, (62) na qual os consultantes eram os professores Oliver Lodge e Alfred Lodge e mais o senhor Thompson e senhora, Phinuit disse de imprevisto:

(62) Proc. of S.P.R., vol. vi. p. 509.

"Conheceis Richard Rich, o senhor Rich?"

Madame Thompson: – Não tanto assim; conheci vagamente um Dr. Rich.

Phinuit: – "É ele mesmo. Desencarnou e vos envia a expressão do seu mais terno afeto a seu pai."

Imediatamente Phinuit falou de outra coisa.

Na 83ª sessão onde as mesmas pessoas eram os consultantes, Phinuit disse em dado momento:

"Eis o Dr. Rich."

Depois, imediatamente o Dr. Rich toma a palavra. Phinuit parece ter-lhe cedido o aparelho.

Dr. Rich: – É muito amável esse senhor, (63) permitindo-me falar-vos. Senhor Thompson, eu vos queria pedir para transmitir uma mensagem a meu pai.

(63) Referindo-se a Phinuit.

Senhor Thompson: – Transmitirei.

Dr. Rich: – Mil vezes obrigado. Sois muito amável. Desencarnei repentinamente. Meu pai ficou muito impressionado e ainda está muito entristecido. Não pode vencer a sua aflição. Dizei-lhe que estou vivo e exprimi-lhe todo o meu afeto. Onde estão meus óculos? (O médium passa a mão nos olhos). Eu usava óculos. (64)

Meu pai deve tê-los guardados, bem como os meus livros. Eu tinha também uma caixinha preta. Deve estar com ele. Acredito que ela não se perca. Meu pai é, às vezes, acometido de vertigens; isso é devido ao nervosismo, não é nada grave.

(64) Esta observação e outras fazem crer que o comunicante acredita estar presente no momento, não em um aparelho estranho, mas com o seu próprio corpo. Isto seria devido à meia sonolência que se apossa dele quando está na "luz" do médium. Informações tomadas vieram positivar que o Dr. Rich usava mesmo óculos.

Senhor Thompson: – Que faz vosso pai?

Dr. Rich: (Pega uma carta, faz o gesto de quem vai escrever e em seguida o de colar um selo) – Ele se ocupa dessas coisas. Senhor Thompson, se quiserdes levar-lhe minha mensagem, eu vos protegerei de mil maneiras, porque o posso e o farei.

Eis as anotações do professor Oliver Lodge sobre o caso: "O senhor Rich é o recebedor geral dos Correios de Liverpool. Seu filho, o Dr. Rich, era quase um desconhecido para o senhor Thompson e inteiramente desconhecido para mim. O pai tinha ficado, com efeito, muito desolado com a morte do filho. O senhor Thompson foi procurá-lo e entregou-lhe a mensagem. O senhor Rich achou o caso extraordinário e inexplicável, salvo por uma fraude de qualquer espécie. A expressão mil vezes obrigado era habitual no Dr. Rich. Efetivamente seu pai tinha tido, em outros tempos, ligeiras vertigens. Quanto à caixinha preta, ele não sabia o que o seu filho queria dizer. A única pessoa que poderia informar a respeito encontrava-se, no momento, na Alemanha; porém, no seu leito de morte, o Dr. Rich falava incessantemente de uma caixa preta."

Sem dúvida o senhor Thompson e a sua esposa conheciam o Dr. Rich, por o terem encontrado uma vez. Contudo ignoravam totalmente as minúcias que ele dá aqui. Onde as obteve o

médium? Não é uma “influência” deixada no objeto, que lhas revelou, porquanto não havia na sessão qualquer coisa que tivesse servido ao Dr. Rich.

Em uma sessão realizada em 28 de novembro de 1892, (65) em casa do senhor Howard, na qual os consultantes eram o próprio senhor Howard, sua esposa, sua filha Catharine e o Dr. Hodgson, Phinuit pergunta de repente: “Quem é Farnan?”

(65) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 416.

Howard: – Vernon? (66)

(66) Estas duas palavras Farnan e Vernon, que parecem tão diferentes em francês, pronunciam-se em inglês do mesmo modo. O último é nome muito espalhado.

Phinuit: – Não sei como pronunciais este nome. É F-a-r-n-s-w-o-r-t-h. (Phinuit destaca as letras).

Dr. Hodgson: – Está bem. Mas que quer? Phinuit: – Ele vos quer ver.

Dr. Hodgson: – Ele quer ver-me?

Phinuit: – Não a vós, mas a senhora Howard.

A senhora Howard: – Que quer ele de mim? É homem ou mulher? Phinuit: – É um homem. Lembrais-vos de vossa tia Ellen?

A senhora Howard: – Sim, que quer?

Phinuit: – Este homem esteve a serviço de vossa tia.

Depois, um pouco mais adiante, Phinuit acrescenta: “Este homem esteve para vos enviar os seus cumprimentos, para que soubésseis que ele está aqui e para que tivésseis mais uma prova de sobrevivência.” Estes ligeiros incidentes perturbam-me muito às vezes. Quando procuro explicar-vos não compreendeis. Estou começando a vos contar alguma coisa, mas alguém que não se apercebe do que faz, interrompe-me; tenho, então, que dizer-vos da melhor maneira que posso o que ele quer, mas não me é sempre fácil fazê-lo a contento.

A senhora Howard procurou informar-se junto a sua tia Ellen se ela tinha conhecido um certo Farnworth, sem dizer-lhe o que tinha acontecido. Phinuit tinha razão; havia um jardineiro com esse nome que tinha trabalhado em casa de sua tia, bem como, anteriormente, para seu avô, cerca de trinta e cinco ou quarenta anos atrás. A senhora Howard, antes deste caso, jamais ouvira falar desse homem.

Casos semelhantes aos que acabo de contar são dificilmente explicáveis, como se vê, pela teoria da telepatia. Todavia, aí está um traço da aparência das sessões que a telepatia é, igualmente, incapaz de explicar. Se o consultante se recusa obstinadamente a tomar os comunicantes pelo que eles pretendem ser, se os escarnece, a comunicação não prossegue. Os comunicadores operam como pessoas vivas; ofendem-se e retiram-se. Phinuit não se ofende, mas devolve ao consultante motejo por motejo. Se os comunicantes não são mais que produções efêmeras da telepatia, como se poderia razoavelmente supor sensíveis ao ultraje essas produções inconscientes?

Mas há melhor. Se quiserem obter comunicações claras, é necessário não atordoar os comunicantes com perguntas. Estes, para manifestarem-se a nós, colocam-se em situação bastante incômoda para si mesmo que estranhamente o perturba. Assemelham-se a um homem que acabasse de receber uma pancada na cabeça e ficasse estonteado. É preciso tratá-los como se tratássemos esse homem mais ou menos desvairado; é preciso acalmá-los, encorajá-los, assegurar-lhes que suas idéias voltarão em pouco. É assim que se obtêm resultados melhores. Se tivéssemos de lidar com a telepatia, ao contrário, as perguntas deveriam despertar as idéias e ativar o procedimento.

Enfim, um modo seguro de afastar inteiramente a hipótese da telepatia, seria o de ter um certo número de previsões futuras. O médium não poderia descobrir no espírito dos vivos nem nos objetos, graças à "influência", acontecimentos que ainda não chegaram. Phinuit tem ensaiado, muitas vezes, para fazer predições. Citarei uma que se realizou. Na segunda sessão promovida por Paul Bourget, (67) apareceu entre os comunicantes uma senhora que deu o nome de Pitman, que, tendo vivido muito tempo na França, falava bem o francês e ofereceu-se para auxiliar a artista com a qual o senhor Paul Bourget, em suas tentativas de comunicação, desejava conversar.

(67) Proc. S.P.R., vol. xiii p. 496.

Em 1888, esta senhora Pitman, que era membro da Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas, tinha realizado duas sessões com Madame Piper. Phinuit entre outras coisas disse: "Ides ficar muito doente. Ireis a Paris; de qualquer modo ficareis doente; tereis uma grande fraqueza no estômago; fraqueza na cabeça. Um senhor de cabelos louros vos tratará, enquanto estiverdes enferma no ultra-mar." Depois desta declaração, a senhora Pitman perguntou a Phinuit qual seria o resultado dessa doença. Phinuit procurou furtar-se com evasivas. O Dr. Hodgson insistiu no pedido da senhora Pitman, e Phinuit então saiu-se, dizendo: "Uma vez que ela não ficará mais doente, tudo andará bem para ela."

A senhora Pitman respondeu que o seu estômago estava muito bom; em todos os pontos contradisse Phinuit, e este mostrou-se então muito aborrecido. Todavia, a senhora Pitman caiu doente; foi tratada pelo Dr. Herbert que era muito louro e que diagnosticou uma inflamação no estômago. A senhora Pitman, então, começou a acreditar na predição de Phinuit, mas interpretando mal as últimas palavras deste, julgou que se restabeleceria. Em paris a senhora Pitman foi assistida pelo Dr.

Charcot, como se estivesse com uma doença nervosa. Teve realmente debilidade na cabeça, e suas faculdades mentais foram atingidas. Em pouco tempo morreu. Agora, a senhora Pitman não está mais doente e tudo deve andar bem para ela, como Phinuit tinha predito.

Em suma, outras comunicações que se ajustam mal à hipótese da telepatia são as dadas por crianças mortas em pequena idade. Quando elas se comunicam pouco tempo depois da morte, reproduzem seus gestos infantis, repetem as poucas palavras que começaram a balbuciar e, por gestos, pedem os brinquedos de que gostavam.

Todas essas particularidades encontram, evidentemente, no espírito dos pais. Mas quando essas crianças se comunicam depois de longos anos após a morte, tudo se passa como se tivessem crescido no outro mundo. Não fazem alusão às impressões da infância, mesmo quando essas impressões são ainda muito vivas no espírito dos pais. George Pelham um dia serviu de intermediário de um menino falecido havia muitos anos. A mãe, naturalmente, falou de seu filho como de uma criança, e George Pelham exclamou: "Todavia não é mais um menino, é um homem!" (68)

(68) Proc. S.P.R., vol. xiii p. 512.

Capítulo IX

Novas considerações sobre as dificuldades do problema. – Quem foi George Pelham. – Desenvolvimento da escrita automática.

Até ao mês de março de 1892 o domínio de Phinuit foi incontestável. Algumas vezes ele cedeu o seu lugar a outros espíritos, mas raramente durante uma sessão inteira.

Mas no mês de março daquele ano, apareceu um novo comunicante que, por bem ou à força, impôs sua colaboração a Phinuit. Esse novo recém-chegado chamava-se George Pelham e afirmava ser o espírito desencarnado de um moço de trinta e dois anos, morto quatro ou cinco semanas antes, em um acidente produzido pela queda de um cavalo. Seja como for, esse novo guia tinha mais cultura, mais elevação moral e mais amor à verdade que o suposto médico francês. Contudo este último lucrou com essa sociedade, porque se esforçou por ser mais verdadeiro, parecendo fazer menos apelo à sua imaginação. Em pouco, todas as sessões foram melhores, mesmo aquelas em que Phinuit aparecia só. É verdade que, mesmo em outro mundo, só se tem a ganhar em boa companhia.

O recém-chegado fez todo o possível para estabelecer a sua identidade. Ter-se-ia saído bem? Alguns afirmam que sim. Outros, os contraditores, discutem, provocam e negam sempre. Deve-se dar-lhes valor? Não. Essa espécie de contraditores, ainda assim, é útil à ciência; se não existissem, seria preciso inventá-los. Eles destroem tudo, exceto o que é indestrutível – a verdade. Até esse dia, o caso George Pelham embaraçou-os e eles hesitaram. É bom

sinal, deve haver ali um fundo verdadeiro. Entretanto, estão longe de se confessarem vencidos, e, às vezes, apresentam argumentos especialíssimos.

Isto apenas prova uma coisa. É que, para resolver o problema dos problemas, não bastará que os comunicantes nos dêem numerosas minúcias parecendo, à primeira vista, provarem a sua identidade. – Mas, é desesperador! Exclamarão certas pessoas. Que é preciso então?

Não! Não é preciso desesperar. Se a suposta morte é apenas a passagem para um outro mundo muito perto deste, acabar-se-á por conhecê-lo, por prová-lo de modo irrefutável. Encontrar-se-á o meio, o método. Não se dirá é impossível. Antes da descoberta da análise do espectral, Auguste Comte, que não é um homem vulgar, dizia: "Jamais se saberá quais os elementos que compõem os astros." Hoje começa-se a conhecê-los. Os novos meios de investigação, como os novos feitos, não cessarão de surgir sob nossos passos.

Quanto ao problema da sobrevivência, ele é de uma importância tão grande, que não basta contentar-se com um pouco mais ou menos como solução. Basta de superstições! Basta de explorações da ignorância e do medo! É necessária a verdade ainda que essa verdade devesse esmagar sob seus pés de bronze as nossas mais gratas ilusões.

Salvemos, pois, a verdade, senão quanto aos últimos destinos do homem, ao menos quanto ao que ele venha a ser depois da morte do corpo. De todas as partes surgem pesquisadores de inteligência esclarecida e fria, posto que entusiastas e apaixonados. Os pontífices do monismo envelheceram; uma a um partes eles para o grande desconhecido. Suas teorias já são combatidas abertamente, e, entretanto, longo tempo levaram para se

tornarem oficiais. Salvemos a verdade, mas é preciso que os trabalhadores se multipliquem e não se deixem desencorajar por coisa alguma.

No momento, os vários casos em que a identidade parece estabelecida já nos fornecem uma forte presunção em favor da sobrevivência. Se George Pelham é mesmo o que ele pretende ser, as gerações futuras lhe deverão profundo reconhecimento. Ele fez tudo o que pôde, em meio de circunstâncias que são, ao que parece, muito desfavoráveis, posto que não possamos levar de vencida as dificuldades.

Mesmo entre os vivos, provar a identidade não é sempre coisa fácil. Suponde um homem na Inglaterra, à extremidade de um fio telegráfico ou telefônico; suponde que certo número de seus amigos, na França, à outra extremidade do fio, recusem acreditar quando ele lhes diz quem é, e lhe retrucam: Provai-nos a vossa identidade. Esse infeliz teria muita dificuldade em satisfazer a exigência. Ele diria: Lembrai-vos que nos encontramos juntos em tal lugar. Responder-lhe-ão: – Essa é boa! Isso é um incidente que nos alegais e que não prova absolutamente que sejais a pessoa que dizeis ser.

E assim sempre.

Um fato, no entanto, é de todo incontestável. Há alguém na extremidade do fio.

Nos fenômenos que nos ocupam, a teoria da telepatia pretende, contra todas as aparências, que não há ninguém na extremidade do fio ou, no máximo, que há o médium, dotado momentaneamente de poderes tão misteriosos quanto extraordinários. Mas, voltemos a George Pelham.

Pelham não é bem seu nome. Por um sentimento de discrição, modificou-se ligeiramente a última sílaba do nome. Ele pertencia a

uma família ilustre dos Estados Unidos, que se honra de ter Benjamin Franklin como ancestral. Tinha estudado direito, mas, acabado seus estudos, tinha renunciado a passear todos os dias na floresta da lei, entregando-se exclusivamente à literatura e à filosofia. Publicou duas obras que lhe valeram muitos elogios por parte de pessoas cultas. Viveu durante muito tempo em Boston ou suas imediações. Passou os três últimos anos de sua vida em nova York. Em fevereiro de 1892, levou uma queda de cavalo, morrendo em conseqüência desse acidente.

Se bem que muito cético a respeito desses assuntos, interessava-se pelas pesquisas psíquicas. Foi membro da Sociedade Anglo-Americana de Pesquisas Psíquicas. O Dr. Hodgson o conheceu bem e gostava de conversar com ele por causa da integridade do seu julgamento e do fulgor da sua inteligência. Mas as circunstâncias e o tempo não tinham permitido laços de afeição para uma verdadeira amizade estabelecer- se entre eles.

Uma longa controvérsia estava empenhada entre o Dr. Hodgson e George Pelham, cerca de dois anos antes da morte deste, sobre a questão da sobrevivência. George Pelham sustentava que a vida futura era não somente improvável como também inconcebível. O Dr. Hodgson era de opinião que pelo menos ela era concebível. Depois de muitos argumentos apresentados por ambos, George Pelham acabou por concordar, e terminou a discussão dizendo:

"Se eu morrer antes de vós, e se eu gozar ainda de uma existência qualquer, farei esforços tais para vos revelar essa existência, que haverá barulho em Landerneau."(69)

(69) A expressão da qual se serviu George Pelham não pode ser traduzida de outro modo. Landernaeau é uma cidade da França. Certas cidades desse país sempre tiveram o privilégio de provocar a verve maliciosa dos autores de modinhas populares, dos autores de operetas e dos jornalistas. Alternativamente foram Pézénas, Carpentras, Lonssur Saunier, Pontoise e

outros que estiveram na berlinda. Para La Fontaine era Quimper-Correntin. Mas de todas essas cidades não houve nenhuma que pudesse competir com Landerneau. "Il-y-aura du bruit á Landerneau" – Emprega-se essa locução para caracterizar uma notícia de pouca importância, mas de natureza a provocar a curiosidade pública. (Nota do tradutor)

George Pelham parece ter cumprido a sua palavra, mais feliz que muitos outros que antes ou depois dele fizeram a mesma promessa. Mas que haja muitos que não cumpriram o prometido, isto nada prova. Os meios de comunicação são ainda infinitamente raros: até hoje Madame Piper é um médium quase único em seu gênero.

Pode ser que a grande maioria dos habitantes do outro mundo estejam colocados na mesma situação que a grande maioria dos habitantes deste e ignorem a possibilidade das comunicações. Do mesmo modo, se aqueles que prometem voltar conhecem essa possibilidade, a dificuldade de reconhecerem seus amigos deve ser grande para eles, porquanto mostram não perceber a matéria. Seus amigos que ainda estão encarnados deveriam, parece, atraí-los concentrando o pensamento neles, apresentando a bons médiuns objetos que lhes tenham pertencido e aos quais se ligue uma viva lembrança afetiva, pedindo mesmo aos guias desses médiuns para procurar aqueles com os quais queremos nos comunicar.

Se essas precauções não são tomadas, os sobreviventes não têm razão de incriminar a falta de palavra de seus amigos, ou daí concluírem que tudo está acabado com a morte do corpo.

George Pelham pôde manifestar-se em circunstâncias particularmente favoráveis. Conhecia a existência de Madame Piper, embora, segundo parece, ela não o conhecesse. Em 1888 a Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas tinha nomeado uma comissão para investigar os fenômenos mediúnicos; essa

comissão solicitou a Madame Piper uma série de sessões. Não sei se George Pelham era membro de tal comissão, porém é certo que assistiu a uma dessas sessões. O nome de todos os consultantes foram cuidadosamente ocultos e nada chamava a atenção do médium sobre George Pelham que, conforme tudo leva a crer, passou despercebido.

Só muito recentemente Madame Piper teve conhecimento (o Dr. Hodgson acredita poder afirmar) de que George Pelham tinha assistido a uma daquelas sessões. O nome de George Pelham deve-lhe ter sido revelado somente muito tarde; com efeito, em seu estado normal ela ignora inteiramente o que diz durante o transe e só vem a ter conhecimento do que se passou, como todos os que se interessam por essas questões, lendo os *Proceedings of the Society for Psychical Research*, salvo nos casos em que o Dr. Hodgson deseja dizer-lhe alguma coisa a propósito.

Com a aparição de George Pelham, aperfeiçoou-se um processo de comunicação, do qual devo falar aqui com algumas minúcias – o da escrita automática.

Só a 12 de março de 1892 (70) foi dado ao Dr. Hodgson assistir pela primeira vez à produção dessa escrita, posto que isto já se produzia em outros tempos, se bem que em raras ocasiões. Phinuit servia de intermediário a uma comunicante que se dizia uma senhora de nome Annie D...

(70) Proc. S.P.R., vol. xiii p. 291.

Quando chegou ao fim a sessão, o braço direito de Madame Piper levantou-se lentamente até que a mão alcançou o alto da cabeça. O braço permaneceu rígido nessa posição, mas a mão era sacudida por uma espécie de vibração rápida! “Ela apoderou-se do meu braço!” – exclamou Phinuit, e adicionou – “Ela quer escrever!” O Dr. Hodgson dispôs um lápis entre os dedos e um caderno de notas no alto da cabeça do médium. “Contende a mão!” – disse

Phinuit. O Dr. Hodgson agarrou o pulso de Madame Piper e assim parou a agitação. Então a mão escreveu: “Sou Annie D... Não estou morta, estou viva.” Depois Phinuit exclamou: “Restitui minha mão!” O braço direito do médium permaneceu contraído e alguns instantes na mesma posição e depois, lentamente, com dificuldade, voltou ao longo do corpo. Durante as sessões que se seguiram, produziu-se ainda a escrita, na mesma posição incômoda. Mas em 29 de abril de 1892, o Dr. Hodgson dispôs uma mesa de modo que o braço direito de Madame Piper pudesse repousar comodamente; depois agarrando o braço e ordenando com todo o poder de sua vontade, disse: “Deveis tentar escrever na mesa.” – A experiência surtiu efeito, a despeito de grandes esforços empregados para fazer descer o braço. Depois desse dia a escrita produziu-se na mesa onde o braço repousa mais ou menos.

Quando um guia se apossa do braço para escrever, esse braço é tomado de movimentos espasmódicos violentos. Os blocos de notas, os cadernos, os lápis e tudo quanto se encontrar sobre a mesa é lançado por terra, em confusão. Às vezes é preciso empregar uma força considerável para fazê-lo parar. Então põe-se um lápis entre os dedos do médium e a escrita começa. Algumas vezes, porém, a escrita é interrompida por um espasmo; a mão fecha-se com força, dobra-se o pulso, mas alguns segundos depois desaparece o espasmo e a escrita continua.

Depois que se torna fácil a escrita automática, muitas vezes dois espíritos se manifestam simultaneamente, um por meio da voz e o outro por meio da escrita. Phinuit continua a servir-se da voz, conforme seu antigo hábito; George Pelham embora sirva- se também da voz, ocasionalmente, gosta mais de utilizar-se da escrita. Em 2 de fevereiro de 1894, um guia escreveu: “Não há razão para que vários espíritos não se comuniquem ao mesmo

tempo por intermédio de um só aparelho." É com efeito o que acontece. A voz pode sustentar uma conversação com um consultante, enquanto que a mão escrevendo pode manter outra conversa com outro consultante, sobre assuntos completamente diferentes. Se o consultante que se comunica por intermédio da mão se deixa distrair pelo que diz a voz, a mão que escreve por seus movimentos chama-lhe a atenção. Quando se conversa com o guia que escreve, é preciso falar junto à mão e para a mão, sob pena de não se ser compreendido. É necessário portar-se com essa mão como se ela fosse um ser completo e independente.

A observação desse fenômeno sugeriu ao Dr. Hodgson a idéia de que ele talvez pudesse obter três comunicações sobre assuntos diferentes, utilizando-se também da mão esquerda do médium. O Dr. Hodgson tentou e conseguiu, posto que imperfeitamente, sem dúvida, porquanto no estado normal a mão esquerda é imprópria para escrever.

Antes Phinuit protestava quando lhe seguravam a mão e pedia logo que lha restituíssem, como se viu mais para trás. Depois que a escrita automática se desenvolve a mão pode ser tomada por um guia, sem que aquele que se serve da voz disso se aperceba. Um dia Phinuit conversando com uma consultante e a respeito de seus parentes, quando a mão, de repente, e por assim dizer sub-repticiamente, escreveu para o Dr. Hodgson uma comunicação como sendo vinda de um amigo íntimo, tratando de um assunto completamente diferente do que falava a voz. O Dr. Hodgson explica assim o fato: Isso se dá como quando um visitante entra em um salão onde percebe um amigo, onde também já estão duas pessoas que conversam em altas vozes. Para não perturbar a conversação, o visitante aproxima-se do seu amigo e lhe fala ao ouvido. (71)

(71) Proc. S.P.R., vol. xiii p. 294.

Contudo, Phinuit gosta mais de mostrar que não se preocupa com o que faz. Conversa muito tempo quando tem um interlocutor. Porém, quando as mensagens produzidas por intermédio da mão distraem esse interlocutor, costuma dizer: "Vou ajudá-lo." Que quererá ele dizer exatamente com isto? Mistério. Todavia, se querem estender a conversação com ele, basta falar junto ao seu ouvido. Ele não se faz de rogado. Nada então interrompe a escrita; a cabeça e a mão não se preocupam uma com a outra.

Os observadores desses fenômenos estranhos e especialmente o Dr. Hodgson, afirmam que os guias escrevem sem ter consciência da ação de escrever, como, sem dúvida, falam sem ter consciência do que falam. Esses guias percebem, pelo que dizem, no corpo do médium duas aglomerações principais desse fluido misterioso, dessa energia desconhecida, que lhes aparece como uma claridade à qual eles dão o nome de "luz". Uma dessas aglomerações está na cabeça e a outra na mão. Os guias pensam nessa luz e seus pensamentos nos são transmitidos automaticamente pelo aparelho do médium. Se é verdade que o homem é um espírito encarnado, sempre a mesma coisa deve passar-se em cada um de nós. Nosso corpo não seria mais que uma máquina protoplasmática fabricada para nós a fim de nos por em relação com o mundo da matéria. Mas por que meios opera essa máquina? Não sabemos absolutamente nada. Eu penso, e a minha voz transmite meu pensamento àqueles que me escutam, ou ainda, minha mão fixa minha idéia pela escrita. Mas que se passa? Em virtude de que energia meu corpo materializa, por assim dizer, meu pensamento? Nada sei. Naturalmente sirvo-me do meu corpo com mais habilidade e consciência aparente que os guias de Madame Piper se servem do seu organismo. É que, no momento,

só vivo conscientemente no mundo da matéria; depois porque meu corpo está comigo e foi feito para mim sob medida, por assim dizer, e dele me sirvo há muito tempo. (72)

(72) Continuo a me exprimir como se não fora uma hipótese, por comodidade, mas nada afirmo.

A escrita automática difere de caracteres conforme os guias. Estes, todavia, não chegam a reproduzir a letra que tinham em vida. George Pelham tentou, pelo menos uma vez, e não conseguiu. Mas isto não nos deve surpreender; não se trabalha tão bem com a ferramenta dos outros como com a nossa. Em todo o caso, essa diferença de traço é uma presunção a mais em favor da diferença de individualidades.

Muitas vezes a escrita toma o aspecto das gravações que cobrem uma pedra litográfica; não se pode ler senão olhando por um espelho. Essa escrita que eu chamaria litográfica, visto que é preciso dar-lhe uma denominação, é produzida tão rapidamente quanto a escrita ordinária. Madame Piper, no seu estado normal, seria incapaz de escrever uma só palavra dessa maneira.

Quanto ao mais, é freqüente ver-se essa escrita litográfica nos indivíduos que escrevem automaticamente. A causa é ainda uma incógnita.

Outras vezes as palavras são escritas ao contrário. Assim, por hospital, obter-se- á latipsoh. Entre certos médiuns, não são somente palavras isoladas que são assim escritas; são frases inteiras. Para ler essas frases, é preciso começar pela última letra, e ler às avessas.

Na escrita automática de Madame Piper, sílabas assim se encontram deslocadas. Desse modo, hospital pode estar escrito hostipal. Chamo a atenção do leitor para o fato de somente me referir a casos perfeitamente constatados e em lugar onde não era possível a fraude.

Para muitas sessões foram feitos relatórios depois das notas estenografadas. Tentaram usar um fonógrafo. Phinuit sempre jocoso, examinando a trompa do aparelho, perguntou: “Que vem a ser esta máquina?”

Procuraram fazê-lo compreender a utilidade do aparelho sem, entretanto, conseguirem. No entanto o fonógrafo registrou muito bem o que se passou na sessão, embora não tenha renovado a experiência, não sei por que. Seriam interessantes as entonações dos guias para posteriores estudos.

Servi-me de expressões afirmativas neste capítulo, e o leitor poderia concluir que a meus olhos a existência dos espíritos não é mais uma hipótese, mas uma realidade. Já preveni e o previno ainda, que falo assim, unicamente, por comodidade, e que a existência dos espíritos é ainda tão hipotética para mim, como para qualquer outro.

Capítulo X

Como George Pelham estabeleceu sua identidade. – Ele reconhece seus amigos, faz alusão a suas opiniões. – Reconhece os objetos que lhe pertenceram. – Pede serviços. – Suas afirmações errôneas são extremamente raras.

Alguns leitores devem perguntar o que pouco mais ou menos tem dito o espírito de George Pelham para que homens inteligentes e austeros tenham considerado sua identidade como estabelecida. Vou tentar dar-lhes uma idéia, resumindo os casos que posso narrar sem entrar em detalhes de grande complexidade ou sutileza. Não posso dizer tudo, primeiro porque não disponho aqui de lugar, depois porque acabaria, talvez, por me tornar fastidioso o que convém evitar antes de tudo em uma obra de vulgarização como esta.

Quando o Dr. Hodgson escreveu o seu relatório que apareceu em 1898, George Pelham que, como Phinuit, serve voluntariamente de intermediário, porém empregando a escrita, tinha tido ocasião de ver cento e cinqüenta consultantes, entre os quais trinta de seus antigos amigos. Esses trinta amigos foram todos reconhecidos por ele e nenhum estranho foi tomado como amigo. Não somente ele chamou os amigos pelos nomes como também lhes dirigiu a palavra no mesmo tom que habitualmente fazia com cada um deles. Nós não falamos do mesmo modo com todos os nossos amigos. O tom de nossa conversa varia conforme o caráter daquele a quem nos dirigimos, conforme a sua idade, conforme o grão de estima ou afeição que temos por ele. São matizes típicos,

porém instintivos, e portanto difíceis de reproduzir artificialmente. A vontade consciente de um Shakespeare conseguiria tal coisa com dificuldade, enquanto que a vontade consciente de Madame Piper é completamente incapaz de fazê-lo. Se então, é a subconsciência que produz esses fenômenos, essa subconsciência é um gênio sem par, ou ainda, ela está em relação direta com o grande Todo, com o Absoluto.

George Pelham dirigiu-se então aos trinta amigos que teve ocasião de ver por intermédio de um médium, com a inflexão de voz com que estava habituado a falar com cada um deles, outrora. Os incidentes que vou narrar são exemplos, apenas. Digo isto porque eu mesmo não podia resumir aqui tudo o que tem sido publicado a respeito das sessões. (73) De resto, tudo o que havia de mais íntimo, e por conseguinte de mais convincente, os consulentes não quiseram que se publicasse, por motivos fáceis de se compreender.

(73) Aqueles leitores interessados nesta questão recomenda-se ler o relatório do Dr. Hodgson, Proc. of S.P.R., vol. xiii., Trans.

Creio que é inútil dizer em que sessão observo cada incidente. Isto tornaria enfadonha a minha narração. Aos que essas leituras interessarem devem reportar-se aos documentos originais e estudá-los atentamente.

Desde as primeiras sessões, George Pelham pede para ver seu pai. Tem, diz ele, de tratar de negócios reservados e depois também queria convencê-lo, se possível, da sua existência em outro mundo. O Senhor Pelham foi logo avisado e não fez como uma ilustre dama italiana, de quem li recentemente sua história na excelente Revue dês Études Psychiques, do Senhor Cesar de Vesme.

A filha dessa dama, recentemente falecida, pretendia manifestar-se por intermédio de um médium e chamava sua mãe. Esta,

avisada, em vez de acorrer ao chamado, foi pedir permissão ao seu confessor. Imagine-se o que respondeu o santo homem: – Essas manifestações emanam do demônio; uma mulher religiosa e obediente à Igreja não vai conversar com tão perigosa personagem. A ilustre dama mandou então dizer que não podia ir.

Posto que muito cético por natureza e por educação, o Senhor Pelham pai acorreu imediatamente com sua mulher, a sogra de George Pelham e foram introduzidos na sessão com falsos nomes. Logo no começo dos trabalhos George Pelham escreveu: "Ah! Meu pai e minha madrasta, sou George!" As comunicações que se seguiram eram inteiramente o que o senhor Pelham pai poderia esperar de seu filho, se vivo fosse.

Em uma das primeiras sessões ele informa-se com um de seus amigos, um jovem escritor, e especifica que este devia editar um dos seus manuscritos sobre ele, George Pelham.

Durante o tempo em que George Pelham morou em Boston, ele esteve ligado por sólida afeição à família Howard. Viveu freqüentemente, e durante muito tempo, com essa família. James Howard e ele debatiam a miúdo os mais sérios problemas de filosofia. Desde a primeira sessão em que apareceu, George Pelham reclama os Howard com insistência: (74) "Dizei a Jim (abreviação de James) que quero vê-lo; ele custará a acreditar-me, a acreditar que estou aqui. Todavia, quero que esse bom e prezado amigo saiba onde estou." George Pelham deseja-lhe seja bem-vindo de um modo todo característico: – Jim, sois mesmo vós? Falai-me depressa. Não estou morto. Não ides pensar que estou morto? Como sou feliz em vê-lo. Não podeis ver-me, não podeis escutar-me? Exprimi toda a minha afeição a meu pai. Dizei-lhe que quero vê-lo. Sou feliz aqui e muito mais ainda depois que me foi dado ver-vos. Tenho pena dos que não podem fazer o mesmo.

(74) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 300.

Um Senhor Vance obtém uma audiência. George Pelham o tinha reconhecido. No primeiro instante o comunicante não pareceu observá-lo, ocupado que estava em transmitir mensagens ao Dr. Hodgson; mas depois George o reconhece e pergunta: "Onde está o vosso filho? Traga-o aqui; quero vê-lo." – "George, onde conheceste meu filho?" – "No colégio, ele foi meu contemporâneo." – "George, em que lugar moraste conosco?" – "Em vossa casa de campo, casa muito retirada, cercada de árvores. Tem um alpendre na frente, uma parreira de um lado e um balanço do outro." Tudo era exato. (75)

(75) Ibid., p. 458.

A Senhorita Helen Vance tinha pertencido no mesmo período que George a uma sociedade cujos membros tinham por escopo prepararem-se mutuamente na arte de escrever. Ela foi a uma sessão e entra já no fim. Madame Piper no seu estado normal jamais havia visto essa moça. Não obstante George Pelham pergunta-lhe apenas: "Como vai a sociedade?" Depois um pouco mais tarde, dá-se entre a Senhorita Vance e George esse diálogo: "Quem corrige agora os vossos trabalhos?" "Nós nos corrigíamos um ao outro". – "Estais satisfeito?" – "Sim." – "Quê! Estais satisfeito com as correções!" – "Sim, mas não tanto como as vossas; as vossas valiam mais." – "É justamente o que eu procurava que disséssеis. Em outros termos, George, é uma saudade que esperais de mim? Vamos, então! Tende de mim melhor recordação!"

A Senhorita Warner realizou duas sessões com Madame Piper, (76) cinco anos antes da morte de George Pelham. Essa moça tinha sido sua conhecida ainda muito criança, porém, quando George morreu havia três anos que ela não tivera ocasião de vê-lo. Oito anos, portanto, eram passados que ele a havia perdido de vista. Ora, em oito anos uma menina torna-se uma mocetona. Assim, na primeira sessão George Pelham não reconheceu

absolutamente a Senhorita Warner. Na segunda sessão ele perguntou- lhe quem era: – “Creio que nunca vos conheci bem...” – “Muito pouco, mas fazeis visitas à minha mãe.” – Sem dúvida, ouvi falar de vós...” – “Várias vezes vos vi; vínheis em nossa casa com o vosso amigo o Senhor Rogers.” – “Ah! Então é daí; a primeira vez que vos vi, perguntaste-me por Rogers.” – “Com efeito, falastes-me dele.” – Sim e, não obstante, não posso estabelecer a vossa fisionomia. Tenho que reconhecer todos os meus amigos. Outrora eu podia, mas há tanto tempo que parti... Cada dia me vou distanciando mais de todos vós. Não posso lembrar-me de vossas feições; deveis ter mudado muito.” Nesse momento o Dr. Hodgson disse: “Lembrai-vos da Senhora Warner?” – “Certamente, muito bem! Mas, é possível meu Deus? Será a sua filhinha?”– “Sim.” – “Como crescestes! Eu apreciava muito vossa mãe, uma encantadora dama.”

(76) Proc. of S.P.R., p. 324.

Como vimos, George Pelham não reconhece apenas seus amigos; (77) lembra-se também de suas opiniões, de suas ocupações e de seus hábitos. James Howard é um escritor. A ele disse-lhe George: “Por que não escreveis a respeito da sobrevivência? Rogers já escreveu sobre o assunto.” Depois perguntou: – “Que é que James está escrevendo neste momento?” – “Um romance.” – “Não é isto que quero dizer; não está ele escrevendo alguma coisa a meu respeito?” – “Sim, ele prepara um elogio comemorativo.” – “É muito gentil. É grato saber que não somos esquecidos. É muito lisonjeiro para ele que foi sempre muito bom para mim quando eu vivia.”

(77) Para os relatórios dessas sessões ver Proc. of S.P.R., vol. viii. pp. 413-441.

George Pelham lembra-se das opiniões de seu pai e das conversas que tinham outrora sobre questões filosóficas. “Eu bem

quisera convencer meu pai, disse ele, mas isso será difícil. Será mais fácil convencer minha mãe."

Ao dr. James Howard: "Lembrai-vos que, quando nós conversávamos e que tínhamos necessidade de uma obra sabíeis sempre o lugar em que ela se encontrava na biblioteca?" Antigamente quando James Howard e George Pelham conversavam à noite, o primeiro tinha o hábito de fumar um longo cachimbo. Em uma sessão realizada na mesma biblioteca onde outrora se realizavam as conversações, George Pelham disse: "Por que não apanhais vosso longo cachimbo, e por que não fumais?"

Catharina é uma das filhas de James Howard. Ela toca violino e, noutro tempo, quando estudava esse instrumento irritava particularmente a George Pelham que morava com a sua família. Em uma sessão ele disse-lhe: – "Catharina, como vai o violino? É horrível, horrível ver-vos tocar." A Senhora Howard responde: – "Sim, George, mas não vedes que ela gosta da sua música porque não compreende outra? – "Sem dúvida, pois é isso que eu lhe dizia sempre."

Marte é o pseudônimo adotado pelo Dr. Hodgson para designar um escritor americano muito conhecido. É um monista partidário das doutrinas darwinianas, convencido de que a morte do corpo é para nós o fim de tudo. Em uma sessão George Pelham disse-lhe: "A doutrina darwiniana da evolução é perfeitamente exata para o vosso mundo. Todavia nós continuamos a evoluir aqui. Isto é um fato que Darwin ignorava até o dia em que aqui chegou."

George Pelham reconhecia também os objetos que lhe haviam pertencido, principalmente aqueles aos quais tem ligada uma lembrança afetiva.

John Hart, na primeira sessão em que apareceu George Pelham apresentou-lhe os botões de punho que trazia e perguntou: – “Quem me deu estes botões?” – “Fui eu.”

– “Quando?” – “Antes da minha morte. Minha mãe vos deu outros.” – “Não”. – “Então foi meu pai. Meu pai e minha mãe vos presentearam juntos. Minha mãe guardou-os depois da minha morte e deu-os depois a meu pai que por sua vez deu-os a vós. Guardai-os como lembrança minha; eu vos lego como recordação.” Tudo está certo.

Em uma sessão, a Senhora Howard apresentou uma fotografia. É verdade que ela a colocou na cabeça do médium. – “Reconheceis o que aqui está?” – “Sim, é a fotografia da vossa residência de verão, porém esqueci-me do nome da cidade.” – “Não vos lembrais de D...?” – “Ah! Sim! A casinha de tijolos, a vinha, o parreiral como chamam. Sim, lembro-me bem de tudo isso; é para mim claro como o dia. Mas onde está a pequena dependência?” Tudo isto estava certo. A dependência de que George se admira de não ver era um galinheiro que não aparecia na fotografia por ter ficado fora de foco.

Em uma outra sessão a Senhora Howard colocou um livro na cabeça do médium. Não esqueçamos que o médium tinha os olhos fechados e os globos oculares revirados para o alto. – “Reconheceis este livro?” – “Perfeitamente, são minhas Líricas Francesas.” É inútil acrescentar que era exato.

George Pelham pede informações sobre os objetos que o interessavam em vida.

Pede também que lhe façam favores.

Na primeira sessão, ele disse ao consultante John Hart: – “Ide ao meu quarto, onde eu costumava escrever. Deixei lá todos os meus objetos em desordem. Eu vos ficarei obrigado se organizardes um

pouco tudo aquilo. Deve haver grande quantidade de cartas. Quereis respondê-las por mim?”

Evelyn é uma outra filha do casal Howard. George Pelham tinha-lhe presenteado com um livrinho com o seu autógrafo para Evelyn. George perguntou se ela se lembrava desse fato. Ele não mais esqueceu seus antigos propósitos. Amava muito Evelyn, mas isto não o impedia de a impacientar incessantemente, porque Evelyn não era forte em matemática. Em uma sessão, George Pelham disse-lhe: “Não quero contrariar-vos agora. Antigamente eu vos aborrecia muito, mas me perdoas, eu sei.” E acrescentou logo depois: “Evelyn é uma menina sempre capaz de nos dizer quantos são dois e dois! Muito bem! Acabastes o vosso curso, não é? Não sois precisamente uma matemática de primeira ordem, heim?” E ajuntou depressa: “Sede boa, Evelyn, os estudos, vede, têm apenas uma importância relativa. Ser bom, eis o ponto capital.”

James Howard tinha formulado várias perguntas às quais George não tinha respondido pretextando esquecimento. Por isso James Howard ainda duvidava da sua identidade. Um dia, disse o primeiro: “George, dizei-me alguma coisa que somente sejamos nós dois os únicos a conhecer. Peço-vos isto porque tenho feito muitas perguntas que não tendes podido responder. Passamos juntos muitos verões e muitos invernos, falamos de muita coisa, tínhamos muitos projetos em comum, atravessamos unidos muitos acontecimentos. Contai-me alguma coisa.” Imediatamente a mão pôs-se a escrever febrilmente. Os acontecimentos narrados são tão íntimos que não podem ser publicados. Em dado momento a mão escreveu: “Pessoal”. O Dr. Hodgson que estava presente, sai. Por seu lado, James Howard disse que tinha obtido tudo que podia desejar em matéria de provas e que estava inteiramente satisfeito.

Na primeira sessão em que George aparecia com John Hart por consultante, aquele de repente fala de Catharina, a filha de James Howard, e pronuncia estas palavras que no momento não tiveram qualquer sentido para John Hart: “Dizei-lhe que ela saberá. Resolverei os problemas, Catharina.” Quando John Hart relatou estas palavras ao Dr. Howard, elas o comoveram muito. Durante a última estadia de George Pelham em casa do Dr. Howard, muitas vezes ele tinha conversado com Catharina sobre altas questões filosóficas, como o tempo, o espaço, a eternidade e explicava-lhe como eram pouco satisfatórias as interpretações que a respeito têm sido dadas.

Então ele pronunciara as palavras quase textuais da comunicação: “Qualquer dia resolverei os problemas, Catharina.”

Notemos que naquele momento os Howard nunca tinha visto Madame Piper, como John Hart ignorava totalmente essas conversas, como também o Dr. Hodgson que anotava tudo quanto se passava nas sessões não conhecia, naquele momento, nem os assuntos que estavam sendo tratados nessas conversações, nem os Howard.

George Pelham tinha recebido sólida instrução clássica; era um humanista. Encontrarão também em sua linguagem grande número de expressões latinas usuais, sem dúvida, entre as pessoas de sua educação, mas que Madame Piper no seu estado normal não conhecia. O hábil Phinuit que não devia ser grande latinista as empregava demais. Esta constatação inspirou ao professor William Romaine Newbold (78) a idéia de convidar George Pelham para traduzir um curto fragmento de grego, e propor-lhe o seguinte que lhe veio à mente no momento, isto é, as primeiras palavras do Pai-nosso: Πάτερ ἡ ῶν, ὀ ἐν τοῖς οὐρανοῖς•. [Grego, forma transliterada: Pater hêmôn, ho en tois ouranois].

George Pelham hesitou muito tempo, depois, enfim, acabou por traduzir: Pai nosso, que estais no céu. O professor Newbold propôs em seguida uma frase mais longa que ele próprio compôs por conjectura: [Grego, forma transliterada: Ouk esti thanatos; hai gar tôn thnêtôn psychai zôên zôsin athanaton, aidion, makarion] (79) Isto significa: "Não há morte; as almas dos mortais vivem realmente uma vida imortal, eterna, feliz." George Pelham chamou em seu socorro Stainton Moses, que em vida passava por grande helenista. Ambos só conseguiram compreender a primeira proposição: "Não há morte". Essas experiências, em todo o caso, provam que, em estado de transe, madame Piper pode compreender um pouco do grego, enquanto que em estado normal ela não conhece os caracteres próprios desse idioma. De resto George Pelham e Stainton Moses podem ter aprendido razoavelmente o grego e depois tê-lo esquecido. Isto é comum entre nós.

(78) Proc. of S.P.R., vol. xiv. p. 46.

(79) A frase foi mostrada nos caracteres gregos, mas não pude reproduzi-los neste livro, exceto a palavra thanatos: Θάνατος (N. R.)

A propósito dessa tradução do grego, poder-se-ia formular outra hipótese. Poder-se-ia supor que os espíritos de George Pelham e de Stainton Moses – se espíritos há – recebendo diretamente a idéia e não a expressão material dessa idéia, compreenderam parcialmente o que o professor Newbold queria dizer sem saberem em que língua estava expressa a proposição. Se eles não a compreenderam mais facilmente e por inteiro, isto não traria dúvida, porque um pensamento expresso por nós em um idioma estrangeiro tem qualquer coisa de impreciso em nosso espírito. Poder-se-ia ir mais longe. Poder-se-ia acreditar que é a subconsciência de Madame Piper que recebe diretamente a idéia independente de sua expressão. Demais, Madame Piper

pronunciou muitas vezes palavras e frases curtas em línguas estrangeiras. Phinuit gosta de dizer em francês: “Bom dia, como tendes passado? Até logo!” Gosta também de contar em francês. A Senhora Elisa, uma italiana irmã falecida da Senhora Howard, conseguiu escrever e pronunciar algumas palavras em um italiano mais ou menos desnaturado. Encontrei também em uma sessão em que a comunicante pretendia ser uma jovem havaiana, duas ou três palavras da língua havaiana muito apropriadas à circunstância. Tudo isto é desconhecido de Madame Piper em estado normal.

Acabei de dizer que os espíritos – se espíritos há – recebem (são eles que nos afirmam) diretamente a idéia. Em compensação não percebem a matéria que é para eles como inexistente. Isto induz-me a falar de uma nova feição das sessões, principalmente das reuniões com George Pelham. Se essa feição nada aumenta à prova de identidade, atesta pelo menos poderes supranormais junto ao médium.80 Pede-se a George Pelham para ir ver o que faz uma pessoa distante durante dado tempo e depois contar o que se passou. Ele vai aonde se encontra tal pessoa e consegue, parcialmente, o objetivo. Eis o que parece passar-se: se a ação é fortemente projetada no espírito da pessoa observada, o espírito observador percebe nitidamente o que se passa; se a ação é quase automática, ele percebe vagamente; se a ação é inteiramente automática ele não a percebe absolutamente. Muitas vezes George Pelham dá como tendo realizados fatos que foram refletidos no pensamento da pessoa observada, mas que não foram executados. Outras vezes, ele narra como atuais fatos realizados no passado. Isto quer dizer que os espíritos, parece, não têm uma idéia nítida do tempo. Voltarei a este ponto no capítulo seguinte. Não disponho, infelizmente, nem de tempo, nem de espaço para citar

exemplos. Dizer que o comunicante George Pelham nunca fez asserções inteiramente ou parcialmente erradas? Não. Mas o número dessas asserções parcial ou inteiramente erradas é muito pequeno, ao contrário do que se passava outrora, quando Phinuit dominava sozinho o médium Madame Piper. Eis uma dessas asserções sobre a qual se tem argumentado muito; quiseram ver nisso a marca de fábrica, evidente, de Madame Piper e de seu meio social, mas nada da marca de fábrica de George Pelham que é um aristocrata. Perguntam a George Pelham: "Não podeis dizer-nos alguma coisa que fez a vossa mãe?" Ele responde:81 "Eu a vi escovar e por em ordem as minhas roupas. Estava a seu lado quando ela fez isso. Vi que ela apanhou meus botões de punho que estavam em uma caixinha e que os deu a meu pai. Vi quando meu pai os enviou a John Hart. Vi este colocá-los entre papéis em uma caixa de folha de flandres." Interrogada por carta, a Senhora Pelham responde entre outras coisas: "As roupas de George foram escovadas e arrumadas, não por mim, porém pelo seu antigo criado de quarto." Apressemos por concluir: Madame Piper nessa ocasião pensou estar no seu meio. Esqueceu-se que a Senhora Pelham não escovava nem guardava, ela própria, roupas. Isto é talvez triunfar um pouco rápido. As mulheres da alta sociedade podem ocasionalmente escovar e guardar uma roupa. Ora, suponde que eu disse mais acima sobre a maneira como os espíritos percebem nossas ações seja a expressão da verdade. George Pelham pôde perceber, não a execução da ação pelo criado, mas o reflexo dessa ação no espírito de sua madrasta. Objetarão, talvez, que ele bem poderia supor que ela mesma não fazia tal trabalho. Então, por quê? Não vejo isto. Pode ser que ele julgasse sua madrasta capaz, na ocasião, de guardar suas roupas.

Muitas vezes fazem perguntas que ele é incapaz de responder. Todavia George não afirma absolutamente nada ter esquecido. Se há outro modo, os espíritos nele pensam para refletir os menores incidentes desta vida incompleta que é a nossa. Eles passam em tal mundo para serem instantaneamente arrebatados no turbilhão de uma atividade maior e mais elevada. Nada de espantoso, por conseqüência, que eles esqueçam algumas vezes. Contudo, parece, esquecem menos que qualquer um de nós.

Capítulo XI

Filosofia de George Pelham. – Natureza da alma. – Os momentos que procedem à morte. – Estadia ou "outro mundo". – Ação no "outro mundo". – George Pelham contradiz Staiton Moses. – O espaço e o tempo no "outro mundo". – Como os espíritos nos vêm. – As comunicações.

O comunicante George Pelham não se limitou a fazer-se reconhecer por seus amigos. Filosofou muito com eles, principalmente com o Dr. Hodgson. De resto, se não o fizesse, haveria uma lacuna capaz de fazer duvidar de sua identidade, porquanto em vida ele gostava de trocar idéias. Mas o Dr. Hodgson, diante dele, respeitou por momentos essa filosofia de Além-túmulo. Calculou que não se podia atribuir valor a George Pelham senão depois de demonstrada de modo irrefutável a existência de "outro mundo". Contudo, encontra-se fragmentos dessa filosofia nos relatórios das sessões, aliás bastante interessantes para serem estudados.

Talvez que essa filosofia seja a de Madame Piper. Mas pode ser também a de George Pelham desencarnado. Eis porque essa filosofia é digna de exame. Agora, admitindo-se que essas asserções sejam mesmo as de um habitante do outro mundo que tenha sido aqui na terra inteligente, sincero e culto, dever-se-á considerá-las como a expressão absoluta da verdade? Oh! Não! Se existe um outro mundo depois deste, os que o habitam são mais adiantados que nós um grão, mas um grão somente, na escala infinita do Ser. Eles não contemplam face a face o Eterno. Pode

muito bem dar-se que distingam nitidamente verdades que nós não antevemos sequer, mas que estamos, não obstante, perfeitamente fundamentados para não aceitarmos suas opiniões como bens de inventário.

Se a existência de George Pelham desencarnado está provada, evidentemente esta se apresenta sob um novo colorido o velho problema da natureza da alma, problema velho como o mundo, e que os discípulos do Sócrates de Platão tornavam inteligível por esta imagem encantadora: é o homem comparável a uma lira, e sua alma à harmonia dessa lira, harmonia que deixa de existir quando a lira é despedaçada. Para exprimir a idéia em termos mais modernos, é a alma a resultante do conjunto dos órgãos, ou melhor, é a alma o motor indestrutível e misterioso que aciona esses mesmos órgãos.

George Pelham afirma-nos que ela é o motor e que o corpo não menos que uma máquina da qual se serve a alma temporariamente para operar neste mundo obscuro da matéria. Ele diz: "Existe a idéia fora da matéria e aquela não depende desta de nenhuma forma. A destruição do corpo não tem por conseqüência a destruição da idéia. Após a destruição do corpo o Eu continua sua existência. Mas neste caso, ele recebe diretamente o pensamento; ele é muito mais livre, e pode exprimir-se muito mais claramente que quando a matéria o sufocava. A alma e o pensamento são apenas uma só e a mesma coisa. O pensamento é atributo imprescritível do Ego ou alma individual. Em chegando neste ponto a alma está pronta para registrar toda sorte de idéias virgens; ela está como um bloco de cera sobre o qual nada está gravado." Não consigo interpretar exatamente, mas creio não ter alterado o sentido da explicação de George Pelham.

Seria belo se assim fosse e isto alargaria imensamente os nossos horizontes mesquinhos. Mas como acabo de dizer, devo conservar meu direito de crítica e de exame. Em outra ocasião George Pelham diz: “Temos um fac-símile (é o termo usado por ele) etéreo de nosso corpo físico, fac-símile que persiste após a dissolução desse corpo físico.” Isto seria o corpo astral dos espíritos. Mas a expressão “fac-símile” confunde-me porque acreditei que a nossa forma atual fosse inteiramente determinada pelas leis do nosso mundo físico, que essa forma fosse apenas uma adaptação ao nosso meio, que bastaria, por exemplo, que as leis da gravidade fossem também ligeiramente modificadas para que nossa forma devesse modificar-se paralelamente. William Crookes escreveu recentemente a esse respeito páginas muito interessantes. Mais adiante voltarei ao assunto.

Ora, a física do outro mundo deve diferir muito da física deste, porquanto esse outro mundo não seria material ou, pelo menos, porque a matéria lá seria muito mais tênue. Como persistiria então nossa forma atual?

Agora, se temos um corpo astral que acompanha o nosso Ego no outro mundo, se esse corpo astral é composto de um fluido análogo ou idêntico ao hipotético éter, esse fluido é ainda assim matéria, embora essa matéria seja evidentemente submetida a leis completamente diferentes das do nosso mundo grosseiro. Ora, nada prova que a alma não seja a resultante do conjunto de órgãos desse corpo astral. Se esse corpo desagrega- se um dia, o que é provável, nada prova que a alma sobrevive a essa segunda desagregação. Se todas estas coisas estivessem demonstradas, o velho problema da alma seria reduzido, mas não seria resolvido.

Contudo, no momento, será talvez querer penetrar muito profundamente. Sejamos menos ambiciosos, e perguntemos a

George Pelham o que experimentamos logo após a morte. “Tudo se obscureceu para mim”, (82) disse ele, “depois, pouco a pouco, a consciência reapareceu e eu despertava em uma existência nova. Esse novo mundo apresentava-se a mim como o vosso se apresenta durante os instantes que precedem à aurora. Tudo para mim era mistério e confusão.” Isto é bem verossímil. Se assim é, a morte deve ser uma espécie de nascimento em outro mundo e compreende-se facilmente que a alma que vem de nascer nesse novo mundo, não deve ali ver nem compreender grande coisa, ainda mesmo muito tempo depois desse nascimento.

(82) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 301.

James Howard diz a George Pelham: “Devieis ter ficado surpreso de vos encontrar vivo.” George Pelham responde: “Certo, extremamente. Eu não acreditava na sobrevivência. Isto ultrapassava o meu entendimento. Hoje pergunto a mim mesmo como pude duvidar.” Depois diz: “Entretanto, quando vi que estava vivo, pus-me a pular de alegria.” Compreendamos essa alegria. Aqueles dentre nós que de antemão resignam-se a cair no nada, são raros. A morte um aniquilamento! Essa idéia contra toda lógica nos faz estremecer até a medula. Há talvez nesse pensamento uma indicação, uma revolta em nossa alma que se sabe imortal, e que não pode refletir essa idéia do não ser, idéia oposta à sua natureza, sem ela mesma tremer de pavor.

Das impressões de George Pelham pode-se aproximar as de um outro comunicante de nome Frederico Alkin Morton, que tinha passado para o outro mundo de modo sensivelmente diverso. Esse Alkin Morton acaba de fundar um jornal. A intranqüilidade, o esgotamento nervoso e talvez outras causas fizeram-lhe perder a razão. Mas sua loucura foi de curta duração: em um acesso ele meteu uma bala na cabeça e matou-se. A primeira vez que procurou comunicar-se, suas palavras foram bastante incoerentes

e isto não surpreenderá se lembrarmo-nos da constatação do Dr. Hodgson. Mas a lucidez veio-lhe depressa, e na segunda sessão suas comunicações já foram mais claras. Eis como ele narra a seu irmão Dick as impressões de sua morte. Não fala do suicídio que cometeu sem dúvida sem estar no uso da sua consciência. Entretanto, no fim da sessão a mão escreveu: "Pistola". Efetivamente ele matou-se com um tiro de pistola. (83) "Domingo", disse ele, "comecei a perder meu equilíbrio mental. Depois, de repente, não reconheci mais as pessoas, nem as coisas. Quando começava a retomar a consciência, eu estava neste mundo aqui. Perguntei a mim mesmo onde estava. Experimentei estranhas sensações e achava-me mais livre. Minha cabeça e meu corpo não pesavam-me mais. Meus pensamentos começaram a esclarecer-se e então, pela primeira vez, notei que tinha deixado o meu corpo. Vi uma luz e numerosas sombras humanas que me faziam sinais para eu avançar e tentavam reconfortar-me, assegurando-me que não tardaria encontrar-me em estado normal. Com efeito, quase no mesmo instante eu voltava à minha normalidade. Foi então que chamei-te, Dick. Quisera contar-te tudo, dizer-te onde eu estava, porém, só agora tive esta oportunidade e, como vês, aproveito-a."

(83) Proc. of S.P.R., vol. xiv. p. 18.

Depois da pergunta – como se passa no outro mundo? – a que mais interessa pela sua natureza é a seguinte: – Como nos sentimos nele? – Ora, parece que, em geral, nos sentimos bem. Um dos tios do professor Hyslop que parece ter estado na terra entre os felizes, não obstante, disse a seu sobrinho entre outras coisas: (84) "Não há muito tempo que estou aqui e, no entanto, eu não queria de modo algum voltar ao vosso mundo para nele gozar do que gozei – música, flores, passeios, cavalos, prazeres de toda espécie, livros e o resto." Um outro comunicante, John Hart, a

primeira pessoa a quem George Pelham manifestara-se, disse na sua primeira aparição: – "Este mundo aqui é a morada da paz e da abundância." Ah! Meu Deus! Se assim é, que doce surpresa nele nos espera, porque aqui na terra a paz e a abundância são coisas a que não estamos acostumados. Mas, tenho medo que John Hart tenha exagerado; a grande ceifadora atira cada dia, deste mundo para o outro, tais elementos de discórdia que, sem contar os que lá devem existir há muito tempo, pergunto a mim mesmo como fazer-se para os impedir de perturbarem a tranqüilidade. Seja como for, se ao sairmos deste mundo passamos para outro, esperamos que esse outro seja melhor que este, senão, teríamos razão de lastimar que a morte não fosse o aniquilamento final.

(84) Proc. of S.P.R., vol. xvi. p. 315.

Mas George Pelham por seu turno, afirma-nos que não perdemos com a troca. O Dr. Hodgson perguntando-lhe se ele não tinha partido daqui muito cedo, George responde-lhe com ardor: – "Não, Hodgson, muito cedo, não."

No entanto, se os espíritos são felizes, mais ou menos felizes, dizem eles, segundo seu grau de desenvolvimento (e não há nada de mais admissível), forçoso é supor que sua felicidade não é simplesmente contemplativa. Dessa felicidade, aliás, ser-se-ia apressado. Eles agem, têm como nós ocupações ainda que não possamos compreender em que consistem. A afirmação desse fato aparece muitas vezes nas sessões e poderíamos presumi-lo mesmo se os espíritos não o afirmassem a nós. George Pelham disse ao seu amigo James Howard: "Não tardarei a ter uma ocupação." (85) A primeira vez que li essa declaração, em uma revista que, aliás, não reproduzia senão um pequeno fragmento que não dava absolutamente idéia do que se passa nas sessões, lembro-me de que a citada declaração produziu em mim a mais desagradável impressão. É preciso, dizia comigo mesmo, que esses

pretensos investigadores sejam ingênuos para não verem que semelhante frase não pode vir de um espírito. Ela traz o sinete da terra!

(85) Proc. of S.P.R., vol. xvi. p. 301.

Depois a reflexão faz-me admitir que os espíritos também poderiam ter ocupações; o mundo que sucede à terra, se existe, é certamente uma esfera de novas atividades. Tudo trabalha, é lei universal!

Perguntaram a George Pelham em que consistiam essas ocupações dos espíritos e ele respondeu: "Nossas ocupações assemelham-se às mais nobres dentre as vossas. Ajudamos uns aos outros progredirem."

Essa resposta, sem dúvida, não satisfará aos que se inspiram nas curiosidades vãs, porém, ela encerra uma profunda verdade filosófica. Se a considerarmos um pouco acima das nossas ocupações tão diversas na terra, vemos que o seu escopo é unicamente o aperfeiçoamento humano. Os mais evoluídos entre nós têm disso consciência; os outros, não, e o mesmo acontece no outro mundo, embora que George Pelham não o diga.

Todos os nossos esforços, todas as nossas fadigas, são indiferentes à natureza que nada tem a ver com isso.

Mas as contingências da vida obrigam os homens a reconhecer que são todos irmãos, obrigam a aperfeiçoar-se uns aos outros; nós nos assemelhamos às pedrinhas roladas promiscuamente pelas ondas do mar e polidas por um mútuo atrito. Queiramos ou não, conscientes ou inconscientes, nós nos obrigamos uns e outros ao progresso e tornamo-nos melhores neste ponto de vista. Teríamos razão de comparar nosso mundo a um cadinho onde as almas se purificam pela dor e pelo trabalho, preparando-se para mais altos destinos. Eu não desejaria avançar até dizer como

Schopenhauer, que este mundo não é mais que uma colônia penitenciária.

Um célebre médium inglês, William Stainton Moses, em um livro muito conhecido intitulado Spirit Teachings, tinha desenvolvido, ou antes, tinha feito desenvolver por seus espíritos guias a teoria de que as almas partem deste mundo com todos os seus desejos e todos apetites maus. Não dispondo mais de corpo no Além para permitir-lhes satisfazer seus maus pendores, elas são submetidas a um terrível suplício de tântalo. Então tentam, pelo menos, satisfazer seus vícios e paixões materiais por procuração, se assim posso exprimir-me. Elas levam os homens encarnados, sem participação destes, a entregar-se a esses vícios e a essas paixões; induzem o jogador a jogar, impelem o bêbedo a beber, enfim, mergulham enquanto podem cada viciado até ao fundo do abismo da sua imperfeição. Essas imperfeições, crimes, vícios, depravações, intemperanças, etc., embriagam aquelas almas e enche-as de alegria. Os espíritos evoluídos e nobres, não obstante seus esforços, são impotentes para conjurar a influência das almas sem evolução. Em suma, percebe-se aí o velho mito dos demônios e dos anjos, adaptado às doutrinas do espiritualismo moderno. Todavia, é o velho mito com uma transição; os demônios querem a perdição dos homens por inveja, porque, estando perdidos para sempre, procuram arrastar na sua perdição tantas almas quantas possível. Os espíritos malévolos de Stainton Moses querem a perdição dos homens para satisfazerem ignóbeis pendores. Os demônios, sem dúvida, são espíritos maus, porém espíritos. Os espíritos malévolos de Stainton Moses são apenas ignóbeis larvas que o amor à matéria enlouquece. Certo, tudo é possível, como diz o professor Fournoy, mas esta teoria não deixa de surpreender parece fazer gravitar os habitantes do Além em torno do nosso

miserável mundo, assemelha-se à velha teoria astronômica que situava o nosso pequenino globo no centro do universo. Se existe um outro mundo, custa-se a crer que seus habitantes passem o melhor do seu tempo em ocupar-se de nós, uns para fazer- nos mal, outros para fazer-nos bem. O professor William Romaine Newbold, em uma sessão que se realizou em 19 de junho de 1895, perguntou a George Pelham o que se deve pensar dessa teoria de Stainton Moses. (86)

(86) Proc. of S.P.R., vol. xvi. p. 36.

O professor Newbold: – A alma transporta para a sua nova vida seus apetites e suas paixões animais?

George Pelham: – Não, certamente. Mas... por quem sois, meu amigo! Um homem como vós instruído deve compreender que, se assim fosse, o nosso mundo seria decididamente muito material.

O professor Newbold: – William Stainton Moses em seu trabalho afirma que o espírito transporta com ele todas as suas paixões e vícios e dessas imperfeições só se desembaraça muito lentamente.

George Pelham: – Isto não é verdadeiro.

O professor Newbold: – Ele afirma também que os espíritos malévolos pairam na superfície da terra, incitando os pecadores à sua própria destruição.

George Pelham: – Não é verdade, digo, não é verdade. Creio que a respeito posso dizer e insisto: isto não é verdade. O estado do espírito depois da morte é afetado pela vida terrestre, mas os pecadores não voltam a pecar na terra.

O resultado dessa negativa foi pedirem a George Pelham que fosse buscar o espírito de Stainton Moses para que ele próprio explicasse o assunto.

Eis um fragmento do diálogo entre o professor Newbold e Stainton Moses desencarnado:

O professor Newbold: – Ensinasteis que os maus espíritos incitam os pecadores à sua própria destruição.

Stainton Moses: – Depois que estou aqui percebi que não era assim. Essa asserção que me foi dada pelos meus guias quando eu ainda vivo, é falsa. (87)

(87) Em uma outra sessão, W. S. Moses disse que essa idéia estava de tal modo firmada em seu espírito que ele a divulgou, persuadido que a devia a seus guias espirituais.

O professor Newbold: – Dissesteis também que o espírito carrega com ele suas paixões e seus desejos.

Stainton Moses: – Isto é igualmente falso. Percebi agora. Nossas idéias aqui não são as mesmas que tínhamos quando encarnados.

Assim, os ensinamentos de George Pelham diferem nesse ponto dos de Stainton Moses. Contudo, diz o professor Newbold, em geral, eles combinam perfeitamente.

Ora, quando chegarmos a esse outro mundo, é certo que ficaremos completamente desorientados a princípio, porque tudo quanto consideramos aqui na terra como condições sine qua non da existência, parece constituir lá imperfeições. Os espíritos dizem que não percebem a matéria, que é para eles como inexistente. Aqui, a ciência atual sustenta que fora da matéria movida pela energia, nada existe. Seria estranho que a ciência de amanhã viesse a demonstrar que a matéria não é mais que uma espécie de ilusão temporária do espírito. Aqui não concebemos nada fora do espaço e do tempo. Os espíritos parecem ter do espaço e do tempo uma noção muito confusa. Primeiro, o afirmam sempre. Depois, se por exemplo, perguntam-lhes há quanto tempo estão desencarnados, são geralmente incapazes de o dizerem. Durante as comunicações eles falam no presente de ações passadas há muito tempo. Já tive oportunidade de dizer em outro capítulo que várias vezes tinham pedido a George Pelham para ele ir observar

ações de pessoas ausentes e depois vir relatá-las: em geral ele tem sido bem sucedido, mas também tem acontecido cometer o curioso engano de tomar o passado pelo presente. Aqui está um exemplo: pediram a George para que fosse ver o que no momento fazia a senhora Howard, que estava ausente. George contou o que se passava. O Dr. Hodgson interrogou por carta aquela senhora. Eis uma frase da resposta:

"Caro Senhor Hodgson, nada fiz hoje do que me interrogais, porém, ontem e anteontem à noite." (88)

(88) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 305 e 306.

É possível que George Pelham tenha penetrado no espírito da Senhora Howard e que na incapacidade de avaliar o tempo, tinha tomado o passado pelo presente.

Como o tempo, parece dar-se o mesmo para os espíritos, quanto ao espaço. Phinuit, para servir ao professor Newbold, vai á procura de Stainton Moses. Phinuit pretende habitar uma "vasta esfera" na qual diz também habitar Stainton Moses, porém em paragem mais distante. Entretanto ele o traz consigo quase no mesmo instante. Quando apresentam ao médium objetos de natureza a atrair os pretensos espíritos com os quais desejam comunicação, estes quase sempre chegam imediatamente seja qual for o ponto em que tenham desencarnado. John Hart, falecido em Nápoles, comunica-se dois dias depois em Boston. Entretanto, é de presumir que os espíritos não estão à nossa disposição para nos atender. Contudo, se a simpatia ou antipatia podem apressar ou retardar sua aparição, em compensação, o que nós chamamos distância na nossa concepção não parece preocupá-los absolutamente. No entanto encontra-se a cada instante nas comunicações frases como esta: – "Cada dia distancio-me mais de vós"; "Estou agora muito longe de vós."

Mas, provavelmente não se deve interpretar essas frases ao pé da letra. Eles distanciam-se de nós à proporção que progridem na estrada espiritual, à medida, sem dúvida, que as coisas na terra preocupam-lhe menos o pensamento.

Os espíritos vêem-nos, mas não vêem nosso corpo porque não percebem a matéria. Vêem nosso próprio espírito, que lhes parece mais ou menos obscuro enquanto está encarnado.

"É pela parte espiritual do vosso ser que vos vejo", diz George Pelham, "que acompanhar-vos e dizer-vos de vez em quando o que fazeis".

E de nossa vida, de nós, que idéia têm eles?

Eis uma passagem das comunicações de George Pelham que nos informará: (89) – "Lembrai-vos que temos sempre nossos amigos na vida do sonho. Essa vida encanta- nos ainda tanto tempo que temos amigos dormindo no mundo da matéria. Vossa vida é antes para nós o que compreendemos como sono. Parecei-nos como que encerrados em uma prisão."

(89) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 362.

O professor Hyslop tinha uma irmã gêmea que morreu pequenina. Ela mandou-lhe uma pequena mensagem que diz: "Vejo no entanto que continuas a sonhar. És tu ao menos feliz na vida do sonho?"

Assim, pois, nossa vida atual seria apenas sono acompanhado de sonhos, os quais são às vezes horríveis pesadelos. Se assim é, só devemos desejar a aurora e o despertar. Desejamos ouvir sem demora o canto do galo que põe em fuga os fantasmas da noite. Mas... ai de nós! Como seríamos então felizes tendo a certeza que é assim!

Isto faz-me lembrar uma estupenda passagem de um poeta espanhol que não posso resistir de invocar: – "Viver é sonhar. A experiência ensina-me que o homem sonha o que ele é, até o dia

do despertar. Vive o rei a sonhar que é rei e nesse erro, dando ordens, dispondo da vida e desfrutando bens. O rico sonha com a sua riqueza que lhe dá tantas inquietações. O pobre sonha com a pobreza e a miséria que o faz sofrer. Enfim, todos nós sonhamos o que somos. Eu, eu sonho que estou aqui acorrentado e outrora sonhei que era feliz. Nossos sonhos... ai!... não são mais que sonhos em um sonho."

Nosso mundo seria assim comparável à caverna de que nos fala Platão no volume VII de A República.

Na conversa havida entre o Dr. Hodgson e George Pelham, conversa em que este último prometeu que, se ele morresse primeiro e sentisse ainda desfrutar uma existência, faria tudo que pudesse para nos revelar essa existência, eles se serviram daquela velha alegoria Platoniana. Depois, nas comunicações foi feita alusão àquela alegoria e isto autoriza-me a resumi-la sucintamente.

Platão imagina prisioneiros acorrentados desde o nascimento em uma caverna escura, de tal modo que não podem mover-se, nem sequer com a cabeça, e assim só conseguem descortinar o que está diante deles, atrás e acima dos quais arde incessante fogueira.

Figuras humanas vão e vêm entre as chamas e os prisioneiros, carregando estátuas, ídolos de animais, plantas e muitas outras coisas. As sombras dessas figuras são projetadas na parede da caverna, em frente àqueles infelizes. Eles nada conhecem do mundo exterior senão estas sombras que tomam pela realidade e passam o tempo a discutir sobre elas, a compará-las pelo pensamento, a gravá-las na retina.

Um dos prisioneiros é arrebatado de sua triste morada e transportado para o mundo exterior. Primeiro a luz cega-o e ele

nada distingue. Mas depois, com o tempo, sua visão adapta-se o meio e lhe é dado admirar os esplendores da natureza. Reconduzido à caverna, e acorrentado de novo como seus companheiros toma parte em suas discussões. Esforça-se então por fazer-lhes compreender que o que tomam pela realidade são apenas sombras. Porém eles, confiados na sua longa meditação, recebem- no com escárnio. A mesma coisa aconteceria à alma que fosse viver algum tempo no mundo espiritual para ser depois reconduzida ao mundo material.

Quando o prisioneiro de Platão é levado de novo à caverna, seus olhos, que perderam a intimidade com a semi-obscuridade, nada mais distinguem durante um certo tempo. Quando interrogado sobre as sombras e objetos que o rodeiam, ele não os vê, e suas respostas são cheias de confusão. Pode ser que alguma coisa de semelhante aconteça aos desencarnados que tentam manifestar-se a nós servindo-se do aparelho de um médium. É isto o que George Pelham nos dá a entender. É assim que ele explica a incoerência, a confusão e mesmo as asserções falsas de muito comunicantes. (90) "Para nos por em comunicação convosco, devemos penetrar na vossa esfera, entreter-nos convosco: eis porque ficamos perturbados e incoerentes. Não sou menos inteligente que outrora, ao contrário, mas as dificuldades de comunicação são grandes. Vejo tudo mais claro que no tempo em que eu estava prisioneiro de um corpo; mas para manifestar-me a vós, para tentar auxiliar o progresso da ciência, devo encerrar-me nesse aparelho e aí sonhar, por assim dizer. Eis porque não se deve considerar minhas palavras com o olho da crítica, mas perdoar meus erros e lacunas."

(90) Proc. of S.P.R., vol. xiii. pp. 362, 363.

George Pelham diz-nos também como podemos chamar os espíritos de quem desejamos comunicações: – "Vossos

pensamentos chegam a mim. Para que eu venha e que me manifeste é preciso que penseis em mim.” Ele acrescenta em outra parte, não só que as comunicações não são prejudiciais nem ao comunicante nem aos consulentes, como ainda que elas são desejáveis.

O Dr. Hodgson pergunta em outra ocasião o que acontece ao médium durante o transe. (91)

(91) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 434.

George Pelham: – Seu corpo etéreo sai do seu corpo físico, como acontece convosco durante o sono. Ficai tranqüilo neste ponto. O médium passa agradáveis instantes.

O Dr. Hodgson: – Algumas dificuldades da comunicação não seriam oriundas do cérebro do médium habituado ao seu modo de pensar?

George Pelham: – Não, não é isso; porém a matéria sólida chamada cérebro é difícil de manejar simplesmente porque é matéria. O médium deixa seu cérebro vazio por assim dizer. Então eu ou outro qualquer espírito nos apossamos desse cérebro vazio e é assim que as dificuldades começam para nós.”

Tudo o que aí está é muito pouco compreensível no estado atual dos nossos conhecimentos. Contudo, eis uma outra passagem muito menos inteligível ainda, e que, por seu simples engenho, daria a idéia de uma fraude, pelo menos inconsciente. George Pelham diz a seu amigo James Howard, na primeira sessão em que esteve este último (92):

(92) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 301..

“Jim, distingo a tua voz com a sua própria dicção e suas particularidades. Porém ela chega-me como o som longínquo de um forte tambor. A minha soaria ao teu ouvido como o mais débil murmúrio. (93)

James Howard: – Nossa conversação seria alguma coisa como uma conversa por telefone?

George Pelham: – Certamente.

James Howard: – Por telefone de longa distância.

George Pelham: – (Rindo) Compreenda quem possa! São apenas comparações.

Não se sabe o que pensar.

Uma outra coisa que não é fácil de compreender-se é a "fraqueza" de que os espíritos se queixam, principalmente no fim das sessões. George Pelham diz mesmo: "Não se deve exigir de nós o que principalmente nos falta – a força." Se os espíritos querem dizer a "luz" ou poder de penetração do médium se enfraquece e não lhe fornece mais o não sei que seja de que eles têm necessidade para comunicar-se, por que não exprimem mais claramente?

Achar-se-á, talvez, que insisti demasiadamente no que chamei de filosofia de George Pelham. Achei de meu dever fazê-lo e não há inconveniente algum desde que deixo cada qual livre para aceitar o que queira. Desejo que sejam verdades, porquanto se nossa vida atual não tem o amanhã, ela é o maior absurdo desse mundo absurdo. Eu desejaria que Shakespeare se enganasse quando disse da vida do homem: – "A vida é um conto narrado por um insensato, com muito espalhafato, com gestos furiosos e sem qualquer significação."

Eu desejaria que a vida não fosse assim, mas faltam as provas.

(93) Isso não nos parece estranho, porque os espíritos pretendem perceber diretamente o pensamento e se comunicam entre si sem órgãos vocais. Entretanto encontramos nos relatórios das sessões do médium Stainton Moses casos em que os comunicantes falam diretamente, porém com voz tão fraca que o ouvido mais atento distingue a custo algumas palavras de uma frase.

Capítulo XII

William Stainton Moses. – O que George Pelham pensa sobre ele. – Como Imperator e seus guias substituíram Phinuit.

Para os meus leitores que não conhecem a literatura espírita, e a fim de facilitar a compreensão do que se vai ler, creio dever dar rapidamente alguns traços da vida do médium William Stainton Moses.

Stainton Moses nasceu em 1839 e morreu em 1892. Estudou em Oxford e depois foi cura em Manghold, perto de Ramsay, na ilha de Man. Ali conquistou a afeição de todos os paroquianos, por sua grande caridade. Uma epidemia de varíola fez fugir até os próprios médicos, ficando ele fiel em seu posto, cuidando dos corpos e consolando as almas. Mas em Manghold ele era obrigado a um trabalho acima de suas forças, mormente porque sua saúde sempre foi precária. Conseguiu, então, ser substituído por um outro cura, cujos deveres eram menos penosos, este da paróquia de Saint-Georg, em Douglas, na mesma ilha. Foi em Douglas que o padre Stainton Moses se fez amigo do Dr. Stanhope Speer, amizade essa que somente a morte deveria interromper.

Em pouco, uma afecção grave da garganta o impediu de ocupar o púlpito e ele resolveu abandonar o sacerdócio para entregar-se ao ensino. Veio para Londres e foi durante um ano hóspede do seu amigo o Dr. Speer, que de Douglas se tinha retirado. Enfim, no começo de 1871, obteve o cargo de professor de inglês da University College School e aí ficou até 1889.

Até 1872, William Stainton Moses nada conheceu do espiritismo. Se alguma coisa tinha ouvido, embora vagamente, sem dúvida tinha tido pressa em desacreditar essa nova superstição que arrebatava as ovelhas do seu rebanho.

Digo superstição, porquanto é sabido que os ministros de todas as religiões que separam a nossa pobre humanidade desacreditam com o nome de superstição grosseira tudo quanto não faz parte do seu próprio corpo doutrinário. Cada um deles se acredita um iluminado pelo sol da verdade. Logo, todos aqueles que não professam suas opiniões erram nas trevas da mentira.

Assim, pois, em 1872, a Senhora Speer, tendo estado enferma guardando leito durante três semanas, tinha lido o livro de Dale Owen, The Debatable Land. Esse livro interessou-a e ela pediu a Stainton Moses que o lesse também. Stainton leu-o, porém, unicamente para fazer a vontade à esposa do seu amigo. Todavia, ficou intrigado e quis saber o que havia de verdade em tudo aquilo. Foi procurar médiuns e levou o Dr. Speer. Ambos convenceram-se logo de que uma força desconhecida estava em jogo.

Era a época em que os fenômenos do espiritismo vinham ocupando muito a opinião nos Estados unidos e na Inglaterra, época em que de todas as partes pediam às sociedades científicas para acabarem de uma vez para sempre com essas fantasmagorias. Mas, coisa irritante, todas as comissões científicas que eram nomeadas e que partiam, persuadidas de que em uma sessão levantariam o véu que devia encobrir todos os truques, voltavam estupefatos para confirmar a realidade dos fenômenos. Era a época em que o fantasma materializado de Katie King apresentava-se e falava a numerosos espectadores vindos de todos os lugares. William Crookes pôde vê-la e fotografá-la tantas

vezes quantas quis. Indiferente à estupidez ambiente, publicou o que lhe parecia ser a verdade.

Assim esse homem, cujo talento tinha sido até então considerado como um dos mais lúcidos e dos melhores organizados que tinha produzido a humanidade, baixou muito no conceito dos seus contemporâneos. Mas o futuro o vingará, sem dúvida.

A família Speer e Stainton Moses puseram-se então a organizar sessões íntimas. Pouco tempo depois, Stainton Moses (94) revelou-se um médium de poder extraordinário.

(94) Para um registro da mediunidade de W. Stainton Moses o leitor deve consultar os artigos do Sr. F. W. H. Myers nos Proc. of S.P.R., vol. ix. p. 245, e vol. xi. p. 24.

Ora, nem ele nem ninguém tinha suspeitado essa mediunidade até então. Com o exercício, muitas outras mediunidades apareceram com a mesma presteza. Isto prova que existe, talvez, naqueles que dentre nós menos acreditam, faculdades preciosas para o estudo desses problemas inquietantes.

Os fenômenos físicos que se produziam em presença de Stainton Moses eram numerosos e variadíssimos. Distinguiram-se pelo menos dez espécies:

1º – Batimento de pancadas, tanto fracas como capazes de fazerem estremecer o aposento em que se realizava a sessão.

2º – Mensagens tiptológicas, isto é, obtidas por meio de batimentos de pancadas; essas mensagens eram às vezes muito longas.

3º – Claridades e luzes diversas; umas só eram visíveis para alguns assistentes, outras visíveis para todos; essas luzes atravessavam os corpos opacos, e, coisa estranha, podia-se segui-las com o olhar através desses corpos, como se fossem transparentes. Essas luzes não se irradiavam, isto é, não se difundiam, não dissipavam a obscuridade ambiente.

4º – Os perfumes mais sutis e delicados eram espalhados em profusão sobre as vestes e sobre a cabeça dos assistentes. Prova a objetividade desses perfumes o fato de muitas vezes ficarem derramados no assoalho, como também ter um dia a Senhora Speer recebido em um olho alguma porção de tais perfumes o que a fez sofrer bastante e por muito tempo.

5º – Os pretendidos comunicantes produziam sons musicais diversos e cada qual se anunciava por um som particular.

6º – A escrita direta, isto é, produzida sem a intervenção de qualquer mão visível, a lápis ou a plombagina que se movimenta sozinho sobre uma folha de papel, foi muitas vezes obtida.

7º – Os fenômenos de levitação eram freqüentes.

8º – Freqüentes eram também os exemplos de passagem de matéria através da matéria.

9º – Ouviam-se, às vezes, vozes materializadas, se assim posso exprimir-me, emanando diretamente do espírito, porém sempre fracas e indistintas.

10º – Stainton Moses, em transe, muitas vezes pronunciou discursos julgados como emanados de espíritos desencarnados. Sua voz mudava conforme cada novo comunicante.

Todos esses fenômenos físicos parecem ter sido autenticados. Todas as razões levam a acreditar que não houve absolutamente fraude. Frederic Myers expôs nos Proceedings of the Society for Psychical Research.

Lembrei esses fenômenos porquanto eles não podem ser devidos à subconsciência de Stainton Moses, e mesmo porque provam melhor que as comunicações nos são deixadas por uma intervenção exterior. A coleção dessas comunicações mais conhecida é um longo diálogo entre supostos espíritos desencarnados e Stainton Moses. Essas comunicações foram

publicadas sob o título Spirit Teachings. Esquecia-me de dizer que Stainton Moses também escrevia automaticamente, sem estar em estado de transe. O Spirit Teachings entre outras coisas foram obtidos do seguinte modo:

O médium ainda saturado de sua educação teológica, discute e argúi, e seus espíritos guias ou controles mostram-lhe o absurdo da maior parte de suas crenças. Mas os argumentos que estes apresentam nada têm para que uma sã razão não possa atinar com a própria razão. Sabemos que, quando a mediunidade se revelou em Stainton Moses, sua robusta fé de outrora começava a ser abalada pela dúvida. Se não se levasse em conta fenômenos mais avançados, ser-se-ia tentado, não sem razão, ver apenas nesses diálogos o resultado de um desdobramento de personalidade: de um lado a personalidade do cura defendendo palmo a palmo suas convicções, de outro lado a personalidade do homem junto que faz a si próprio objeções.

Os supostos espíritos guias de Stainton Moses formavam um grupo unido, obediente a um chefe que dava a si mesmo o título de Imperator. Eram seus subordinados os espíritos Rector, Doctor e Prudens. Naturalmente, pretendiam ser espíritos de homens que tinham vivido na terra; os nomes com que se apresentavam eram tomados conforme a circunstância. Seus verdadeiros nomes tinham sido revelados a Stainton Moses que os escreveu em um caderno de notas, recusando-se sempre a divulgá-los. Peço ao leitor para anotar essa minúcia que será importante agora mesmo.

Stainton Moses tinha um temperamento de apóstolo, mas nunca um temperamento de sábio. O conteúdo das mensagens o interessava muito mais que a origem delas mesmas. Antigo sacerdote, gostava mais de argumentar sobre um texto tenebroso que de acumular pacientemente fatos, precavendo-se de todos os

modos possíveis para evitar a fraude. Certo ele era escrupulosamente honesto; jamais uma mentira passou conscientemente pelos seus lábios; mas, seu temperamento tornava com razão suspeitas suas interpretações. Foi um dos primeiros componentes da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Entretanto, não lhe agradaram os primeiros métodos adotados pela Sociedade. Achava que as provas já eram superabundantes, e não via a utilidade de examinar-se tão meticulosamente o avultado número de pequenos fatos.

O filho do Dr. Speer, de quem Stainton Moses tinha sido professor, exalta sua justiça, sua modéstia e sua inesgotável caridade. Modesto, ele o foi e jamais sonhou envaidecer-se dos fenômenos miraculosos que se operavam em sua presença; jamais sonhou fazer de sua mediunidade uma coisa venal. Se divulgou comunicações, não publicou relatórios dos fenômenos. Foi Frederic Myers quem publicou os relatórios, segundo os cadernos de notas da família Speer e do próprio Stainton Moses. Essas anotações se combinam, embora tomadas separadamente e sem intenção de serem publicadas.

Afirma ainda o filho do Dr. Speer que Stainton Moses nunca recusou-se a discutir esses problemas e jamais desdenhou de um contraditor. Mas, por outro lado, Frederic Myers, que o conhecia bem, assegura-nos que ele suportava mal as contradições que depressa o irritavam. Realmente, o modo pelo qual Stainton Moses retirou-se da Sociedade deixa demonstrar que a razão está com Myers. Neste ponto o filho do Dr. Speer, talvez no seu reconhecimento ao antigo mestre, teria observado mal.

Eis agora por que julguei dever fazer este longo preâmbulo sobre Stainton Moses. Em uma sessão que se realizou em 19 de junho de 1895, o professor Newbold, conversando com George Pelham,

obtinha a enunciação de doutrinas que contradiziam as idéias pregadas por Stainton Moses no seu livro Spirit Teachings. O professor Newbold (95) perguntou então:

(95) Proc. of S.P.R., vol. xiv. p. 36.

– Conheceis Stainton Moses?

George Pelham: – Não, não bem. Por quê?

Newbold: – Soubesteis quem foi ele outrora e o que fez?

George Pelham: – Não; tenho apenas idéia de tê-lo encontrado aqui. Newbold: – E que vos disse ele?

George Pelham: – Nada de importante, simplesmente disse que era Stainton Moses. Fui a sua procura a pedido de E... (96 e de Hodgson.

(96) E... é um comunicante com o qual ele já teve discussão em uma sessão, narrada em um capítulo precedente.

Newbold: – Dissesteis a Hodgson? George Pelham: – Não.

Na sessão do dia seguinte o professor Newbold volta à carga:

– Podeis trazer-nos Stainton Moses? George Pelham: – De boa vontade o farei.

Newbold: É ele um espírito muito adiantado?

George Pelham: – Não, por certo que não. Necessita ainda de longas reflexões. Newbold: – Que quereis dizer?

George Pelham: – Vejamos! Esquecesteis o que acabo de vos expor? Newbold: – Sobre a necessidade para o espírito de arrepender-se para avançar? George Pelham: – Justamente.

Newbold: – Stainton Moses não era um homem de bem? George Pelham: – Sim, mas estava longe de ser perfeito. Newbold: – Não era um verdadeiro médium?

George Pelham: – Sim, era um verdadeiro médium e tinha muita “luz”; contudo cometeu muitos erros e enganou-se muitas vezes.

Phinuit, enviado em busca de Stainton Moses, trouxe-o em sua companhia. George Pelham pôs os consultantes em guarda contra a confusão e a incoerência das comunicações de Stainton Moses.

"Quando ele aparecer", disse George Pelham, "tratarei de despertá-lo." Newbold: – Que! Ele está dormindo?

George Pelham: – Oh! Billie (nome familiar de William), receio que você às vezes banque o estúpido! Não quero dizer um sono material como o vosso.

Newbold: – Nem eu tampouco.

George Pelham: – Bem. Nesse caso, meu velho amigo, não desperdiceis a "luz".

Newbold: – Não desejo desperdiçar "luz", mas serei forçado a procurar compreender o que quereis dizer.

George Pelham: – É também o que desejo.

Newbold: – Há três anos já que Stainton Moses está desencarnado. Quereis dizer que o seu espírito está perturbado e confuso?

George Pelham: – Não.

Newbold: – Quereis dizer que o fato de aproximar-se ele do médium fará o seu espírito mergulhar outra vez na perturbação e na confusão?

George Pelham: – Perfeitamente, e é a isto que faço alusão quando digo que procurarei despertá-lo.

Estas passagens explicativas seriam preciosas, se fosse indubitável que não se falou a uma segunda personalidade de Madame Piper.

Mais tarde ainda, George Pelham volta a tratar acerca da provável confusão de Stainton Moses e também sobre a necessidade de tomar certas cautelas para obter claras comunicações. Ele não se tinha enganado. Essas sessões em que

Stainton Moses era o suposto comunicante deviam ser arranjadas entre aqueles que julgam difícil a admissão da hipótese espírita. Todas as comunicações exatas que foram fornecidas achavam-se no pensamento dos assistentes. O resto era falso. Stainton Moses tinha um excelente meio de provar sua identidade. Dissemos que ele escrevera os nomes verdadeiros de seus antigos "guias" ou "controles" em um caderno de notas. Quando essas sessões se realizavam na América, Frederic Myers, na Inglaterra, compulsava esses cadernos para publicar o que julgasse conveniente. Ele conhecia aqueles nomes, mas era o único no mundo, creio, que os conhecia. Disseram a Stainton Moses: "Daí-nos os nomes de vossos guias; será uma soberba prova. Myers conhece-os todos, mas nós não os conhecemos. Enviaremos esses nomes a ele, e se houver concordância, não poderemos mais, com razão, duvidar de vossa identidade." O suposto Stainton Moses pareceu compreender perfeitamente o que lhe pediam. Deu os nomes, mas estes foram considerados inteiramente diversos.

Em outubro de 1896, o Dr. Hodgson fez compreender a George Pelham a necessidade de obter de Stainton Moses informações exatas e preciosas, a fim de resolver o problema que parecia interessar tanto a George Pelham como a si mesmo. Stainton Moses alegou então que ia pedir o auxílio de seus antigos guias. Estes fizeram comunicações diretas repetidas vezes, em novembro e dezembro de 1896 e em janeiro de 1897, mas pediram depois que a "luz" do médium fosse posta à sua exclusiva disposição. Imperator fez ver que essas experiências inconsideradas, feitas por comunicantes, com toda sorte de espíritos mais ou menos evoluídos e mais ou menos perturbados, fizeram de Madame Piper, na qualidade de médium, uma "máquina" usada, incapaz de servir com utilidade.

Imperator e seus auxiliares poderiam torná-la em condições, com o tempo, mas precisariam que lhe dessem o direito de afastar dela todos os comunicantes que julgassem suscetíveis de a comprometerem de novo. O Dr. Hodgson fez compreender a Madame Piper, quando ela voltou ao seu estado normal, a importância que haveria em atender a essa exigência. Madame Piper, sempre dócil, consentiu. A última aparição de Phinuit deu-se em 26 de janeiro de 1897. Talvez Phinuit dissesse: "Criticam-me muito, não querem compreender que já fiz tudo quanto posso; mas, quando a voz do Dr. Phinuit não se fizer mais ouvir, lamentar-me-ão." Não! Não o lamentarão! Que os guias de Imperator – Rector, Doctor e Prudens sejam o que quiserem, depois que, do outro lado, eles dirigem comunicações que adquiriram coerência, clareza e exatidão desconhecidas anteriormente; agora o erro é raro e a fraude evidente desconhecida. Por outro lado a entrada em transe mudou de aspecto. Antes madame Piper parecia debater- se mais ou menos penosamente; tinha violentas contorções e movimentos espasmódicos; hoje entra em transe suavemente, como se adormecesse.

Se, verdadeiramente, Madame Piper em transe não é apenas um autômato, uma "máquina" da qual se servem para comunicações entre dois mundos, é evidente, tanto de um lado como de outro, que há interesse em que haja homens honestos e experimentados. A Phinuit não faltava, talvez, experiência, mas seguramente faltava honestidade. Também pode ser que ele não avaliasse bem o grau máximo da importância que a verdade tem nesses assuntos. Ele não mentia por prazer de mentir, mas não hesitava em sair-se de um embaraço com uma mentira.

O que é a nova fase da mediunidade de Madame Piper, o relatório do professor Hyslop, que vou sumariamente analisar, vos dará a conhecer. Os resultados são belos já. Contudo, Imperator acha que a “máquina” ainda está em reparação e que se obterá mais tarde resultados mais surpreendentes ainda.

Capítulo XIII

O professor Hyslop e os jornalistas. – As supostas "declarações" de Madame Piper. (97) – Precauções tomadas pelo professor Hyslop durante suas experiências. – Aspecto Atual das sessões.

O último relatório (98) que temos sobre os fenômenos que acompanham o transe de Madame Piper é o do professor James Harvey Hyslop, lente da Universidade de Columbia, Nova York. Esse trabalho apareceu em novembro último, contendo as atas das sessões, as anotações, os comentários dos consultantes, a discussão das hipóteses, a exposição das experiências feitas na Universidade para esclarecer certos pontos, apresenta 650 páginas de um texto muito unido e compacto. Não se refere, entretanto, a mais do que dezesseis sessões, a primeira das quais foi realizada em 23 de dezembro de 1898. Mas o menor incidente, como o maior argumento, tudo está escrupulosamente pesado. Enfim, é um trabalho de vulto.

(97) Ver também o post scrptum, no fim do volume.

(98) O relatório do Professor Hyslop consta nos Proc. of S.P.R., vol. xvi.

O professor James Hyslop é um espírito absolutamente sincero e de grande lucidez. Tem-se prazer de acompanhá-lo no meio daquela abundância de casos e de argumentos. Tudo está meticulosamente classificado e uma elevada inteligência ilumina o todo. É com justiça que o professor Hyslop ocupa nos Estados unidos um lugar eminente entre os trabalhadores intelectuais. Fora do seu curso, faz conferências numerosas, cujas reuniões são muito freqüentadas.

O relatório que ele acaba de publicar já era esperado há muito tempo. Homem em evidência, ocupando-se há vários anos em investigações psíquicas, despertou a atenção dos jornalistas ávidos de sensacionalismo do outro Aldo do Atlântico que não tardaram em saber que ele tinha feito experiências pessoais com Madame Piper. Entrevistaram-no. Ele, porém, limitou-se a aconselhar aos repórteres o estudo dos relatórios anteriormente publicados a respeito. Mas os repórteres não podem contentar- se assim; têm que satisfazer a um padrão exigente – o público – que tudo quer saber, que suspenderia tudo simplesmente para comprar e ler a folha mais verdadeira. Se o repórter disser no seu jornal – "empreguei todos os meus esforços para informar-vos sobre este ponto, mas não consegui ser bem sucedido" – o público não quer saber dessa honestidade; mas, se lhe impingem uma mentira, ele não se aborrece. Primeiro, porque no momento ignora que é uma mentira. Depois, porque quando descobre o engodo, outros assuntos o preocupam mais. Por conseguinte, como precisam viver, os jornalistas são ás vezes forçados a mentir. Os repórteres então atribuíram ao professor Hyslop estas palavras sensacionais: "Um ano antes consegui demonstrar cientificamente a imortalidade da alma." Estas palavras foram reproduzidas pela maioria dos jornais americanos e por bom número de jornais ingleses. Por seu turno, as publicações especiais na França as exaltaram. Depois disso, compreende-se com que impaciência os homens que se ocupavam com os estudos psíquicos esperaram esse relatório. Estão eles iludidos? Não. O professor Hyslop é bastante modesto para ter pretensões tão desmedidas; ele sabe muito bem que o grande problema não será resolvido assim de um golpe, nem por um só homem.

“Eu nada consegui demonstrar cientificamente, nem mesmo os casos que apresento.”

Eis uma frase que não se assemelha, absolutamente, à declaração que lhe prestaram. Mas se ele não demonstrou cientificamente a imortalidade da alma, se ele não expôs definitivamente o problema, abreviou-lhe a solução e lançou viva luz sobre mais de um ponto obscuro. Em todo o caso, os jornalistas sem quererem, talvez, fizeram-lhe uma estrondosa reclame.

A propósito devo contar um outro caso recentíssimo que nos interessa bastante, porquanto se trata desta vez de Madame Piper.

Um redator do New-York Herald foi entrevistá-la e, em seguida, escreveu um artigo que pomposamente intitulou – “Declarações de Madame Eleonore Piper”. O texto integral desse artigo não foi reproduzido pelos jornais europeus, mas o Daily Telegraph, a Westminster Gazette, o New York Herald de Paris e alguns outros jornais ingleses o publicaram em resumo que foi telegrafado da América. Não tenho sob minhas vistas o texto inglês desse resumo, mas sirvo-me da maior parte da tradução de Cesar Vesme que o publicou no número de novembro de 1901, da sua revista Etudes Psychiques. Cesar de Vesme é um literato de valor e não alterou nem a forma, nem o sentido daquele artigo.

Depois de haver revelado que ia retirar-se da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, Madame Piper prossegue: “Para dizer a verdade, eu nunca fui espírita; não creio mesmo que os espíritos tenham falado pela minha boca durante o meu estado de transe. Meu estado hipnótico foi examinado por sábios em Boston e em Cambridge e também pela Sociedade Inglesa de Pesquisas Psíquicas, quando essa entidade me fez vir à Inglaterra para estudar-me.”

“Não sou espírita e considero ter sido unicamente um autômato. Muitos casos curiosos se passam nas minhas sessões promovidas pela Sociedade. Esta entrou em relações comigo da maneira mais simples. Eu vivia em Boston como criada de servir. Um dia, em conversa com a criada do professor William James, da Universidade de Harvard, disse que costumava cair em sonos muito esquisitos nos quais eu dizia mil coisas estranhas.”

“O professor James manifestou imediatamente desejo de me apresentar à Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Foi assim que começou meu trabalho. Primeiro, quando me sentava em uma cadeira e deixava tombar minha cabeça para trás, eu entrava logo em transe. Isto, porém, não se fazia sem uma certa luta. Dizia então coisas sem nexo e pronunciava frases destacadas em francês. É preciso dizer que eu já havia estudado esse idioma durante dois anos. Fui uma das primeiras pessoas examinadas pela Sociedade. Passados tempos, um homem de letras falecido, que nos relatórios da Sociedade é chamado pelo nome de Pelham, incorporou-se em mim. Vários de seus amigos asseguram que ele lhes falava servindo-se da minha voz ou da minha escrita automática, enquanto eu permanecia em transe.”

“Eu nunca sabia o que dizia durante o meu estado hipnótico que não pudesse estar latente em minha memória ou na de quem dirigia a sessão, ou ainda, na memória de quem procurava comunicar-se por meu intermédio com o Além, ou na memória de não importa quem dos assistentes, enfim, na memória de qualquer pessoa vivendo em qualquer parte do mundo.”

O senhor Vesme continua esse texto de comentários tão mordazes quanto sensatos e o fato é que ele a tal se presta singularmente.

Em primeiro lugar, é mesmo verdade que Madame Piper tenha manifestado a intenção de retirar-se da Sociedade de Pesquisas Psíquicas?

Isso surpreende-me muito porque Madame Piper jamais pertenceu àquela sociedade a não ser como "objeto" de experiência.

Teria ela querido dizer que para o futuro não se prestaria mais a esse papel de "objeto"?

Teria ela dito também, parece, que era sua intenção não realizar mais sessões com ninguém. Mas o Dr. Hodgson a quem os mesmos jornalistas expuseram o resultado da entrevista com Madame Piper, respondeu que não acreditava nisso absolutamente.

Entretanto ele está bem preparado para dar informações. Se algum mal entendido aparecesse, como o Dr. Hodgson poderia ignorar?

Em segundo lugar há naquele trecho um tonsinho desdenhoso para ela própria que o repórter generosamente deve ter-lhe emprestado. Não se observa em Madame Piper, tão loquaz assim, aquela modéstia que lhe atribuem.

Há também naquele trecho afirmações que provariam uma estranha falta de memória em Madame Piper. Tal é o modo por que ela é julgada ao referir-se ao início de suas relações com o professor William James. Não há alteração positiva da verdade, entretanto não é totalmente assim que as coisas se passaram. O leitor deve lembrar-se do que eu disse a respeito dessas primeiras relações, segundo o próprio professor William James.

Uma coisa demonstra a profunda ignorância do redator em questão, no que concerne a estudos psíquicos. Para servir-me dos termos do Senhor Vesme, "imaginou- se que a passagem em que Madame Piper declarava não ser espírita constituía uma espécie

de desastre para os espíritas em geral e para a Sociedade de Pesquisas Psíquicas em particular.” Mas quando um médium se declara espírita, muitos investigadores o têm logo por suspeito. Se Madame Piper não o é, tanto melhor; assim têm menos razões para supor que ela emprestasse à literatura espírita aquelas idéias emitidas em transe com um cunho filosófico.

Madame Piper declara ainda, sempre segundo o mesmo repórter, que durante o transe ela não é mais que um autômato. Certo queríamos acreditá-la; quando não, os fenômenos que ela apresenta não mereceriam qualquer atenção. O primeiro cuidado de todos os observadores têm sido o de verificar a autenticidade do transe. Foram eles os primeiros que pronunciaram essa palavra “autômato”. Quanto aos guias, servem-se de um termo que tem um sentido ainda mais preciso: eles dizem “aparelho”.

Finalmente, Madame Piper prefere a hipótese da telepatia. Está no seu direito. Numerosos são os membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas que ainda preferem essa mesma hipótese, embora ela nos conduza talvez ainda mais longe que a hipótese espírita. Mas para a escolha entre as hipóteses, a opinião de Madame Piper não vale mais que a do primeiro que chega, porquanto ela própria confessa que durante o transe não é mais que um autômato porque confirmou que só conhece as comunicações que pôde ler nos relatórios publicados. Ela não está melhor colocada que vós ou eu para ter uma opinião sobre essas comunicações e seguramente está em piores condições que o Dr. Hodgson e os professores James e Hyslop, porque não tem a educação científica e a cultura desses observadores.

Portanto nada resta desse artigo por meio do qual alguns supuseram levianamente desacreditar a Sociedade de Pesquisas

Psíquicas. O jornalista em questão fez, sem o querer sem dúvida, uma enorme propaganda dessa Sociedade.

Se Madame Piper nos tivesse dito como durante quinze anos conseguiu dissimular um transe tão perfeito que os homens mais competentes da América e da Inglaterra se enganaram; se depois ela tivesse adquirido ou tomado de nós essa quantidade enorme de informações exatas que forneceu a tantos consultantes desconhecidos seus; então, na verdade, Madame Piper teria feito declarações interessantes. Não teria deixado de ser um fenômeno digno de ser estudado, mas teria sido um fenômeno de outro gênero.

Tenho para mim que as palavras de Madame Piper foram mal interpretadas ou então mister se faz supor estar ela despeitada por motivos desconhecidos. Mas não se divulga ciência com narrativas nem com palavras de mulher despeitada. O sábio recebe uma pessoa, cerca-se de todas as precauções possíveis para evitar a simulação e a fraude. É ao sábio que cumpre julgar qualquer coisa que a pessoa possa pretender depois.

Mas se Madame Piper, por hipótese, dava lugar a testemunhos mais convincentes, se possível, que o do professor Hyslop, quem lhe atribuía outras declarações mais tendenciosas, não deveria admirar-se. Se as teorias espíritas estivessem cientificamente provadas, isto confundiria muita gente.

Também não faltará quem retarde a difusão da verdade, lançando em torno dos cientistas a suspeita; caluniai, e da verdade sempre alguma coisa ficará.

Peço perdão ao leitor por esta digressão um tanto longa, porém ela não me pareceu inútil. Voltemos agora ao relatório do professor Hyslop.

O professor Hyslop somente participou à sua esposa e ao Dr. Hodgson a intenção que tinha de realizar sessões com Madame Piper. Foram fixados os dias não com Madame Piper no seu estado normal, mas no estado de transe com Imperator, o chefe dos seus guias no momento. Não esqueçamos que Madame Piper não tem qualquer lembrança do que se passa durante o transe. O nome do professor Hyslop não foi fornecido a Imperator; o Dr. Hodgson o apresentou como "o amigo das quatro sessões", pois o professor Hyslop tinha primeiramente pedido para realizar quatro sessões. Penso que essa vaga designação não é o que se possa qualificar como um pseudônimo transparente.

O professor Hyslop havia assistido outrora a uma sessão de Madame Piper, e o seu nome tinha sido pronunciado. Posto que não houvesse nada de verossimilhança para que ela o reconhecesse, porquanto naquela ocasião ele não usava barba como agora e já havia seis anos que o fato se passara, o professor Hyslop ainda utilizou-se de uma máscara que foi adaptada ao seu rosto em um carro fechado e a grande distância da residência de Madame Piper. Durante as duas primeiras sessões ele conservou essa máscara; esta precaução foi inútil depois, porque o nome de seu pai fora pronunciado no fim da segunda reunião.

O Dr. Hodgson apresentou o professor Hyslop sob o nome de Dr. Smith, nome que, aliás, é emprestado a todos os novos consulantes. Hyslop jamais falou diante de madame Piper no seu estado normal, salvo duas vezes para pronunciar curtas frases e ainda assim com o cuidado de modificar quanto possível o som da sua voz. Durante todas as sessões evitou qualquer contato com o médium. Os fatos narrados pelos comunicantes foram, na sua maioria, obtidos sem perguntas prévias. Quando o professor Hyslop se dispunha a fazer uma pergunta, tinha o cuidado de a

formular de tal modo que a resposta não estivesse contida na própria pergunta. Para evitar que, durante as sessões, Madame Piper pudesse vê-lo, colocava-se sempre por trás do seu ombro direito, posição que, de resto, lhe era mais cômoda para ler o que ela escrevia. Se os leitores estiverem lembrados que durante o transe Madame Piper fica com a cabeça enterrada nas almofadas, acharão supérflua essa precaução.

Assim como já disse no capítulo precedente, Phinuit não se apresenta mais. Eis agora, segundo parece, o que se passa do "outro lado".

Rector toma o "aparelho" e é ele quem transmite a escrita automática. Esse Rector parece ter grande experiência desses fenômenos. O comunicante vem até Rector e ele fala tal qual falam os outros espíritos. Imperator fica fora do "aparelho" e evita a aproximação de todos os que seriam suscetíveis de perturbá-lo ou que nada têm a ver com o comunicante. Por outro lado, antes de permitir a um comunicante tomar o "aparelho", dá-lhe conselhos sobre o que deve fazer e ajuda-lhe a emitir com clareza seus pensamentos.

Os dois outros auxiliares de Imperator, Doctor e Prudens, aparecem raramente.

Às vezes aparece também George Pelham, quando são necessários os seus serviços.

Durante as dezesseis sessões realizadas pelo professor Hyslop, os comunicantes foram em pequeno número. Estes foram sempre Robert Hyslop, que deu as comunicações mais importantes; seu tio o senhor Carruthers; seu sobrinho Robert Harvey Mac Clellan; seu irmão Charles, falecido em 1864, com a idade de quatro anos e meio; sua irmã Annie, morta também em 1864, com a idade de

três anos; seu tio James Mac Clellan e, finalmente um outro Mac Clellan, cujo primeiro nome era John.

Robert Hyslop, o pai do professor Hyslop, é o comunicante que ocupa a maior parte do tempo nas sessões. Contudo ele não pode permanecer muito tempo no "aparelho"; queixa-se logo de ficar com as idéias perturbadas, de sentir-se sufocado ou de sentir-se fraco. Ele diz, por exemplo: "Sinto-me cair de fraqueza, James. Vou retirar- me por um instante, atende-me." É durante essas ausências de Robert Hyslop que Imperator manda outro membro da família tomar o seu lugar, para que não haja desperdício de clarividência. Portanto, com razão, poderia parecer que essa fraqueza de que se queixam os espíritos é apenas uma sensação que eles experimentam quando estão depois de certo tempo em contato com o "aparelho". Nesse caso, eles se assemelham, diz Imperator, a um enfermo que delira. Assim se explicam as surpreendentes palavras de George Pelham a que nos temos referido. "Não é necessário perguntar justamente o que nos falta – a força." – mas é indispensável dizer que os comunicantes de outrora não se explicavam suficientemente com relação a essa fraqueza. Em geral eles não tinham a intuição de retirar-se quando a sentiam.

Finalmente, o Dr. Hodgson, tendo diversas vezes notado esse estado de semi-delírio dos comunicantes no fim das sessões, pois que a "clarividência" começa a faltar, pôde sugerir aos pretensos comunicantes atuais a idéia de se retirarem quando se sentirem enfraquecer.

A possibilidade dessa sugestão é interessante para os que pensam que a telepatia é a melhor hipótese.

Capítulo XIV

Comunicações de Robert Hyslop. – Particularidades de expressão. – Casos diversos.

Lendo-se atentamente o relatório do professor Hyslop, examinando-se com ele os menores fatos, discutindo-se os argumentos pró e contra, não se fica admirado de que ele tenha acabado por inclinar-se à hipótese espírita; em outros termos, não se fica admirado de que, mal grado suas prevenções anteriores, ele acabe por exclamar: "É meu pai, são meus irmãos, meus tios, com os quais eu conversei! Algumas faculdades sobrenaturais que se atribuem às personalidades secundárias de Madame Piper dificilmente me farão crer que essas personalidades tenham podido reconstituir tão completamente a personalidade moral de meus parentes falecidos. Admiti-las levar-me- ia muito longe, ao inverossímil. Prefiro acreditar que foram a meus parentes mesmos a quem falei; é mais lógico."

Eis as conclusões a que chegou o professor Hyslop e a que conclusões ele leva, contra sua vontade, o leitor. Não tenho a pretensão, é claro, de conduzir os que me lêem tão longe em uma experiência tão rápida como esta. Aqui, como no caso George Pelham, os fatos que citarei são exemplos tomados entre outros tantos fatos. Assim mesmo, passando por eles, talvez que eu esqueça algum detalhe importante. Se a minúcia esquecida deixar a porta aberta a qualquer objeção capital, o leitor não deverá acusar senão a mim mesmo e deverá reportar-se ao próprio livro do professor Hyslop. (99) De resto, se o meu modesto trabalho

demonstra a necessidade de traduzir para o francês esta obra e outras obras semelhantes, isto basta-me e considerar-me-ei como completamente pago do meu esforço.

(99) Proc. of S.P.R., vol. xvi. No que se segue não há tentativa de fornecer as palavras reais dos comunicadores do professor Hyslop. Trans.

O pai do professor Hyslop, Robert Hyslop, era um homem reservado na mais estrita acepção do vocábulo; jamais fez o que quer que fosse que pudesse chamar sobre ele a atenção pública, jamais escreveu em jornais e nunca ou quase nunca residiu nas cidades. Nasceu em 1821 e viveu na sua fazenda em Ohio, até 1889, ano em que se passou para um Estado vizinho. Em agosto de 1896 voltou à sua antiga fazenda, enfermo, com uma espécie de câncer na laringe, fazenda que pertencia então a seu genro James Carruthers, e morreu em 29 do mesmo mês. Em 1860, em seguida a um esforço físico, contraiu uma afecção na medula que degenerou alguns anos depois em uma ataxia locomotora. Pouco a pouco foi ficando incapaz de servir-se de uma das pernas e teve necessidade de andar com uma muleta. Melhorou depois, mas nunca mais pôde andar sem o auxílio de uma bengala. Em 1876 teve um ligeiro ataque de apoplexia que o deixou surdo completamente de um ouvido e ouvindo pouco do outro. Três anos antes da sua morte teve ainda a infelicidade de perder a voz, provavelmente em conseqüência de uma paralisia da laringe. Um ano antes de morrer, uma nova aflição veio juntar-se a todas as outras; apareceu-lhe um catarro que devia ser resultante de um câncer na laringe; esse mal ocasionava-lhe freqüentes espasmos, durante os quais se tinha a impressão de vê-lo expirar.

Enfim, durante trinta e cinco anos, pelo menos, o senhor Robert Hyslop esteve enfermo. Por força das circunstâncias sua vida se passava em casa e, quando não, em sua fazenda. Essa vida foi e devia ser sem acontecimentos capazes de atrair a atenção de um

estranho. Não havia pois, absolutamente, possibilidade para o médium de obter informações a seu respeito pelas vias normais. Mas quando um homem que viveu obscuro como o senhor Robert Hyslop voltou do Além para estabelecer a sua identidade, citando uma multidão de pequenos fatos, muito insignificantes e sem importância para terem sido anotados por outras pessoas, que não as de sua intimidade, esse homem fornece-nos uma presunção bem mais forte em favor da sobrevivência, o que não poderia fazê-lo uma personagem que tivesse tido uma vida pública.

Ainda mesmo quando este último não anotasse senão os fatos de sua vida privada, seria sempre menos provável que o médium pudesse obter as informações. Durante quase toda a sua vida, principalmente durante os últimos vinte anos, os pensamentos do senhor Hyslop giraram sobre um pequeno número de negócios; sua solicitude para com os seus, a administração de sua fazenda, que lhe dava muitas inquietações, o cumprimento de seus deveres religiosos, aos quais nunca faltava e, enfim, os acontecimentos políticos que muito o interessavam, porque, pela força das circunstâncias, tinham repercussão sobre os seus negócios particulares. A maior parte dos fatos que citarei reportar-se-ão, pois, às quatro espécies das preocupações mencionadas. Mas antes convém expor um ponto que caracteriza o indivíduo de modo tão claro como os traços fisionômicos. Quero referir-me à linguagem particular e suas expressões familiares. Cada um de nós se exprime de uma maneira pessoal, em dada circunstância. Quando Buffon disse “o estilo é o homem”, expressou uma verdade absoluta. Quando qualquer um de nós fala ao telefone, sem dizer quem é, dizemos sem sombra de hesitação: “É fulano, reconheci-o por sua maneira de expressar-se. Essa individualidade de expressão existe em todo o mundo, repito;

todavia ela é menos acentuada nos homens instruídos. Mas os homens menos cultos, principalmente quando envelhecem, servem-se de locuções estereotipadas, de uma linguagem quase que exclusivamente composta de aforismos e de provérbios. Se o senhor Robert Hyslop não está de todo entre esses últimos, não obstante, afirma-nos o seu filho, era certo que ele se servia de expressões muito particulares e sempre as mesmas em casos semelhantes, sendo que algumas dessas locuções lhe eram mesmo inteiramente pessoais.

Ora, quando ele se comunica por intermédio de Madame Piper, serve-se da mesma linguagem que usava em vida. A todo momento o professor Hyslop tem ocasião de observar: "Esta expressão é com efeito de meu pai; se fosse vivo, em idêntica circunstância, ele não se exprimia de outra forma." Há também uma passagem nas comunicações, igualmente característica sob esse ponto de vista, passagem que poderia sugerir quase a idéia de fraude. Reproduzirei uma dessas passagens. (100) É quando o senhor Robert Hyslop se dirige a seu filho James, empregando quase que exclusivamente locuções familiares. São os mesmos conselhos dados cem vezes durante a sua vida, exatamente nos mesmos termos. É evidente que existem ali matizes que escapam a qualquer tradução; entretanto, procurarei dar, pelo menos, o sentido de alguns desses conselhos: "Fica calmo, não te faças impaciente, em qualquer circunstância, é o que sempre te aconselho. Se te impacientares, nada adiantarás. Tu não és dos mais fortes e a saúde te é importante. Trata de ser alegre e de colocar-te na tua disposição de ânimo. Lembra-te que nada adianta irritares-te e que a vida no mundo em que vives é muito curta para a gastares com tormentos. Quando não conseguires o que desejas, sabe privar-te dos teus desejos, sabe privar-te, ainda

que com sacrifício da tua saúde, mas não te atormentes e, sobretudo, não te impacientes comigo. Tens sido sempre filho dedicado e jamais tive de lamentar-me de ti, a não ser a propósito do teu temperamento irrequieto, mas isto eu procurarei remediar."

(100) Proc. of S.P.R., vol. xvi. p. 40.

Quando um pai vos deu esses conselhos centenas de vezes durante a sua vida, e quando depois de sua morte ele os repete nos mesmos termos por intermédio de um médium, é certo que se deve ter dificuldade em dizer-se: "Não, não é ele, não é meu pai."

Eu quisera contar ao leitor o maior número possível desses pequenos casos que atraem quase contra nossa vontade a nossa convicção. Mas como fazer sem os cercar dos indispensáveis comentários que fazem ressaltar toda a sua importância?

O senhor Robert Hyslop tinha um velho cavalo chamado Tom, que havia muito tempo servia fielmente a seu dono. Chegado pela idade à incapacidade de trabalhar, o senhor Robert não quis mandar sacrificar seu velho servidor. Fê-lo seu pensionista, por assim dizer, e resolveu deixá-lo morrer de velhice, na fazenda. Em uma sessão ele perguntou: "Onde está Tom?" – e como James Hyslop não percebia bem de que Tom (101) se tratava, o comunicante prosseguiu: "Tom, o meu velho cavalo, que vem a ser dele?"

(101) Tom, abreviação de Tomas, é um nome muito comum. Esse nome é raramente dado a animais.

Noutro tempo o senhor Robert Hyslop escrevia com penas de ganso, que ele próprio preparava. Muitas vezes as preparava também para seu filho. Pois bem, em uma sessão ele rememorou essa particularidade das penas de ganso.

Muito calvo, ele se queixava de sentir frio na cabeça, durante a noite. Sua esposa fez-lhe um barrete preto que foi usado muito

poucas vezes. Em uma outra sessão ele falou nesse barrete. James Hyslop que estava ausente de casa havia muito tempo, jamais tivera conhecimento desse barrete, porém escreveu à sua madrasta (102) que lhe confirmou a exatidão dessas minúcias.

(102) O Senhor Robert Hyslop foi casado duas vezes. James Hyslop era filho do primeiro matrimônio.

Em outra sessão, o comunicante Robert Hyslop disse que sobre sua secretária havia habitualmente dois frascos, um roliço e um facetado. O professor Hyslop ignorava essa particularidade, como a precedente. Interrogada sua madrasta, esta precisou fazer um esforço de memória para lembrar-se; entretanto seu irmão se lembrou logo; o frasco roliço continha tinta e o facetado uma mucilagem.

Outra vez Robert Hyslop perguntou: – "Lembras-te do canivete com que eu aparava as minhas unhas?" – "Não, pai". – "O canivetinho de cabo preto que eu usava primeiro no bolso do colete e que depois passei a usar no bolso do paletó, não te lembras?" – "Não foi antes de partires para o oeste?" – "Sim".

O professor Hyslop ignorava a existência desse canivete. Escreveu separadamente à sua madrasta, a seu irmão e á sua irmã, perguntando-lhes se era exato que seu pai possuíra algum canivete com cabo preto com o qual aparava as unhas, sem dizer-lhes para que precisava dessa informação. Todos os três responderam que sim e que o mesmo ainda existia. Unicamente parecia que Robert Hyslop não usava o canivete nem no bolso do colete nem no do paletó, mas no bolso da calça.

Esses pequenos casos bastam como exemplos. Passarei a outros mais importantes.

O senhor Robert Hyslop tinha um filho que lhe havia causado muitas preocupações durante toda a sua vida. Muitas vezes ele fizera ciente seu filho James dessas preocupações; morreu

levando-as para o túmulo. Pois bem; a todo instante, nas sessões, ele fala nisso exatamente como durante sua vida: “Lembras-te, James, de que muitas vezes falamos juntos de teu irmão e dos desgostos que nos causou? Não te zangues a esse respeito. Tudo irá bem para o futuro, e se eu souber que não te aborreces mais, ficarei satisfeito também.”

Robert Hyslop recorda-se de todos os membros de sua família; lembra-se de todos e dá a cada qual o seu nome, salvo dois curiosíssimos enganos dos quais voltarei a falar. Faz alusão a incidentes da vida e a traços de caráter de cada um deles. Envia a todos a expressão de seu afeto: “Não me esqueci de ninguém, James, meu filho” – diz ele. – “Não desejaria esquecer quem quer que fosse.” Também procura informar-se especialmente de sua última filha Henriette; quer saber se ela se saiu bem nos exames, e manifesta alegria quando sabe que o futuro, em suma, sorri à filhinha.

O senhor Robert Hyslop era um calvinista ortodoxo; pertencia à pequena seita extremamente rígida dos Presbiterianos Associados que, em 1858, recusaram juntar-se à Igreja Unida. Era uma espécie de fanático, intransigente ao último grão, em matéria religiosa. Quando mandou dar instrução a seu filho James, acariciava a idéia de que ele se fizesse ministro. Contudo jamais tentou fazer pressão sobre o seu espírito. Mas, quando viu que esse filho predileto tombava para o livre-pensamento, ficou extremamente aflito. Pouco a pouco entretanto, tirou partido disso. Compreende-se, depois disso, que as preocupações religiosas estivessem no primeiro plano da mentalidade desse homem. Ele falava de religião com os seus; lia o texto da Bíblia e o de numerosos comentários; às vezes, quando um templo de sua seita ficava situado muito distante do lugar em que morava, antes

de permitir que sua família fosse a outro templo de seita menos ortodoxa, fazia ele próprio a predica, em casa. Portanto, se durante as sessões ele não tivesse feito numerosas alusões aos incidentes de sua vida religiosa de outrora, teria sido possível duvidar seriamente da sua identidade. Mas tal não é o caso. A todo momento se encontra uma nova alusão às suas antigas idéias religiosas. Em uma das primeiras sessões, por exemplo, ele disse: "Recordas-te, James, do que eu pensava a respeito da vida futura? Muito bem! Afinal eu não tinha razão. Eu acreditava que devíamos ter uma noção relativa da vida após a morte; tu, tu duvidavas. Tinhas idéias tuas que não eram para contigo." "Esta última frase como ele dizia em vida" – 'tens idéias tuas, que não são para contigo' – observa o professor Hyslop – "tinha-me sido repetida muitas vezes por meu pai, em vida. Ele queria dizer com aquilo que eu era o único de seus filhos inclinado para o livre pensamento, e isto era verdade." As antigas idéias religiosas de Robert Hyslop motivaram um incidente curioso. Um dia, o Dr. Hodgson disse-lhe: "Senhor Hyslop, devíeis procurar meu pai e fazerdes com ele conhecimento. Meu pai tinha na terra idéias religiosas idênticas às vossas. Creio que vos devíeis entender muito bem e isto me daria prazer." Na sessão seguinte o comunicante disse ao Dr. Hodgson: "Encontrei vosso pai; conversamos e sentimo-nos muito satisfeitos. Mas em vida ele não era absolutamente ortodoxo." Com efeito, o pai do Dr. Hodgson era Wesleyen, isto é, pertencia a uma seita extremamente liberal. Depois Robert Hyslop acrescenta: "Aqui a ortodoxia não tem grande importância; se eu soubesse teria modificado o meu modo de pensar em muitos pontos." Em outra sessão, disse a seu filho, fazendo alusão à hipótese da telepatia, que ele chamava a teoria do pensamento: "Deixa de lado essa teoria do pensamento. Eu

construí teorias durante toda a minha vida; que ganhei com isso? Com isso só consegui encher o meu espírito de sutilezas e de dúvidas.”

Finalmente parece que o senhor Robert Hyslop, que em vida foi um rígido calvinista, modificou profundamente o seu modo de ver, depois que desencarnou.

Na última visita que o professor Hyslop fez a seu pai, em janeiro ou fevereiro de 1895, uma longa conversação estabeleceu-se entre eles sobre assuntos filosóficos e religiosos. O professor Hyslop falou a respeito de suas pesquisas psíquicas. Discutiu-se longamente sobre a possibilidade das comunicações entre os dois mundos; discutiu-se Swedenborg e suas obras. Durante as sessões, Robert Hyslop reporta-se constantemente àquela conversação que lhe tinha produzido uma profunda impressão, muito mais profunda do que se poderia esperar, dadas as suas idéias religiosas. Recorda, um após outro, os principais pontos que foram discutidos entre ele e seu filho. Ele diz ainda: “Deve lembrar-te que te prometi voltar a tua presença depois que abandonasse meu corpo. Desde esse dia não cessei de procurar essa ocasião.” Mas, a promessa não tinha sido feita assim explicitamente. James Hyslop tinha escrito a seu pai quando este estava em seu leito de morte: “Meu pai, quando se consumar a vontade de Deus, tu te esforçarás para voltar a mim.”

A partir desse momento Robert Hyslop devia ter tomado a resolução de voltar se fosse possível e era de acreditar que ele tivesse participado a seu filho essa resolução, o que não se deu.

Quando vivia em Ohio, o senhor Hyslop tinha por vizinho um certo senhor Samuel Cooper. Os cães deste último mataram, um dia, vários carneiros pertencentes a Robert. Esse fato motivou uma rixa que durou muitos anos. Em uma sessão em que o Dr.

Hodgson substituía o professor Hyslop, aquele fez uma pergunta que o professor Hyslop lhe tinha enviado por escrito. Com essa pergunta o professor esperava chamar a atenção de seu pai sobre os incidentes de sua vida durante o tempo em que ele esteve em Ohio. A pergunta era esta: "Lembras-te de Samuel Cooper e podes dizer-nos alguma coisa a seu respeito?" O comunicante respondeu: "James quer referir-se ao velho amigo que eu tinha no Oeste. Lembro-me muito bem das visitas que fazíamos um ao outro e das longas conversações que tínhamos sobre assuntos filosóficos." Em outra sessão em que o Dr. Hodgson ainda estava substituindo o professor Hyslop, Robert voltou sobre o assunto: "Eu tinha um amigo de nome Cooper cujo espírito tinha um ar muito filosófico e por quem eu nutria grande respeito. Tivemos grandes discussões amigáveis, trocávamos cartas muitas das quais guardei e que podem ser vistas." Outro dia, estando presente o professor Hyslop, o comunicante disse ainda: "Procuro lembrar-me da escola de Cooper." No dia seguinte, voltou ao assunto: "Tu me pediste, James, para eu dizer o que sabia de Cooper. Pensaste que ele não era meu amigo? Guardei várias de suas cartas e penso que as tem em teu poder." Com toda essa explicação o professor não encontrava traço de Samuel. Não sabia o que pensar. Fez então uma pergunta direta para levar seu pai a idéia que tinha no pensamento: "Eu queria perguntar, meu pai, se tu te lembravas dos cães que mataram nossos carneiros."

– "Oh! Perfeitamente! Mas tinha me esquecido. Esse incidente foi a causa da nossa rixa, mas não pensei nele no momento, porque esse Cooper não era nem meu amigo, nem meu parente. Se eu tivesse percebido que era dele que querias falar-me, teria feito um esforço para lembrar-me. Ele está aqui, mas vejo-o pouco."

Este episódio é muito interessante. Tudo quanto Robert hyslop disse a propósito de Cooper, primeiro, não se refere a Samuel Cooper, mas a um velho amigo, o Dr. Joseph Cooper. Com efeito Robert Hyslop tinha tido com este último numerosas discussões filosóficas e também se correspondiam por carta. O professor Hyslop talvez tivesse ouvido pronunciar o nome desse homem, mas ignorava inteiramente que ele fosse um amigo íntimo de seu pai. Foi sua madrasta quem lhe contou essas minúcias, durante uma investigação que ele fez junto a seus parentes para esclarecer fatos que se passavam nas sessões, obscuros para ele. Por aí se vê que os desencarnados são capazes, como nós, de se equivocar. Mas eis o incidente mais dramático: o professor Hyslop, lembrando-se que seu pai chamava reuma sua última doença, que ele James Hyslop supunha ser um câncer na laringe, fez uma pergunta calculada para atrair essa palavra reuma. Serviu-se nessa pergunta de um termo de duplo sentido que em francês não tem equivalente, o que faz com que eu não possa traduzir a pergunta de um modo inteligível. Este termo é "perturbação". (103)

(103) O termo em francês usado pelo autor é "trouble". Nota do tradutor.

Ele significa ao mesmo tempo aflição física e mal-entendido. Essa palavra produziu no comunicante uma curiosa inadvertência que a hipótese de telepatia dificilmente explicaria. O comunicante, aflito, respondeu: "Não me lembro, James, que tenha havido o menor mal-entendido entre nós. Parece que tivemos sempre, um pelo outro, a mais viva simpatia. Não me lembro de qualquer desinteligência. Dize-me a que respeito falavas. Deves estar enganado. Penso que talvez seja com o outro Cooper." – Tu estás equivocado, meu pai, eu quis falar da tua doença. – Ah! Sim, compreendo, eu sofria do estômago. – Não sofrias de outra coisa? – Sim, do estômago, do fígado e da cabeça. Tinha dificuldade de

respirar. Meu coração, James, meu coração fazia-me sofrer. Não te lembras com que dificuldade eu respirava? Creio, ainda, que era o coração que me fazia sofrer, esse órgão e ainda o pulmão. Parecia-me que alguma coisa apertava-me o peito e sufocava-me. Por fim eu adormecia." Um pouco mais adiante acrescentou: "Sabe que a última coisa que me deixou recordação foi ouvir-te falar-me. Foste o último que me falaste. Lembro-me muito bem de ter visto o teu semblante, mas eu estava tão fraco para responder-te..."

Este diálogo primeiro desconcertou o professor Hyslop. Ele procurara fazer seu pai dizer o nome da doença que este acreditava sofrer – reuma. Somente mais tarde, fazendo-se a ata da sessão, foi que percebeu, de repente, que seu pai tinha escrito, em termos bem dele, as últimas horas de sua vida. Uma vez mais ele estava equivocado. O médico tinha constatado uma dor no estômago, às sete horas da manhã; às nove e meia, os batimentos do coração começaram a ser menos sensíveis; pouco depois, a dificuldade de respirar passou a ser assustadora e o moribundo expirou enfim. Ao fechar-se-lhe os olhos seu filho James Hyslop disse: "Tudo acabado" e foi o último a falar. Este último incidente parece indicar que a consciência permanece nos moribundos mais tempo que se acredita.

Logo depois o professor Hyslop perguntou a seu pai se ele se lembrava de uma especialidade farmacêutica que lhe tinha sido enviada de Nova York. O comunicante primeiro teve dificuldade de recordar-se do nome do remédio, mas, por fim, acabou por dá-lo, embora que modificada a ortografia.

Durante as quinze primeiras sessões, o professor Hyslop tinha interrogado o menos possível, e quando o fazia calculava sempre as perguntas de modo que estas não encerrassem as próprias respostas. Mas, na 16ª sessão, intencionalmente, ele saiu dessa

reserva. Queria saber que resultado produziria o abandono de suas precauções, se tomasse com o comunicante a atitude que se toma com um amigo em carne e osso. “O resultado”, diz o professor Hyslop, “foi que conversei com meu pai desencarnado, com tanta facilidade como se conversasse com ele pelo telefone. Entendíamo-nos baixinho como em conversa comum. Falou-se de tudo; de uma cerca que Robert Hyslop pretendia mandar consertar, pouco tempo antes de morrer; dos impostos que ainda não tinham sido pagos, quando morreu; das inquietações que lhe tinham causado dois de seus filhos, um dos quais jamais lhe havia dado muitas satisfações e do outro que era um inválido; falou-se também da eleição de Mac Kinley à presidência e de muitas outras coisas ainda.

Estamos dizendo que não houve em todas essas reuniões quaisquer asserções inexatas? Algumas houve, mas muito poucas. Delas falarei no capítulo seguinte. Em todo caso, direi que procurariam em vão uma única falsidade intencional, nessas dezesseis sessões.

Capítulo XV

Ainda a “influência”. – Outros casos. – Estatística dos casos.

Creio do meu dever voltar aqui ao fato surpreendente qual seja a hipótese a que se dê preferência – a utilidade de se apresentarem ao médium objetos que tenham pertencido à pessoa da qual se deseja obter supostas comunicações. Antes Phinuit pretendia encontrar nesses objetos a “influência” dos mortos, e essa “influência” era tanto mais forte e mais nítida quanto por mais tempo utilizados tinham sido esses objetos e que por menos mãos tivessem passado. É que, superpondo-se umas às outras, as diversas influências parecem atenuar-se mutuamente.

Eu disse que ignorávamos totalmente a natureza dessa “influência”, mas disse também que se podia supor que ela consistia em vibrações deixadas por nossos pensamentos e nossos sentimentos sobre as coisas materiais. Seja como for, Phinuit parecia perceber essa “influência” e dela tirar a maior parte das informações que ministrava. O mais das vezes, mal grado suas afirmações contrárias, não parecia absolutamente em relação direta com os supostos comunicantes. Depois que desapareceu a direção de Phinuit e com o advento do regime Imperator, a apresentação de coisas de pouca importância é igualmente útil. É de justiça dizer que em nenhum momento a apresentação dos objetos foi indispensável e que muitas vezes comunicantes apareceram sem que qualquer “influência” os atraíssem. Mas hoje as comunicações obtidas parecem ser muito menos uma percepção da “influência”. Tem-se muito mais sensação da

presença real dos comunicantes. Então para que servem os pequenos objetos que se apresentam? Nem os guias, nem os comunicantes explicaram, e é bastante lamentável. Entretanto eis o que a analogia permite supor: ponho-me a construir hipóteses; obedeço a esse instinto do espírito humano que nos leva a ligar os fatos entre si e nos impele a explicá-los a todo o transe. Isto é uma tendência perigosa e arriscada. Freqüentemente assim edificamos belos sistemas, muito harmoniosos na aparência e que absolutamente não representam de forma alguma a verdade. Tudo o que se ganha assim é perder depois muito tempo e muita energia para destruir esses sistemas.

Mas, repito, a tendência do espírito humano para a edificação de sistemas é tão grande que dificilmente dela nos podemos defender, e, em suma, esses sistemas são perigosos quando se afirma que são exata representação da verdade. Pouco mais ou menos deixam de ser inconvenientes quando percebemos o que eles são e o que valem – meras criações hipotéticas do nosso espírito. Os espíritos não percebem a matéria; mas, em compensação, percebem objetivamente o pensamento. "evidentemente é pelo espírito que vos vejo, dizia George Pelham e que posso de vez em quando dizer-vos o que fazeis."

Quando eles estão na "luz" do médium, parece que distinguem os fenômenos e as formas da matéria, mas muito vagamente. O que percebem melhor é tudo quanto se reporta a uma idéia ou a um sentimento. É assim que eles percebem distintamente a "influência" que para nós é inexistente. Sob o regime atual, os pequenos objetos parecem sobremodo úteis para "reter" o comunicante, a fim de impedi-lo de distanciar- se e para manter uma certa coesão nos seus pensamentos. A todo instante Rector diz, falando do comunicante: "Dai-me alguma coisa para retê-lo e

para esclarecer suas idéias." Imediatamente imaginai o comunicante mergulhado em uma atmosfera pesada que, em pouco tempo, lhe dá uma espécie de delírio, mergulhado em uma bruma intensa no meio da qual a forma dos objetos lhe aparecem muito indistintamente. Para não se desviar, para ficar no ponto desejado, há necessidade de um ponto de referência e esse ponto de referência lhe seria proporcionado pela "influência" deixada por ele próprio em um objeto que lhe tenha servido muito tempo, influência que ele percebe e reconhece muito mais distintamente que o resto. Segundo as palavras de George Pelham, pode-se supor que ele percebe ainda o espírito dos comunicantes; mas o espírito está preso à matéria e fortemente escurecido por ela; principalmente quando o comunicante começa a delirar, não reconhece bem o espírito do consultante senão quando esse espírito funciona ativamente, se assim me posso exprimir, quando ele pensa e sobretudo quando pensa no comunicante. Eis porque constantemente, quando o espírito que se comunica se apercebe de que suas idéias tornam-se confusas ele diz ao consultante, com ar de censura: "Oh! Por que não falais? Dizei-me alguma coisa, ajudai-me. Quereis que eu trabalhe para vós, mas não quereis fazer nada por mim." O primo falecido do professor Hyslop, Robert Mac Clellan, disse-lhe, por exemplo: "Falai-me por amor de Deus! Ajudai-me a chegar até vós." Passagens como estas são numerosíssimas.

Dito isto, torno a voltar ao relatório do professor Hyslop. Durante as sessões que realizou, o comunicante de maior importância, depois de seu pai, foi seu tio Carruthers, cujo nome foi sempre estropiado, sem dúvida por Rector, o intermediário, e dado sob a forma de Clark ou Charles. Esse tio estava morto havia vinte dias somente, antes da primeira sessão. Na sua primeira

comunicação ele se apresenta inquieto por sua mulher Elisa, irmã de Robert Hyslop, que estava desolada com a sua morte: “Sou eu, James”, disse ele ao consultante, “levai a Elisa a expressão do meu amor, e dizei-lhe que não se entregue ao desânimo. Vejo-a muitas vezes em desespero.” O professor Hyslop pergunta: “Por que tem essa aflição?” – “Porque a deixei. Porém na realidade não a abandonei. Se eu pudesse dizer-vos tudo o que eu quisera, compreenderíeis logo que não parti para sempre. Ides consolá-la, não é verdade? Não convém deixá-la isolada. – “Sim, eu a reconfortarei.” – “Oh! Eu estou tão feliz, tão feliz!” Nesse momento o professor Hyslop não suspeitava de que sua tia estivesse em tão completo isolamento, e em tão profundo desespero.

Citarei ainda um outro caso das comunicações do tio Carruthers, porque o incidente que vou narrar traz tal aparência de vida e de realidade, que está entre os casos que a hipótese da telepatia jamais explicaria de modo satisfatório. Carruthers percebeu de repente a presença do Dr. Hodgson e disse: “Não sois filho de Robert Hyslop, pois não? Não sois George (104)”. O Dr. Hodgson responde: “Não, não sou George. – Sim, James, eu vos reconheço muito bem, mas esse outro...? (Dirigindo-se de novo ao Dr. Hodgson) conheceis os filhos de meu cunhado? Conheceis-me?”

(104) Nome de um irmão de James Hyslop.

Não citarei mais que um dos incidentes dessas interessantes sessões. Desta vez o comunicante é o irmão do professor James, Charles falecido em 1864, com a idade de quatro anos e meio. A última filha de Robert Hyslop nasceu muito tempo depois da morte de Charles: “James, sou o teu irmão Charles. Estou feliz. Leva a expressão do meu afeito à minha nova irmã Henriette. Diz-lhe que a conheci há alguns dias. Nosso pai me fala muito dela.” Mais adiante vem esta curiosa frase: “James, nosso pai desejaria

que estivessem em teu poder as pinturas que ele possuía, se ainda estiveres encarnado.”

Como observa o professor Hyslop, esta última frase é extremamente curiosa. Ela deixaria supor um estado intermediário entre o que nos encontramos, nós homens encarnados e aquele no qual se encontrava Charles Hyslop, o comunicante. Charles estava morto havia cerca de trinta e cinco anos. Tinha tido, pois, muito tempo para transpor esse hipotético estado intermediário. Mas então como se encontrava ele, nesse tempo, em companhia de seu pai?

Já disse que houve algumas alegações inexatas, porém em muito pequeno número. Vou citar dois desses fatos, nomeando os próprios nomes das pessoas com quem eles se passaram.

O nome de família do tio Carruthers nunca pôde ser dado de modo exato. Ele foi sempre chamado por Charles, Clarke e Carruthers. Há em inglês, entre as palavras Charles, Clarke e Carruthers, uma semelhança de pronúncia muito grande que a ortodoxia não permitiria a um francês percebê-la. O erro é então atribuído a Rector para quem este nome Carruthers não era familiar. Outro engano mais curioso ainda, posto que se possa sempre atribuí-lo a Rector, é o seguinte: a segunda mulher de Robert Hyslop chamava-se Marguerite; em inglês a força familiar deste nome é Maggie. Ora, embora fosse impossível enganar-se quanto à pessoa, quando Robert Hyslop falava de sua mulher, nunca o nome Maggie pôde vir exatamente. O professor Hyslop levou muito tempo sem retificar o nome; ele queria esperar que o próprio comunicante se apercebesse do erro e o retificasse. Mas essa correção espontânea nunca se deu. Por fim quiseram assegurar-se da verdade e o Dr. Hodgson explicou que o nome da madrasta do professor Hyslop não tinha sido dado. Rector não

compreendeu bem, cedeu seu lugar a George Pelham que começou por maltratar os consultantes: “Por que não nos dissesteis tudo claramente? Dai-me o nome de minha madrasta em vez de lançardes a confusão no espírito dos comunicantes com uma infinidade de perguntas à parte. Essa é boa! Lembro-me da confusão em que me lançastes há tempos e não quero que isso aconteça de novo. Vou informar-me a respeito, e se vossa madrasta tem um nome, vós o tereis!” George Pelham deixou o “aparelho” e pouco depois voltou dizendo: “Não vejo razão para vos fazerdes tão impaciente a respeito de Marguerite.” Marguerite era mesmo o nome em causa; mas esperava-se obtê-lo sob a forma mais usada – Maggie. Entretanto, é perfeitamente compreensível que Robert Hyslop não tenha dado a um estranho, como George Pelham, o nome de sua mulher, na intimidade.

Enquanto o professor Hyslop redigia o seu relatório, muitos de seus amigos que estavam ao par de suas investigações perguntavam-lhe qual era a proporção de verdade e de erro que se tinha encontrado nessas manifestações. Essa pergunta muitas vezes repetida sugeriu-lhe a idéia de levantar estatística onde essa proporção deveria aparecer a primeira vista.

De resto essa estatística não devia carecer de importância aos olhos de certas pessoas que se acreditam muito mais fortes que os outros e que vos dizem: “Eu só me entrego diante à evidência dos algarismos.” Essas pessoas não percebem que os batalhões de algarismos são como os batalhões de homens que nem sempre representam toda a força que lhes atribuem.

O professor Hyslop tomou nota de todos os “incidentes” ou alegações feitas pelos comunicantes, e os classificou segundo a maior ou menor possibilidade de verdade que eles continham. Em seguida subdividiu os incidentes em fatores. Vou dar um exemplo

que auxiliará depois a definir o que o professor Hyslop compreende por incidente e por fator: (105) “Minha tia Suzanna visitou um irmão.” Eis um incidente, ou a enunciação de um fato completo em si mesmo. Este incidente é composto de quatro fatores que não se sobrepõem a um outro. O primeiro é minha tia; o segundo, quem tem o nome de Suzanne; o terceiro, visitou e o quarto, meu irmão. Pode-se então definir o incidente em um nome, em uma concepção, em uma combinação de concepção que forme um todo independente. Os fatores serão os fatos, os nomes, as ações ou os acontecimentos que não se sugerem forçadamente uns aos outros ou que não são necessariamente sugeridos por um nome ou por um fato dado.

Naturalmente, dentro dos quadros estatísticos constituídos com esses dados não se podem classificar os dados conforme sua importância como provas; não se pode considerar mais que uma coisa – se são verdadeiros ou falsos. Assim, incidentes que como provas só têm um valor restrito, tomam tanto lugar como outros que encerram em si mesmos um valor probante muito maior. Aí é que está o ponto fraco dessas estatísticas. As provas devem ser examinadas uma a uma e não em conjunto. Entretanto os quadros estatísticos trazem uma vantagem; basta lançar neles os olhos para que o homem mais cético não possa mais invocar o acaso, esse grande Deus ex machina (106) que os ignorantes ou os indolentes invocam constantemente.

(106) Expressão latina que se emprega para designar um desfecho mais feliz que o verossímil de uma situação trágica, mercê da interferência imprevista de um acontecimento ou de uma personagem poderosa.

O professor Hyslop levantou um quadro estatístico para cada sessão e depois um quadro do conjunto de todas as reuniões. Eu não saberia reproduzir esses quadros que não interessariam ao

leitor, de vez que eles não reproduzem as atas das sessões. Darei unicamente os resultados estatísticos definitivos.

Sobre 205 casos, há 152 que foram reconhecidos como inteiramente exatos; 37 que não foi possível determinar e 16 somente reconhecidos como falsos. Sobre 927 fatores que compõem esses incidentes, 717 são exatos; 167 são indeterminados e 43 falsos. (107)

(107) Proc of S.P.R. vol. xvi. p. 121.

E ainda o professor Hyslop poderia ter feito para os incidentes falsos e indeterminados uma estatística mais resumida. Vários incidentes ou fatores classificados como indeterminados e inexatos foram reconhecidos como verdadeiros. Também poderia ter excluído os incidentes de natureza transcendentais e portanto inverossímeis. Mas o professor Hyslop preferiu fazer uma estatística tão completa quanto possível para os fatos falsos ou duvidosos.

Que os leitores tirem desses resultados a conclusão que melhor lhes parecer.

Capítulo XVI

Exame da hipótese da telepatia. – Alguns argumentos que tornam difícil sua admissão. Eu já disse, de passagem, tudo o que se deve entender pela palavra telepatia.

Vou repetir porque é necessário que o leitor a tenha bem presente no pensamento, dado que vou examinar neste capítulo essa hipótese e procurar descobrir se ela encampa todos os casos que nos ocupam. Por telepatia deve-se entender aqui a percepção, por parte das segundas personalidades de Madame Piper, não só na consciência e na subconsciência das pessoas que assistem à sessão, como também a leitura na consciência e na subconsciência de outras pessoas que se encontram, no momento, em qualquer parte da terra, não importando onde, não aumentando a distância, de qualquer modo, a dificuldade para a percepção. Aí está, como se vê, uma hipótese vasta e grandiosa e acabou-se. Entretanto, se se rejeita a hipótese espírita, não há outra que possa encampar todos os casos.

Os argumentos que vou explanar, bem como outros, estão bem desenvolvidos na obra do professor Hyslop. Não voltarei a tratar daqueles que as circunstâncias me conduziram a expor de modo suficientemente claro no curso deste trabalho.

Primeiramente, qual é a origem da hipótese da telepatia? Há na experimentação direta ou nas observações dos psicólogos oficiais, fatos suficientemente numerosos para autorizá-la? Não, se devêssemos levar em conta apenas a experimentação direta e as observações da psicologia oficial, essa hipótese da telepatia, tal

como devemos compreendê-la, seria mais ou menos sem bases. Na realidade, essa hipótese está baseada na nossa ignorância. Pode-se admiti-la, temporariamente, porque ignoramos os poderes latentes do espírito humano e porque temos motivos para acreditar que esses poderes latentes são grandes e numerosos. Creio que o primeiro emprego amplo dessa hipótese foi feito no famoso livro de Gurney, Myers e Podmore, Phantasms of the Living, ao qual o tradutor francês deu o título de Hallucinations télépathiques. A hipótese da telepatia poderia muito bem ser admitida para a explicação dos casos narrados nessa obra, posto que a hipótese espírita possa explicar esses mesmos casos, tão bem ou melhor ainda. Mas quando consideramos outros casos, os que se observam no transe de Madame Piper, por exemplo, a hipótese da telepatia deve ampliar-se, para explicá-los, além dos limites permitidos.

Logo, no que concerne à percepção do que está na consciência dos assistentes, se tivéssemos preferência pela telepatia, deveria parecer que o suposto comunicante, as mais das vezes, deveria expor os fatos nos quais o consultante estivesse pensando ativamente. Pois quase nunca é assim. Nas sessões do professor Hyslop também nunca foi assim. Sem dúvida, ele se referiu a muitos casos que estavam na consciência de um ou mais consultantes, mas estas pessoas só se lembram desses casos depois que o comunicante lhes trouxe à memória.

Na mesma ordem de idéias, parece, se tivéssemos lidando com a telepatia, que os supostos comunicantes deveriam ser sempre aqueles que se desejasse. Pois está longe de ser assim. Durante os quinze anos em que a mediunidade de Madame Piper foi estudada, grande número de comunicantes apareceram subitamente e nos quais ninguém pensava. O professor Hyslop, entre outros, disse,

sobre o assunto, que lhe apareceram vários comunicantes que ele absolutamente não esperava. Outros, ao contrário, que ele aguardava não apareceram. Fato digno de nota é o seguinte: nas sessões realizadas pelo professor Hyslop, só apareceram aqueles que eram suscetíveis de dizer alguma coisa de natureza a provar as suas identidades; os outros parecem ter sido sistematicamente afastados por Imperator, embora aqueles que a eles se pudessem os tivessem na consciência ou subconsciência.

Se estivéssemos lidando com a telepatia, parece que os supostos comunicantes deveriam emitir com mais facilidade as idéias que estão menos distanciadas na consciência dos consultantes. As idéias recentes, mais vivas, deveriam aparecer em primeiro lugar. Ora, tal não é o caso. Que a idéia seja recente ou remota no espírito dos vivos, não parece ter aqui qualquer influência sobre o comunicante.

Quando se trata de casos completamente desconhecidos de um ou mais consultantes e do conhecimento apenas de pessoas que vivem a grande distância, até certo ponto, deveria contrapor-se à leitura telepática. Nenhuma analogia na natureza nos autoriza a desprezar a distância. Não podemos conceber o processo telepático senão como uma difusão de ondas através do espaço; essas ondas deveriam atenuar-se com a distância. O contrário é absolutamente incompreensível. Mas é o que não acontece. Narrado o fato pelo comunicante, por mais que esse fato esteja ativando no pensamento somente de uma outra pessoa que no momento se encontre no outro extremo da terra, a precisão das minúcias em nada é prejudicada pela distância.

Desejar-se-ia talvez encontrar uma analogia entre a telepatia, tal como fosse possível concebê-la para explicar os fenômenos que nos ocupam e a telegrafia sem fio. Considerar-se-ia, neste caso,

Madame Piper em transe, como um simples aparelho registrador de ondas telepáticas. Mas essa analogia não existe; a telegrafia sem fio está longe de desprezar a distância. Por outra, o aparelho registrador tem necessidade, para funcionar, que um outro aparelho emita ativamente ondas especiais. Nos fenômenos de transe de Madame Piper, quando é narrado um fato que não é conhecido senão de uma pessoa distante, raramente essa pessoa pensava, naquele momento, ativamente nesse fato que jazia despercebido nas profundas camadas de sua consciência.

Quando os experimentadores fazem suas indagações depois das sessões, é necessário quase sempre um esforço de memória dessa pessoa, para lembrar-se do fato em questão.

Creio que será prudente refletir antes de conceder à telepatia semelhante poder de onisciência, independente de todas as leis conhecidas.

Uma outra comprovação que se levanta contra a hipótese telepática é a faculdade que tem o comunicante de escolher o fato.

Se lidássemos com a telepatia, as segundas personalidades do médium deveriam equivocar-se por vezes, cometer desacertos, narrar fatos que o suposto comunicante jamais pudesse conhecer, porém que só o consultante tivesse deles perfeito conhecimento. Pois isto nunca acontece. Os fatos narrados são sempre comuns, pelo menos, a duas consciências – a do comunicante e a de uma pessoa distante. As inexatidões não se levantam contra este argumento; se essa falta de exatidão é devido a mentiras voluntárias, provam simplesmente que o comunicante é um mentiroso, não que ele seja uma simples segunda personalidade de Madame Piper; se os fatos narrados não são possíveis de serem verificados, isto não prova que sejam inexatos.

Se a hipótese telepática é a expressão da verdade, importa supor para a telepatia um poder quase infinito. Esta suposição é indispensável para dar conta dos fatos. Como compreender então as confusões e os erros dos comunicantes? Como pode um poder infinito, em certos momentos, parecer tão limitado, tão finito, quando mesmo nas circunstâncias, nada mudou. Mas, ao contrário, as confusões explicam-se muito bem pela hipótese espírita; razoavelmente não se pode admitir que uma transformação tão grande, como a ocasionada pela morte, se produza sem perturbar alguma coisa o espírito, ao menos, temporariamente, e sem atenuar fortemente certos grupos de lembranças que, no novo meio não tem mais qualquer utilidade prática.

Mas sempre, principalmente durante as sessões do professor Hyslop, a mudança do espírito comunicante tem sido freqüente. Constantemente, Robert Hyslop diz a seu filho: "James, sinto-me cair de fraqueza; retiro-me por um instante, espera-me que vou voltar." Em seguida aparece novo comunicante. A hipótese da telepatia não pode explicar esse fato. Seria mais natural que o comunicante fosse sempre o mesmo. Para compreender a hipótese da telepatia é preciso sobrepor a essa hipótese uma outra – a de uma sugestão por parte do consultante. Ao contrário, não se pode melhor explicar esse fato senão pela hipótese espírita, se bem que sejamos obrigados a contar as complicações que admitem a existência de um outro mundo.

Um outro fato que se acomoda mal à hipótese telepática é a existência de supostos intermediários entre o consultante e o comunicante. Antes, o intermediário mais comum era Phinuit; depois George Pelham vem colaborar com Phinuit. Nas sessões do professor Hyslop e creio que em todas as outras, depois da

instauração do regime Imperator, o intermediário é Rector. Este é o que preside o funcionamento do “aparelho” porque, dizem os comunicantes, tem uma competência toda especial. Esses intermediários são de caracteres bem definidos e são bem vivazes. Phinuit, George Pelham e Rector são bem diferentes uns dos outros. Na hipótese telepática, que é que pode determinar a criação dessas entidades? As personalidades secundárias de Madame Piper deveriam encarnar diretamente os comunicantes. Para se compreender a reconstituição efêmera de uma consciência para nunca desaparecida, é necessário admitir-se que os elementos esparsos dessa consciência estejam temporariamente agrupados em torno de um ponto de referência na personalidade secundária de Madame Piper. Pode-se, então, ver como pouco compreensível é a presença dos intermediários. Mas, ao contrário, se admitirmos o fundamento da hipótese espírita, devemos confessar que esses intermediários são, sobre sua presença, explicações mais plausíveis.

Ainda um argumento fortíssimo, ao meu ver, contra a hipótese telepática: os indivíduos no estado hipnótico e as personalidades secundárias que se criam nesse estado hipnótico, conforme experiências mais precisas e mais concludentes que tem feito a ciência moderna, têm uma noção extraordinariamente nítida do tempo. Dizei a um indivíduo em estado de hipnose para praticar uma ação em tal ano, em tal hora, em tal momento, e ele não falhará nunca, por assim dizer, embora ao despertar não subsista qualquer vestígio da ordem dada, em sua memória normal. Logo, nos fenômenos que nos ocupam, os comunicantes têm do tempo uma noção extremamente vaga, porquanto o tempo não é uma concepção do mundo em que vivem. Como a telepatia que pode tantas coisas, se confessaria incapaz ou pouco mais ou menos

determinar o momento preciso em que uma ação foi praticada ou está sendo praticada? Que é que impede de perceber a noção do tempo no espírito dos vivos tão nitidamente como não importa que, de vez que essa noção aí está, pelo menos, tão clara e tão precisa?

Agora, para terminar, devo dizer que ignoramos onde começam e onde terminam os poderes da telepatia. O que tenho dito até agora dispõe para tornar a hipótese telepática inverossímil. Mas, às vezes, o verdadeiro pode não ser verossímil, disse um dia, o nosso velho Boileau Despreaux.

Capítulo XVII

Considerações que apóiam fortemente a hipótese espírita. – A consciência e o caráter tornam-se idênticos. – A ação dramática. – Os erros e as confusões.

Entre as razões que militam fortemente em favor da hipótese espírita, encontra imediatamente a unidade de consciência e de caráter entre os comunicantes. Se lidássemos com personalidades secundárias de madame Piper, em primeiro lugar não se compreenderia como essas personalidades pudessem ser em tão grande número. Não faço uma idéia do número exato de comunicantes que pretenderam comunicar-se por intermédio do seu aparelho; mas nos Proceedings of the Society for Psychical Research, encontram-se várias centenas e, certamente, não estão ali todos. Mas todos esses comunicantes têm sempre conservado o mesmo cunho a ponto de, com o hábito, em pouco conhecer-se o comunicante desde a primeira frase que pronuncia, se ele já se tem comunicado, ainda que ligeiramente.

Certos comunicantes só aparecem com longos intervalos; todavia, são quase sempre os mesmos. Ora, com a hipótese da telepatia, não é fácil compreender que um suposto comunicante, que não seria mais que uma reconstituição efêmera de uma consciência no meio de recordações esparsas na consciência dos vivos, não é fácil compreender, disse eu, que esta reconstituição possa operar-se com longos intervalos, de repente, muitas vezes sem qualquer causa aparente, e sempre com os mesmos característicos.

A uniformidade de consciência e de caráter é sobretudo visível entre os guias, isto é, entre os comunicantes que apareceram sem interrupção durante longos anos, porque eles serviam de intermediários aos outros e porque punham suas experiências a serviço de neófitos. Se, de passagem, não se pode admitir que os comunicantes não sejam mais que segundas personalidades do médium, esta impossibilidade deve estender-se aos guias. Ou todos os comunicantes, sem exceção, são segundas personalidades, ou nenhum deles têm essa qualidade. Com efeito, todos apresentam a mesma intenção de hábitos e de verdade. Se são segundas personalidades, a ciência ainda não estudou semelhantes.

Já esbocei em largos traços o caráter de Phinuit, caráter que jamais se desmentiu e que permaneceu sempre uniforme durante mais de doze anos. O leitor também deve fazer idéia bastante exata do caráter de George Pelham; esse caráter tem apresentado a mesma constância. Ainda hoje, quando George Pelham aparece, observa-se o mesmo homem.

O caráter dos guias atuais é mais decidido ainda, e não é menos estável. Nenhum dos que se têm comunicado até agora por intermédio de Madame Piper se tem assemelhado a Imperator e a seus auxiliares. Os principais traços do caráter de Imperator são: sentimento religioso sincero e profundo, muita seriedade e circunspecção; grande bondade e infinita piedade pelo homem encarnado, dadas as inúmeras misérias desta vida de trevas e de caos; além disto um temperamento imperioso; aliás, neste ponto, ele está bem retratado por si próprio, tomando o pseudônimo de Imperator. Ordena e quer ser obedecido, mas só quer o bem. Os outros espíritos que gravitam em torno dele e que nós já

conhecemos – Rector, Doctor, Prudens e George Pelham, rendem-lhe profundo respeito.

O caráter de Imperator é justamente o que nós encontramos nas obras de Stainton Moses. Aqueles que não aceitam, por preço algum, a hipótese espírita, poderão pretender que foi ali que Madame Piper moldou o seu caráter. Ela deve conhecer, mais ou menos, a obra da qual já falamos – Spirit Teachings. Quando se tentou obter comunicações com Stainton Moses e que se logrou mensagens cheias de incoerência e falsidades, o Dr. Hodgson, querendo conhecer, caso estivessem lidando com segundas personalidades, a influência que poderia ter na personalidade que se intitulava Stainton Moses o conhecimento das obras deste pela personalidade normal de Madame Piper, o Dr. Hodgson, disse eu, trouxe um exemplar de Spirit Teachings para ela. Madame Piper leu o livro, é de supor-se, mas o resultado foi nulo e não teve qualquer influência sobre o suposto comunicante Stainton Moses. Não obstante, repito, pode-se pretender, com aparência de verdade que foi ali que Madame Piper assimilou o caráter de Imperator. Mas então onde foi ele modelar o caráter de seus auxiliares?

Imperator e seus ajudantes se servem sempre do estilo bíblico, estilo muito particular no inglês. No fim das sessões, quase sempre, Imperator escreve diretamente ou dita para Rector uma prece. Eis um exemplo dessas preces: “Bondoso Pai, estamos Contigo em todos os Teus desígnios e recorremos a Ti em todas as coisas. Nós te pedimos para nos concederes Teu amor e para teres misericórdia de nós. Lança Tuas bênçãos a esse homem (108) Teu semelhante. Ajuda-o a ser o que Tu queres que ela seja. Ensina-lhe a caminhar na senda do direito e da verdade. Ele precisa do Teu amor e de Teus cuidados em tudo. Ensina-lhe a cumprir a Tua

Santa Vontade e deixamos tudo em Tuas mãos. Se não tiverdes compaixão de nós, estaremos abandonados. Vela por ele. Guia seus passos e conduzo à verdade e à luz. Pai, nós te pedimos luz para os cegos, afim de que eles possam melhor Te conhecer, conhecer Teu amor e Tua solicitude."

(108) Trata-se do consultante.

Encontramos nessas preces a ênfase de todos os pastores anglicanos. Mas há uma expressão que reaparece em muitas delas e que é surpreendente: Imperator chama Deus – Pai – e, entretanto, quando recomenda o homem a Deus, ele diz o semelhante, o próximo de Deus e não sua criatura. Evidentemente, Imperator não faz de Deus a mesma idéia que nós; parece que ele nos considera como uma emanação da Divindade, eterna como o próprio Deus. Ai de nós!

Muitos leitores recusarão conceder muito valor a essas preces de Imperator. Tomarão por uma das diabólicas invenções de que são capazes as segundas personalidades. Efetivamente, se considerarmos isoladamente tais preces, é a explicação mais plausível; porém é preciso considerar o caráter e as idéias de Imperator em conjunto. Mas não posso assegurar ao leitor que esse caráter nada tenha de diabólico. Se é uma criação de Stainton Moses ou de Madame Piper, eles criaram uma obra prima. Imperator inspira respeito ainda mesmo aos mais céticos.

Todavia é de acreditar-se que tal não será a opinião dos ministros das religiões, quaisquer que elas sejam, posto que, na sua obra Stainton Moses se faz o campeão da seguinte tese: com longos intervalos a humanidade tem, realmente, recebido fragmentos de revelações divinas por intermédio de homens inspirados ou, digamos, médiuns. Mas no fim de pouco tempo, o ouro dessas revelações fica de tal modo enterrado no lodaçal humano, que é quase impossível encontrar-se dele o vestígio.

Uma outra face do aspecto das sessões que a telepatia não explica é a ação dramática. As personagens que se encontram na outra extremidade do fio operam, tanto quanto podemos julgar, com oportunidade e com todos os característicos distintos da realidade. Em quase todas as sessões há incidentes dessa ação dramática e que a telepatia não explica. De passagem, tive ocasião de apresentar alguns exemplos. Citarei ainda outros.

Na segunda sessão realizada pelo senhor Paul Bourget, aparece, de repente, Madame Pitman da qual já tive oportunidade de falar. Pouco mais ou menos ela disse o seguinte: (109)

(109) Evidentemente se reportando a George Pelham.

"Senhor, venho oferecer-vos os meus serviços. Vivi na França e falava regularmente o francês. Dizei-me o que desejais e talvez eu vos possa auxiliar a comunicar-vos com a senhora que está aqui".

Para compreender toda a oportunidade dessa intervenção, é preciso lembrar que George Pelham, que na ocasião servia de intermediário, queixava-se, no princípio da sessão, de que a comunicante servia-se do idioma francês e que ele não a compreendia.

Um dia pediram a George Pelham informações sobre Phinuit e George preparou-se para dá-las. Mas Phinuit que se manifesta pela palavra enquanto que George se exprime pela escrita disse: "Melhor fareis em não falar de mim!" Os assistentes tiveram como que a sensação de uma luta entre o cérebro e a mão. Ao cabo de alguns instantes, George Pelham escreveu: "Está bem! Está feito, não falemos mais nisso."

No decorrer de uma sessão em que a mulher de um consultante deu ao esposo provas muito íntimas da sua identidade, aquela disse: "Vou trazer a tua lembrança coisas bem íntimas; mas arranja-te de maneira que este senhor não compreenda." Esse senhor não podia ser o Dr. Hodgson, pois que o mesmo tinha saído

do aposento. Esse senhor era o invisível George Pelham, que estava como de hábito presente à reunião.

Em 30 de abril de 1894, o senhor James Mitchel organizou uma sessão. (110) Phinuit começou por dar-lhe conselhos muito apropriados para a conservação de sua saúde e terminou com estas palavras: "Vós vos impacientais." Depois acrescentou: "Há aqui uma voz que ouço tão claramente como o som de um sino e que me diz: 'Tendes razão, doutor, dizei a ele que não se impaciente; meu marido não tinha o costume de perder a paciência. Quero que ele goze pacificamente os dias que lhe restam passar como encarnado. Dizei-lhe que sou Marguerite Mitchell e que estarei junto dele para toda a eternidade."

(110) Proc. of S.P.R., vol. xiii. p. 519.

Muitas vezes os comunicantes pedem a um ou mais assistentes para que se retirem da sala das sessões e dão uma satisfação conforme o caso. É que a informações de ordem inteiramente privadas vão ser dadas a alguém. Já citei um exemplo de George Pelham quando James Howard pediu-lhe para narrar alguma coisa de que somente eles dois fossem os únicos a conhecer. George Pelham que se preparou para dar informações muito íntimas, começou por pedir ao Dr. Hodgson para sair. Eis uma estranha discrição para segundas personalidades. Outras vezes certos assistentes são solicitados para sair momentaneamente, porque, dizem os guias: "Tende aqui parentes e amigos que querem comunicar-se particularmente convosco."

Em certa ocasião, o professor Hyslop levantou-se do seu lugar e foi a outra extremidade do aposento, passando junto a Madame Piper. Imediatamente George Pelham escreveu, posto que aborrecido: "Ele passou diante de Imperator! Por que faz ele isso?"

Seria necessário escrever um volume para narrar todos os pequenos incidentes semelhantes que a telepatia não explica. Os

que aqui foram narrados bastam a título de exemplos? Dirão que esses pequenos dramas se assemelham a criações do mesmo gênero dos que são produzidos pelo delírio ou pelos sonhos? Mas, em primeiro lugar, no delírio ou no sonho o espectador não constata como aqui a presença de pessoas que ministram diversas minúcias pretendendo provar sua identidade. Depois, as causas reais dessas criações do delírio e do sonho nos são desconhecidas; pode-se pretender, sem cair na fantasia, que a doença não é ali mais que o pretexto, não a causa.

Enfim, um terceiro conjunto de fatos que militam fortemente em favor da hipótese espírita é formado pelos erros e pelas confusões. Esta não será, provavelmente, a opinião do observador superficial; muitos se fundam, ao contrário, em seus erros e suas confusões, para afastarem inteiramente a hipótese espírita; é o mais comum, porque fazem do espírito uma idéia fantástica, sem analogia na natureza. Escarnecidos por uma velha doutrina teológica absurda, eles imaginam que o mais compassivo dos bêbedos, por exemplo, no dia em que vier a ser um espírito desencarnado, será ao mesmo tempo um ser onisciente e de ideal beleza. Não pode ser assim. Nosso espírito, se espírito existe, progride lentamente. Quando transpõe o grande desconhecido ele não passa para lá em estado de perfeição; de limitado e finito que era, não se torna logo infinito. O homem desencarnado, tanto quanto o homem encarnado, tem suas lacunas de inteligência, de memória e de moralidade. A existência dessas lacunas explica muito bem a maior parte dos erros que se observa nas comunicações. Não disponho aqui de espaço para desenvolver esta idéia; mas o leitor a completará sem dificuldade. Citarei apenas um exemplo de lapso de memória: Robert Hyslop disse que tinha canivete de cabo preto e que o trazia habitualmente no bolso do colete, depois no bolso

do paletó. Depois achou que se tinha enganado e disse que trazia o canivete no bolso da calça, o que era real. Qual o homem vivo que não comete cem vezes semelhantes erros? Para explicar os fenômenos que nos ocupam com a hipótese de telepatia, seria preciso emprestar à transmissão de pensamento um poder infinito que nenhum obstáculo pudesse impedir. Então por que apresenta ela erros? E justamente porque ela motiva erros, deve preparar um espírito imperfeito, um espírito finito? Teremos que admitir que a Dona Telepatia é apenas a encarnação do demônio da dissimulação e da fraude?

Capítulo XVIII

Dificuldades e objeções. – Identidade de Imperator. – Visão à distância. – Trivialidade das mensagens. – Filosofia espírita. – A vida no "outro mundo".

Até aqui falei muito mal da telepatia. Creio ter demonstrado, não que a hipótese seja falsa, mas que é inverossímil. Futuras descobertas talvez possam torná-la com aparência de verdade. Isto quererá dizer que, pelo menos, a hipótese espírita é a única razoável, impõem-se sem dificuldade, sem que se possa fazer objeções? Não. Ainda fazem à hipótese espírita muitas objeções; mas essas objeções são de maior ou menor gravidade. Ao meu ver, apenas vejo uma grave. Dela falarei por último lugar. Muitas são feitas por homens que só têm do problema um conhecimento muito superficial; as razões que apresentam são argumentos de polêmica e não de conhecimentos adquiridos da ciência. Perguntam alguns por que Imperator, Doctor, Rector e Prudens se escondem sob esses pseudônimos. Se, como eles pretendem, são espíritos desencarnados, tendo vivido em outros tempos em um corpo, por que não dizem quem foram? O silêncio que mantêm nesse particular não indica que são apenas segundas personalidades do médium?

Essas objeções não são nem graves nem honestas. Em primeiro lugar os espíritos revelaram os seus verdadeiros nomes a Stainton Moses. Se eles não desejam que esses nomes sejam divulgados, sem dúvida têm excelentes razões fáceis de se imaginar. Tudo indica que esses guias pertenceram a uma geração muito distante

da nossa; sua linguagem, sua disposição de espírito e algumas de suas asserções indicam aquela suposição. Se eles fossem homens conhecidos, e se revelassem seus nomes, os céticos veriam aí uma razão a mais para invocarem a fraude. Diriam: essa é boa! O médium leu tudo isso em um livro qualquer e nos fala em hipnose." Se, ao contrário, esses guias fossem homens obscuros, e se dessem informações sobre suas vidas, essas informações não poderiam ser comprovadas. Imediatamente os céticos vociferavam: "Frioleiras! Tudo é invenção das segundas personalidades do médium." Esses guias podem ter outras razões ainda para não revelarem os seus nomes. Uma vez abandonada a presente inexistência, pode-se produzir uma perturbação que tem no espírito o efeito de um pesadelo mais ou menos penoso. Que há de espantoso que ele não se lembre e que não lembre aos outros o papel, ainda que honroso, que representou nesse pesadelo? Nós outros não conhecemos senão esta vida, e não admitimos outra. É que cada um de nós tem, se possível, que brilhar nesta existência como um meteoro. Mas, talvez que os espíritos, vendo as coisas de mais alto, as vejam diversamente. Enfim, os guias Imperator, Rector, Doctor e Prudens, podem abster-se de falar de suas vidas anteriores unicamente por serem discretos. Phinuit não teria agido melhor calando-se do que nos contando um amontoado de inverdades?

Agora uma objeção mais séria. Invoquei contra a telepatia a necessidade para o médium de ler na alma dos ausentes, sem que a distância os prejudicasse. Mas a visão a distância, nos estados profundos de hipnose, em certos indivíduos privilegiados, tem sido muitas vezes constatada. A ciência oficial quase a admite. Então por que fazer intervir supostos desencarnados? Por duas razões: a primeira, a que não convém perder de vista, é que

grande número de desencarnados estabeleceriam suas identidades. A segunda é o modo pelo qual, como o Dr. Gibier, pode-se conceber os fenômenos da hipnose. Os espíritos dizem-nos que o sono normal não é outra coisa senão um desprendimento muito incompleto do corpo etéreo, um começo de abandono do corpo físico. O sono provocado também não seria outra coisa. Quanto mais profundo fosse esse sono, mais completo o desprendimento. Assim, talvez, poder-se-ia chegar, diz o Dr. Gibier, gradualmente a desprender o corpo etéreo, isto é, a matar o paciente, o qual não se lastimaria, talvez. Mas a justiça poderia levantar objeções contra essa maneira de desencarnar as pessoas. O que iria estabelecer os fundamentos dessa teoria é que, à proporção que a hipnose torna-se mais profunda, aparece uma nova consciência, mais desenvolvida e mais nítida que a consciência normal, englobando tudo que, em estado normal, é concebido como consciência e subconsciência. É então que aparece, algumas vezes, a visão a distância, visão independente do espaço e dos obstáculos. Mas os espíritos nos dizem que o espaço e o tempo não são concepções do seu mundo, que a distância não os embaraça. O indivíduo mergulhado na hipnose que vê à distância, teria este dom simplesmente porque, para nós, ele está quase fora do nosso mundo. Assim, pois, esta faculdade estranha, longe de militar contra a hipótese espírita, penderia, ao contrário, para dar um pouco mais de crédito a certas conversas de Phinuit. Compreender-se-ia, assim, que ele pudesse, quando lhe apresentassem objetos que tivessem pertencido aos mortos, se por, graças a esses objetos, em comunicação imediata com os desencarnados, sem levar em conta a distância, que só existe para nós.

É comum, entre os que estudam esses fenômenos, quem veja na pobreza e na trivialidade da maior parte das mensagens obtidas, uma presunção muito forte contra a hipótese espírita. Algumas dessas mensagens, não obstante, são assinaladas por nomes prestigiosos: Fenelon, São Luiz, Santo Agostinho, até mesmo Jesus Cristo e a Virgem Maria. Mas esse lamentável fato se explica de muitos modos. Há, em primeiro lugar, charlatães, trapaceiros e néscios dos dois lados, visto que a alma passa deste mundo para o outro tal qual é, e se ela progride, o progresso é lento. Quantos indivíduos só vêem nos fenômenos do espiritismo um recurso para exibirem sua pobre personalidade ou para explorarem seus contemporâneos? Evidentemente esses indivíduos não hesitam absolutamente em apresentar suas elucubrações como mensagens do Além; assinariam tudo em nome do próprio Padre Eterno se isto pudesse favorecer os seus intentos. Finalmente, não há necessidade de se fazer conjecturas de que essas mensagens são devidas à desonestidade. O número de mistificadores deve ser, pelo menos, tão grande do lado de lá como de cá; uma espécie de lei de afinidade que parece governar o mundo dos espíritos faz com que eles sejam atraídos para os médiuns sem evolução, porquanto os grandes espíritos são mantidos longe desses mesmos médiuns. Seriam essas larvas do outro mundo que expedem essas mensagens que nos deixam desconcertados, quando não nos escandalizam. Mas o homem de ciência não se deve deixar desanimar por essas comunicações que, a despeito do seu conteúdo, têm uma certa importância, se elas o conduzem à constatação irrefutável do fato. Existe fora de nós e em torno de nós, seres inteligentes, análogos a nós. Mas quando se tem contato com espíritos evoluídos, que começam por dar prova de suas identidades, não é verdade que as mensagens sejam sempre

triviais. Essas mensagens, muitas vezes encerram idéias de muita envergadura e elevação. A forma é, geralmente, defeituosa; mas aquele que estudou atentamente os fenômenos de Madame Piper será indulgente para a forma e algumas vezes também para o fundo. O espírito em contato com o aparelho do médium é vítima de uma espécie de delírio. Eu já disse muitas vezes, e repito, que o aparelho só obedece muito imperfeitamente a seus esforços.

"Meus queridos amigos", diz George Pelham, "não me considereis com o olho de um crítico; procurar transmitir-vos nossos pensamentos por intermédio do aparelho de um médium qualquer, é como se tentássemos andar de rastro dentro do tronco de uma árvore oca."

Pode muito bem acontecer que espíritos elevados tenham realmente sido os autores de mensagens muito pobres. A cada um de nós, quantas vezes já aconteceu, sonhando, fazer composições poéticas ou outras que nos parecem admiráveis? Dizemos conosco mesmo extasiados – que infelicidade que eu não possa me lembrar daquilo no meu despertar!

Mas eis que vem à nossa lembrança aquilo que tínhamos sonhado. Então o que nos encantara durante o sono nos faz sorrir de compaixão. Ora, os comunicantes repetem constantemente que, quando estão na atmosfera do médium, sonham. "Todas as coisas que aparecem tão claramente", disse Robert Hyslop a seu filho, "e quando venho aqui para te exprimi-las, James, não posso."

Essas considerações mostram que não é conveniente precipitar-se para se concluir como o professor Flournoy, para quem, se a sobrevivência é um fato, a vida no Além não é para nós mais que uma lamentável degenerescência, uma miséria acrescida a todas as outras que nos aniquilam nesse satânico universo. (111) Não. Como diz o professor James, na terra nós só vivemos o exterior do

nosso ser; se a morte não é o aniquilamento é então um sonho. O fato de não serem fáceis as comunicações entre este mundo e outro, não se segue que a vida no outro mundo não seja mais elevada e mais intensa que neste.

(111) Des Indes à La Planète Mars, pelo professor Flournoy – A crítica mais acerba e ferina até hoje feita ao Espiritismo. (Nota do tradutor)

Uma outra objeção grave contra a hipótese espírita é a que se refere à filosofia com que certos homens apressados dotaram o espiritismo. O espiritismo que não deveria ainda ser senão uma ciência apenas iniciada, já é uma filosofia imensa para a qual o mundo não tem segredos. E depois, não vos atreveis a duvida! Essa filosofia emana diretamente dos espíritos que a devem conhecer. Todas as filosofias produziram-me quase sempre o efeito de sublimes infantilidades. Como seres tão ínfimos como nós, tateando em um oceano de trevas compactas, podem ter a pretensão de resolverem o enigma do universo por meio de raciocínio a priori? Tudo o que podemos esperar racionalmente é arrancar da natureza alguns segredos que estão mais próximos de nós, cercando-nos de mil precauções para não arriscarmos nos enganar grosseiramente.

Coloco a filosofia espírita no mesmo grau que as outras filosofias. Alguns de seus fundamentos emanam, talvez, dos espíritos, se espíritos há; mas o todo não procede deles. Mas nesse caso, dirão, os que elaboraram aquela filosofia foram impostores? Não forçosamente; direi mesmo que a impostura aqui é inverossímil, porém algumas comparações nos darão, talvez, a chave do mistério.

Os espíritos, dizemos, percebem diretamente o pensamento. No começo dos estudos espíritas muitos indivíduos hipnóticos vulgares foram tomados por médiuns. Mergulhados em profunda hipnose, direis até, semi-desencarnados, esses indivíduos liam no

pensamento do consultante as doutrinas acumuladas nas suas consciências, doutrinas essas ecléticas, tomadas de todas as filosofias do mundo e principalmente do hinduísmo. O consultante, pouco experimentado ainda, ficava maravilhado de ver o médium reproduzir suas próprias idéias; muitas vezes ele devia exclamar: "É verdade! Sou inspirado também! É justamente o que sempre tenho pensado!" Que não se diga que isto é uma hipótese puramente gratuita; tenho em vista as considerações acima fazendo numerosas experiências, sobre as quais fundamento as minhas considerações. Não posso, naturalmente, expor aqui aquelas experiências, mas os interessados poderão encontrá-las, sem dificuldade, na literatura especial sobre o assunto. Aksakof narra várias dessas experiências em Animisme et Spiritisme. É assim que o dogma da reencarnação, negado por médiuns anglo-saxões, sustentado pelos médiuns latinos, não nos deve preocupar muito. "Este dogma", diz Frederic Myers, "não se funda em nenhuma mensagem cuja origem fosse bem e devidamente constatada."

O mais tremendo obstáculo para a admissão da hipótese espírita é constituído pelas comunicações que visam representar o outro mundo, esse outro mundo onde, parece, não se percebe a matéria, onde o espaço e o tempo são desconhecidos, enfim que visam representá-lo, não obstante, como uma cópia servil, às vezes como um decalque deste em que vivemos. Se pedem a Phinuit ou a outro guia a descrição das feições de um comunicante, quase sempre essa descrição é dada com exatidão, o que quer dizer que a fisionomia dos que se vão continua lá o que era aqui. Não raro o espírito comunicante chega a trazer as mesmas roupas feitas do mesmo pano. Mas a questão dos sinais característicos não tem importância, porque pode-se dizer que os comunicantes ou os

guias descrevem essas minudências unicamente para provarem suas identidades. Todavia, não conheço qualquer mensagem em que um comunicante tivesse a franqueza de dizer: “Supondes que a forma que eu tenho aqui não é a mesma que eu tinha em vosso mundo?” Ou então: “A idéia de forma no nosso mundo difere totalmente da vossa; o que é essa idéia aqui, não vos posso fazer compreender; é inútil, pois, interrogar-nos a respeito.”

Não, infelizmente, nem comunicantes, nem guias falam assim; todos dizem ou deixam supor que a forma humana é idêntica nos dois mundos. Mas passo pela questão da forma, posto que se possa sustentar que as formas são aqui determinadas pelo jogo de leis que regem a natureza física. Como as formas diferem muito porque estão submetidas às mesmas leis, pode ser que elas tenham outros modelos em um mundo transcendental.

Mas onde nossa credulidade reclama, é quando a ação ou o advento no outro mundo são idênticos ao que se passa aqui. Quando um médico finado vem nos dizer que continua a visitar seus doentes, um pinto que continua a borrar suas telas, é o que não podemos admitir. Mas, poderão explicar, o médico e o pintor estão momentaneamente em delírio; eles não sabem o que dizem. Infelizmente essas passagens são muito numerosas para se atribuir sempre ao delírio. Certos comunicantes voz dizem, com a maior seriedade deste mundo e, por conseguinte, parecem em pleno domínio de si mesmos, que respiram, habitam casas, assistem conferências, que uma criança desencarnada aprenda a ler. Há em tudo isto, repito, uma enorme dificuldade. Eu apontarei as dificuldades sem tentar resolvê-las: sou incapaz de dar uma explicação plausível. O professor Hyslop tentou, mas não creio que tenha conseguido. Admito como ele que a concepção cartesiana, (112) segundo a qual a alma seria apenas um centro imaterial de

forças, admito repito, que essa concepção não tenha fundamento; é uma concepção filosófica a priori, e só Deus sabe o caso que faço das concepções filosóficas antecipadas. É de crer-se que o universo seja composto de uma única essência e não de duas distintas – a matéria e o espírito.

(112) Cartesianismo, teoria de Descartes. Cartesiano, o que segue a filosofia de Descartes. (Nota do tradutor)

Não é, provavelmente, o espírito que é matéria, antes a matéria é que deve ser uma modalidade, talvez uma simples ilusão do espírito. Mas todas estas considerações de alta filosofia não explicam a dificuldade em questão. Quanto mais a interpretem, quanto mais a experimentem, mais tem ela a aparência de zombar de vós. Eis porque deixo a outro o cuidado de resolver o problema. Será que estamos condenados a viver da ilusão do mundo físico, durante tempo determinado? E quando as circunstâncias nos arrebatam prematuramente a esse mundo físico, essa ilusão deveria continuar, ainda em um outro mundo até o termo fixado para os destinos de cada um de nós?

Mas, paremos por aqui, que eu começo novamente a montar escarranchado ao pegado da alta filosofia, e o terreno não é firme. Vale mais a pena descer.

Capítulo XIX

Volta do médium à vida normal. – Conversas mantidas enquanto o médium parece suspenso entre dois mundos.

Os instantes que precedem a saída definitiva do transe, em Madame Piper, oferecem, atualmente pelo menos, um interesse todo particular. Creio, pois, fazer bem insistindo um pouco sobre o assunto. Para esquivar-me de difíceis circunlóquios que não esgotaram a questão, vou falar como se a hipótese espírita estivesse demonstrada. Posto que, quaisquer que possam ser os destinos futuros desta hipótese e apesar da grave objeção de que já falei no fim do capítulo precedente, ela é, creio, a única que se possa adotar no momento.

No fim das sessões, quando termina a escrita automática, Madame Piper começa a voltar progressivamente ao seu estado normal. Então ela pronuncia, com voz mais ou menos clara, frases sem continuidade a aparente, que não são sempre fáceis de se compreender. Parece uma pessoa quando fala em sonho. O Dr. Hodgson e o professor Hyslop recolheram tanto quantos puderam, fragmentos de frases, separando-os distintamente por sub-títulos, nas atas das sessões. Quase sempre Madame Piper estabelece esta pergunta original: “Ouvistes estalar minha cabeça? E quando sua cabeça cessa de estalar, ela lança em torno de si mesma, sobre as pessoas e coisas um olhar um tanto espantado e depois está tudo acabado ela não tem qualquer lembrança, nem do que escreveu, nem do que disse durante o transe.

Vamos ver como aqueles fragmentos de frases são menos incoerentes e que valem a pena de ser recolhidos. Frequentemente, quando são feitos grandes esforços durante a sessão para dar um nome próprio, sem que se possa conseguir, esse nome é pronunciado por Madame Piper ao sair do transe quando ela retoma o seu estado normal, o comunicante ou os comunicantes repetem-lhe o nome com insistência e fazem todo o esforço para que ela dele se lembre e o pronuncie ao sair do transe. Já tive ocasião de citar um exemplo desse fato. Paul Bourget perguntou o nome da cidade onde se tinha suicidado a artista com quem ele se comunicava. Esse nome não veio; mas, ao sair do transe, Madame Piper o pronunciou – Veneza. O nome Robert Hyslop foi dado pela primeira vez do mesmo modo, porém acompanhado de fragmento de frases muito significativas. Ei-las aqui. Primeiramente Madame Piper tentou pronunciar o nome, por fim disse Hyslop, e continuou:

– Sou eu. (113)

– Dizei-lhe que sou seu pai.

– Eu.

– Adeus, senhor.

– Eu, eu não o acompanharia desse modo.

– Oh! Meu Deus!

– Vede o homem da cruz (114) que afasta todo o mundo?

– Vistes a Luz?

– Que foi que fez cair todos os cabelos desse homem? O Dr. Hodgson perguntou: “Que homem?”

– Este senhor idoso que tentava dar-me alguma coisa, mas que não conseguiu.

(113) Proc. of S.P.R., vol. xvi. p. 322.

(114) Imperator quer dizer que sempre assinala a sua presença com uma cruz no papel, ou desenhando a cruz no ar com a mão.

Esta passagem à primeira vista parece mesmo incoerência; mas todos os fragmentos de frases têm um sentido claro quando os examinamos em face dos incidentes ocorridos na sessão. Essas frases representam ordens quando trocam de médium, observações que os espíritos presentes fazem entre eles e que o médium repete automaticamente, ou ainda observações ou perguntas do próprio médium. Tudo quanto Madame Piper diz ao sair do transe pertence a estas três ordens de idéias.

Nas citadas passagens as palavras – "Sou eu. Dizei-lhe que sou seu pai... Eu..." – são ordens dadas quando Robert Hyslop troca de médium. Pela fórmula – "Adeus, senhor" – Madame Piper recebe o convite de Hyslop para deixar o seu espírito. As frases que se seguem – "Eu, eu não o acompanharia desse modo... Oh! Meu Deus!... Vede o homem da cruz que afasta todo mundo?" – são observações de algum espírito, repetidas automaticamente, ou observações da própria Madame Piper feitas a Imperator que, vendo esgotada a luz que aclara o médium, afasta imperiosamente todo mundo, inclusive Robert Hyslop, não obstante sua insistência em ficar junto a seu filho. Imperator recorreu mesmo a uma certa violência para poder legitimar aquela observação

– "Eu, eu não o acompanharia desse modo."

As últimas frases são todas também observações ou perguntas: – "Vistes a luz?"

– sem dúvida faz alusão à luz de outro mundo invisível para nós. As outras frases são bastante claras se nos lembrarmos de que Robert Hyslop era completamente calvo. Em todas as saídas de transe há sempre desses fragmentos de diálogos que somente são incoerentes na aparência. As últimas palavras provêem sempre, salvo erro de minha parte, de Madame Piper como é

lógico compreender-se, porque ela vai perdendo progressivamente a consciência do mundo que abandona até o despertar definitivo, despertar esse percebido pelos supostos estalidos da cabeça.

Esses diálogos ao sair do transe constituem, ao nosso ver, um argumento a mais contra a hipótese da telepatia e das segundas personalidades, porquanto, se existe a simulação, nenhum traço dela está aparente. Será atribuir à telepatia muita habilidade na arte de simular.

Esses diálogos reconduzem a questão ao primitivo plano. Que faz o espírito do médium, se espírito existe? – "Ele sai do corpo", dizem os guias, "e permanece em companhia do grupo de espíritos que dão as comunicações".

"Mas", dirão, "se o médium viveu momentaneamente a vida em outro mundo, por que ao despertar não conta ele as suas impressões?"

Não esqueçamos que, para os espíritos, nossa vida não é mais que um sono e que não temos consciência do que adquirimos por intermédio dos cinco sentidos. Quando o espírito volta a mergulhar-se na prisão do corpo, depois de estar momentaneamente liberto, ele adormece, esquece tudo, e recomeça a viver somente da vida fragmentária que lhe permitem os seus cinco sentidos. A completa ausência de lembrança no médium ao despertar não é mais surpreendente que o mesmo fenômeno em um indivíduo que sai de uma hipnose profunda, hipnose durante a qual ele pode ter falado muito e até se agitado bastante.

Contudo, durante os curtos instantes em que Madame Piper fica como que suspensa entre os dois mundos, ela ainda tem uma vaga lembrança do que acaba de experimentar; os fragmentos de frases

que pronuncia o demonstram suficientemente. É raro não derramar algumas lágrimas, dizendo: “Quero ficar aqui, não quero voltar ao mundo obscuro!”

Eis aqui uma passagem característica a título de exemplo. Madame Piper, saindo do transe, põe-se a chorar e murmura: “Não quero voltar às trevas... Oh! É...é... deve ser a janela... Mas pergunto a mim mesmo... pergunto o que é feito de todos... (115) É estranho... esqueci-me que estava viva... Sim, senhor Hodgson, eu tinha esquecido... Ia dizer-vos alguma coisa, mas não sei mais o que era... Vede quando minha cabeça estala, não posso dizer nada... Deve ser noite. Ah! Meu Deus! Sinto-me fraca... Isto é o meu lenço?”

Outras vezes ela se serve de mensagens extravagantes como esta: “Estais vendo Rector mostrando-me uma placa escura de um lado e luminosa do outro? Ele diz, mostrando-me o lado escuro – ‘Este é o vosso mundo’ – e exibindo-me a face luminosa

– ‘Eis o nosso...’”

Uma outra vez Madame Piper disse de finda a sessão: “É o meu corpo que está ali? Como ele comicha!...”

Parece que Imperator antes de fazê-la voltar ao mundo de trevas faz preces por Madame Piper e ela repete automaticamente fragmentos dessas preces:

– “Isso é uma prece? Diga-a.” (116)

– “Que o Pai esteja contigo por toda a eternidade.”

– “Servus Dei”...

– “É preciso que eu cuide de todos aqui. Deixo-te com boa saúde.”

– “Vai e faz o que é do teu dever.”

– “Que a benção caia sobre tua cabeça.”

– “A luz se acabará.” (117)

– “Por que dizeis isto?”

– “Vai, adeus.”

– “Quero ir convosco seguir pelo mesmo caminho”

– “Ouvis o assovio?”

(Era, com efeito, um assovio terreno que os assistentes ouviam).

(115) Os espíritos em companhia dos quais ela estava.

(116) Proc. of S.P.R., vol. xvi. p. 396.

(117) Esta frase – “A luz vai se acabar” – que, provavelmente, é de Imperator, deve significar – Um dia virá em que tu te reunirás definitivamente. Ou Madame Piper não compreendeu, ou é uma espécie de despertar do instinto de conservação que a faz perguntar: “Por que dizeis isto?”

Capítulo XX

Os resultados obtidos são animadores. – É necessário resolver o problema.

Poderá haver alguma conclusão neste trabalho? Não, este trabalho não comporta qualquer conclusão. Em todo o caso, terminando-o, pude fazer algumas constatações. O Dr. Hodgson, o professor Hyslop e outros, que se empenharam nestes estudos, tão céticos como outros quaisquer, mas sem propósitos preconcebidos, terminaram, depois de hesitações que perduraram por longos anos, por aceitarem a hipótese espírita. Mas, ainda como fazem cuidadosamente observar, admitem esta hipótese provisoriamente e não definitivamente. Novas experiências e novos fatos orientarão, talvez, seus espíritos em uma outra direção.

Devemos segui-los? Deve cada um de nós aceitar, provisoriamente, a hipótese espírita? Não. A ciência não se faz assim. Aquele que acredite ter excelentes razões para preferir à hipótese espírita qualquer outra hipótese deve permanecer inabalável nas suas convicções até o dia em que os fatos o obrigarem a abandoná-las. A ciência não exige que se prefira tal ou qual explicação; ela exige simplesmente que se estude os fatos sem propósitos preconcebidos, com imparcialidade, que se seja de boa fé e que não se feche puerilmente os olhos à evidência.

Para que a sobrevivência seja, não digo demonstrada, mas apenas admitida por grande número de pessoas, é necessário, em primeiro lugar, que muitos experimentadores, trabalhando

independentemente uns dos outros em todos os pontos da terra, cheguem a conclusões idênticas.

Em seguida é preciso que todo o homem inteligente, não recuando diante do esforço, possa, recomeçando o caminho percorrido pelos primeiros observadores, chegar às mesmas conclusões que eles. O magister dixit venceu. Os mestres de hoje devem mostrar aos discípulos o caminho da verdade, e não lhes impor o que eles, os mestres, consideram como a verdade. A ciência moderna não conhece papa infalível, mesmo falando ex cátedra.

Por outro lado não é preciso limitar-se a estudar uma única forma de mediunidade. Os fenômenos que se produzem em presença dos médiuns são bastante variados. É necessário que todos os fenômenos podendo ser englobados sob a denominação de psíquicos sejam cuidadosamente considerados e esquadrinhados. É preciso separar o joio do trigo. É preciso determinar quais são aqueles entre os fenômenos que parecem devidos aos espíritos desencarnados, quais o que, conforme tudo evidencia, são devidos aos espíritos encarnados e, enfim, quais os que não têm outras causas (e os há) senão as próprias causas físicas ordinárias. Os novos obreiros que penetram agora no campo da ciência têm, percebe-se, um bonito trabalho de decifração diante deles; mas o terreno parece de uma fertilidade sem par. Esse terreno produzirá amanhã, por pouco que se queira, uma colheita como jamais se viu.

Se os médiuns que produzem alguns fenômenos duvidosos são numerosos, os bons médiuns não andam aos pontapés, é evidente, mas contudo são menos raros que as ossadas dos Antropopithecus erectus. Quando se descobre um bom médium não é necessário, para se aquilatar o valor que ele possa ter para a

ciência, reunir uma comissão e por a questão a votos. Se o outro mundo existe, parece nada haver entre esse outro mundo e o nosso de missing link.

Portanto, a conclusão mais generalizada que se pode tirar dos trabalhos estudados neste opúsculo e em outros trabalhos da Sociedade Anglo-americana de Pesquisas Psíquicas, é a de que não nos entregaremos a esses estudos inutilmente.

Mesmo a ciência oficial deveria orientar-se por esse lado, quando mais não fosse, ao menos para defender as doutrinas que lhe são mais caras. Ela chegará aí, certamente, mas será a tempo? Ai de nós! Nossa pobre humanidade é deploravelmente inferior, essa humanidade que os monistas não acreditam nos representar verdadeiramente como sendo no nosso cantinho do espaço a mais alta expressão da consciência do grande deus Pan. A grande maioria das coletividades humanas é composta de espíritos na primeira infância, não se interessando senão por coisas infantis. Mal grado à perversidade que caracteriza a maior parte das ações humanas, pergunta-se, considerando-se estas ações de um pouco mais alto, se se deve rir ou chorar.

Modificando-se ligeiramente a famosa alegoria de Platão à qual já fiz alusão, pode-se facilmente compreender o que é a humanidade na hora atual. Imaginai seres imperfeitíssimos, sem evolução, porém tendo em si próprios uma infinidade de potencialidades latentes; imaginai, disse eu, estes seres nascendo em uma caverna sombria, movendo-se sem cessar, em confusão, passando o melhor do seu tempo a se devorarem mutuamente. Constantemente são retirados um certo número desses seres inferiores e transportados à luz do dia para fazê-los gozar uma vida mais elevada, para fazê-los admirar as belezas da natureza. Aqueles que ficam na caverna choram seus companheiros que são

arrebatados e os consideram como desaparecidos para sempre... Entretanto na abóbada da caverna existem algumas fendas pelas quais se filtram alguns raios de luz. Um certo número de curiosos, pouco mais evoluídos são içados até essas fendas; eles observam e acreditam ver que de fora lhes faziam sinais: “Aqueles que estão nos fazendo sinais”, dizem entre eles, “são talvez os que dentre nós são levados todos os dias. Mas então não estão mortos; eles continuam a viver lá em cima.” Eles chamam por seus irmãos: “Vinde ver, parece-nos que os nossos companheiros que vão lá para cima todos os dias, estão fazendo-nos sinais. Não temos certeza, mas unindo nossos esforços e nossas inteligências acabaremos por nos certificar”. Acreditai que a multidão daqueles que se movem sem descanso no solo da caverna acorrem? Não, eles procedem de outro modo. Não apedrejam os pesquisadores importunos mas os olhai com raiva e os acabrunham de desgostos.

Mas deixemos essas alegorias; não estamos no Oriente onde se aprecia as parábolas. Simplesmente digamos que é deplorável que os estudos psíquicos não inspiram mais entusiasmo.

Os médicos começaram por declarar que a mediunidade é uma nevrose. Nada é menos certo, nada é menos provável. Criaturas que tendo instrução e uma situação social independente, que por acaso descobrem em si dons mediúnicos, costumam ocultar cuidadosamente esses dons em vez de os oferecer espontaneamente a estudos. Bolas! Elas não querem passar por enfermas; ninguém gosta de exibir suas enfermidades em público. Por isto é que, embora chegando á notoriedade, os médiuns são quase sempre recrutados nas baixas classes sociais e entre os menos favorecidos pela fortuna. Eles são obrigados a traficar seus dons; pagos para produzir fenômenos e, quando esses fenômenos não se produzem espontaneamente, fraudam. Seria conveniente

encontrar médiuns entre as pessoas instruídas que não estivessem obrigadas a ganhar o seu pão de cada dia. Existe entre essas pessoas tantos ou mais que em qualquer outro meio. É só procurar. Que pensam esses médiuns? Será que a senhorita Smith e Madame Piper permitindo a homens competentes estudarem suas mediunidades, não prestaram à ciência, não ofereceram à humanidade serviços diversamente consideráveis enquanto duvidosas personalidades, enquanto indivíduos blasonadores nos ensurdeciam com os seus alardes? Alguma infâmia salpicou seus nomes?

Enfim, para caminhar depressa nesses estudos é preciso – por que não dizer? – é preciso dinheiro. É preciso pagar a indivíduos que interessem quando esses indivíduos tenham necessidade de ser pagos; é preciso pagar os experimentadores competentes quando eles necessitem de um salário. Se se consagrasse à solução do grande problema a milésima parte do que se consagra em um ano à arte de matar, antes de dez anos o teríamos resolvido, e a humanidade poderia gloriar-se de jamais ter feito conquista semelhante.

Na França aqueles que podem dar e dão, não o fazem senão para alimentar os cofres da superstição. Na América e em todos os países anglo-saxões, não se está mais avançado. Muitos homens tão nobres quanto generosos dão para a ciência, para a instrução de muitos, para fundar escolas ou universidades. Benditos sejam esses homens! Eles fazem de suas fortunas nobre uso. Mas é deplorável que se gaste tanto dinheiro, quanto for preciso, para descobrir, por exemplo, os vestígios do Antropopithecus erectus e que não se disponha de recursos para as pesquisas psíquicas.

Se não me engano, existe um prêmio para aquele que descobrir um meio de comunicação com os habitantes de Marte. Se nunca

estabelecerem essas comunicações, não vejo razão para que a humanidade não retire daqueles recursos outras vantagens para satisfazer sua curiosidade, nobre e legítima curiosidade, aliás. Quão vantajoso e interessante seria a comunicação com o mundo do Além, se esse mundo existe, já que todos nós para lá devemos ir! Espero que a humanidade acabará por compreender.

Post Scriptum

Fui levado a falar neste trabalho das supostas confissões de Madame Piper, feitas a um repórter do New York Herald (edição de Nova York). O artigo era mesmo absurdo e eu disse como me parecia suspeito. Eu tinha razão. Madame Piper apressou-se em escrever ao Light, jornal espiritualista inglês muito conhecido, para desmentir as asserções que lhe emprestaram. Traduzi textualmente o artigo do Light (número de 30 de novembro de 1901). Recebemos uma carta de Madame Piper, a respeito de uma entrevista que ela teve com um redator do New York Herald, entrevista da qual já falamos naquele jornal e também da qual a imprensa de Londres se ocupou. Madame Piper afirma-nos que algumas das asserções que lhe emprestaram naquele artigo não têm qualquer fundamento.

"Sempre sustentei que esses fenômenos poderiam ser explicados tanto de outro modo como pela intervenção de espíritos desencarnados."

Madame Piper afirma-nos que nada disse de parecido.

"A bem da verdade devo declarar que não creio que os espíritos dos mortos tenham falado pela minha boca, enquanto estou em estado de transe, estado que tem sido estudado por sábios de Boston e de Cambridge e também por membros da Sociedade de Pesquisas Psíquicas, quando me fizeram vir à Inglaterra para me estudarem. Talvez que espíritos tenham falado por minha boca, mas não o afirmo."

Estas palavras foram atribuídas gratuitamente a Madame Piper; ela não as pronunciou e mesmo nada disse que pudesse ser assim interpretado.

Eis ainda uma suposta declaração de Madame Piper que encheu de alegria os nossos adversários: "Jamais ouvi falar do que quer que fosse pronunciado por mim em estado de transe, que não tivesse sido possível encontrar-se em estado latente: 1º – No meu próprio espírito; 2º – no espírito da pessoa que tinha a direção dos trabalhos na sessão; 3º – no espírito da pessoa que tentava obter comunicação de algum de seus parentes que vive em uma outra existência; 4º – no espírito de qualquer pessoa que acompanhe o consultante; 5º – no espírito de uma pessoa ausente, mas vivendo em qualquer parte na terra."

Madame Piper declara que isto é pura invencionice do repórter, ou ainda simples desdém. Ela nada disse de semelhante. Ao contrário, quando o repórter lhe perguntou qual era a sua opinião a respeito das conversações durante o transe, ela respondeu prudentemente:

"Muitas vezes pensei que, se eu pudesse me ver como os outros me vêem, ou me ouvir como os outros me ouvem, então eu estaria em condições de ter uma opinião."

A respeito da palavra confissões que servia de título do artigo, Madame Piper que não fez confissões e nem as faz, disse o seguinte:

"Tendo ouvido dizer que o New York Herald, em uma notícia preliminar, tinha ligado seu nome à palavra "confissões", ela imediatamente proibiu que o artigo fosse publicado. Então recebeu um telegrama do Herald que a aconselhava a "dormir em paz". Afirmava-lhe que a palavra confissões não tinha sido posta na publicação senão para atrair a atenção do público e que não

apareceria mais no artigo. Madame Piper compreendeu que vários jornais ingleses a tinham apresentado como uma criada para todo o serviço, evidentemente com o fim de lançar o descrédito sobre as capacidades intelectuais que tinham examinado os seus fenômenos. Ora, não somente Madame Piper nunca foi criada para todo o serviço, como também nunca foi empregada para serviços domésticos, em toda a sua vida. Todavia, este erro não é do New York Herald, mas acreditamos ser do correspondente do Daily Telegraph de Londres, em Nova York.

Aí estão textualmente as palavras do Light. Et nunc erudimini. (118).

(118) Significa: "Agora aprendei também vós". (N. R.)

LUZ ESPÍRITA
www.luzespirita.org.br

A E C
Autores Espíritas Clássicos